



*Almas e Angola:
a Umbanda de negros e brancos em Florianópolis*

Almas e Angola:
a Umbanda de negros e brancos em
Florianópolis

por

Vanessa Lehmkuhl Pedro

Trabalho realizado como Projeto de Conclusão do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina durante o primeiro semestre de 1997, sob a orientação da professora doutora Sônia Maluf.

julho de 1997

X

*Toda sexta-feira
Toda roupa é branca
Toda pele é preta
Toda mundo canta
Todo céu magenta*

*Toda sexta-feira
Todo canto é santo
Toda conta
Toda gota
Toda onda
Toda moça
Toda renda*

Adriana Calcanhoto

Agradecimentos

Essa reportagem só pôde ser realizada com a ajuda de muitas pessoas, ao mesmo tempo amigas e profissionais. Agradeço em primeiro lugar a minha orientadora, professora Sônia Maluf, por ter me mostrado e discutido comigo várias possibilidades de fazer jornalismo. Durante todos esses meses de pesquisa e idealização do trabalho, ela foi uma pessoa em quem pude confiar para expor minhas idéias, e de quem recebi muito incentivo e amizade. Também não teria escrito uma linha sequer, sem o apoio dos meus amigos do Curso de Jornalismo. Um livro sobre a língua yorubá e uma bela dedicatória me fizeram acreditar que o pré-roteiro se transformaria numa reportagem. Marina escreveu nesse presente que o meu trabalho era grande porque já tinha alma. Essas palavras e muita ajuda, diurna e noturna, na hora de editar as fotos, fizeram a reportagem chegar até última linha. Na verdade, o trabalho em equipe marcou o último semestre de muitos de nós no curso. Por isso, ainda quero agradecer a Ana, ao Marco, a Cris, ao Alex, e a todas as pessoas que se importaram com a realização desse trabalho.

Um agradecimento especial à minha família, principalmente à minha mãe e ao meu pai, pelo incentivo diário e por terem me proporcionado o convívio com a Umbanda desde criança. Além disso, toda a minha gratidão vai para os integrantes de *Almas e Angola*, que me ajudaram em todos os momentos do meu trabalho. Aos orixás e entidades da Umbanda, minha admiração e respeito. Enfim, a todos meus sinceros agradecimentos. Espero que as pessoas lembradas nessas linhas continuem fazendo parte da minha história.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	01
MORRE A DAMA DA UMBANDA	03
Oferendas e cristais	05
O fim da vigília	10
Velório na capela	20
Despacho na cachoeira	27
Entre a mesa e o terreiro	31
Invisibilidade do terreiro	41
IMAGENS I	46
RITUAL: OS CAMINHOS NA CIDADE	57
Ao som dos atabaques	63
Mãe-de-Santo no cotidiano	73
Da cura à espiritualidade	77
Nas trilhas da Umbanda	81
Conflito	91
Gênero, pudores e incesto	93
IMAGENS II	98
YEMANJÁ: A NOVA DONA DO TERREIRO	106
Mudanças	108
Notícias de Mãe Hilca	113
Trabalho de equipe	114
Festa da reabertura	117
Café doce e feijoada	121
Gira de exu	126
GLOSSÁRIO	131

APRESENTAÇÃO

O objetivo de fazer uma reportagem sobre a Umbanda em Florianópolis é mostrar uma prática ao mesmo tempo comum e invisível aos olhos da cidade. A Umbanda faz parte da história de Florianópolis com seus orixás e entidades, mães e pais-de-santo e grande extensão de filhos. Ela está no bairro e é freqüentada por brancos e negros de todas as idades. Mas não bastava apenas observar as sessões de Umbanda e relatar seus rituais. Era preciso abrir uma pequena passagem até seus integrantes para retratar um universo de relações, crenças e discursos, que estão além do templo. O caminho para chegar à Umbanda é contar histórias sobre o cotidiano de seus médiuns, que assimilam elementos da religião em todos os momentos da vida diária. Essa é minha proposta. Tento não julgar atos ou discursos, mas fazer um recorte em um momento do cotidiano da Umbanda e mostrá-lo ao público. Ao mesmo tempo acho importante registrar minhas impressões sobre o que vejo e ouço. As reações do repórter no convívio com seu objeto de pesquisa possibilitam uma compreensão maior do assunto e dos caminhos percorridos pela reportagem.

Um outro fator me colocou como parte da narrativa e, muitas vezes, me assumo como uma das personagens da história. O motivo é conhecer a Umbanda e sua rede de integrantes há muitos anos através da minha família. Conheço o cotidiano dos terreiros desde criança, mas nos últimos anos meu contato não vinha sendo tão próximo quanto naquela época. Essa pesquisa sobre a Umbanda me fez voltar à religião com outros olhos, sem preconceitos, percebendo que esta é mais uma manifestação de religiosidade e um canal possível para estabelecer relações entre as pessoas. De qualquer

forma, o convívio de anos com os pais e mães-de-santo me proporcionou um contato com o cotidiano e os fatos da religião que, com toda certeza, não teria se não tivesse participado por tanto tempo da vida de todas as personagens desse trabalho. Ainda conto com minha memória sobre determinados acontecimentos, que puderam ilustrar muitos dos assuntos que escolhi abordar. O envolvimento com a Umbanda, em especial com o ritual de *Almas e Angola*, me fez optar inclusive por uma narração em primeira pessoa.

Além disso, preferi trabalhar com o vocabulário utilizado pelos integrantes da religião para oferecer mais um elemento de contato entre o leitor e as personagens. Uso expressões como *puxar o ponto*, que indica o ato de iniciar um cântico a determinado orixá. Ou ainda passo a utilizar a palavra *trabalho* com os vários significados atribuídos pelos médiuns - desde designar o ritual de incorporação dos espíritos todas as semanas no terreiro até se tratar da prática de um feitiço para fazer um pedido aos deuses. Optei também por diluir a descrição dos rituais ao longo do texto. Eu não queria tornar a religião exótica, nem redigir um manual de consulta dos leigos sobre o seu *orixá de cabeça*. Apenas procurei registrar o que presenciei e as histórias que me contaram para mostrar que Florianópolis não é só terra de festa do Divino ou de Nossa Senhora dos Navegantes. É também terra de festa de Yemanjá.

MORRE A DAMA DA UMBANDA

Os filhos vão chegando um a um, todos vestidos de branco. Depois de 15 anos da fundação do terreiro já são mais de 50 filhos-de-santo. São homens, mulheres, brancos, negros. De várias idades. Os irmãos agora se encontram para homenagear a mãe. Muitos trazem flores. Todos se abraçam. Para os umbandistas não é possível dizer que o título mãe-de-santo seja pouco para expressar o que a Yalorixá Hilca Soares, filha de Iansã, representa para eles. A palavra mãe-de-santo já ganhou um significado maior do que o próprio título de mãe.

Depois de passarem o dia ao lado dela, um dos filhos se aproxima para dar adeus. Os demais, um após o outro, fazem o mesmo. Acariciam-lhe o cabelo e beijam-lhe a mão como sempre fazem para pedir a sua benção. A fila de filhos é imensa. Cada um olha de um jeito especial para a Mãe Hilca. Vem à lembrança a recordação de muitos anos juntos. Um convívio quase diário. As lágrimas não podem ser contidas nesse fim de tarde porque a benção que pedem é a última que ela pode dar na Terra. Depois de todos se despedirem a urna é fechada e o cortejo segue. Mãe Hilca, um das mais importantes mães-de-santo da Umbanda em Florianópolis, morreu de aneurisma cerebral no amanhecer do dia 21 de fevereiro de 1997, numa sexta-feira, dia dedicado ao orixá maior na Umbanda, Oxalá.

A doença e a morte dessa mãe-de-santo mexeram com o cotidiano da Umbanda em Florianópolis. Embora o número de terreiros na cidade passe dos 150, praticamente todos se conhecem. O destino da vida de Mãe Hilca é acompanhado em vários cantos, mesmo lá onde a maioria das pessoas nem imagina que exista um umbandista ou um frequentador de terreiros. Ao dar uma olhada rápida para o cenário de Florianópolis, especialmente para o Centro da cidade, é difícil, para quem não conhece, identificar sequer que

haja Umbanda em Nossa Senhora do Desterro. Mas basta prestar um pouco de atenção e caminhar pelos bairros da cidade, sobretudo às sextas-feiras à noite, para ouvir os sons dos atabaques. A morte de Mãe Hilca é notícia para milhares de pessoas de todas as classes sociais, idades, gêneros, raças. Mas não está nas páginas dos jornais ou no noticiário da TV. Talvez a morte de um bispo católico tivesse o registro da imprensa. De qualquer forma, um dos maiores acontecimentos deste ano na Umbanda em Florianópolis ficará registrado na memória das pessoas que conheceram a yalorixá e nas páginas deste reportagem.

Cinco de fevereiro. Mãe Hilca fala ao telefone com seu filho-de-santo Luiz. Os dois sempre foram muito apegados, talvez mais do que ela era com qualquer outro. Já viajaram e passaram natais juntos. A conversa continua até que ela sente uma dor forte na cabeça. Ele pergunta o que está acontecendo e ela responde que a cabeça dói. O telefone fica mudo. Mãe Hilca cai desmaiada no chão. Nesse momento entra na casa a sobrinha dela que mora ao lado. Mãe Hilca é levada ao hospital. O primeiro médico no Hospital Florianópolis diagnostica apenas uma simples dor de cabeça. Receita alguns remédios leves, analgésicos. Não é suficiente.

No dia seguinte ela já está ocupando um quarto do Hospital de Caridade com suspeita de aneurisma no cérebro. Exames começam a ser feitos até confirmarem a suspeita. Quando o resultado chega, já havia sido colocada, na porta do quarto do hospital, uma lista com os nomes dos filhos-de-santo determinando uma escala de quem passaria as manhãs, tardes e noites com a mãe. Os médicos receitam remédios para dissolver os coágulos e acalmar a dor de cabeça. Na Tenda Espírita Santa Rosa de Lima, o terreiro comandado por Mãe Hilca, os encontros para fazer orações pedindo pela mãe-de-santo não param. Comidas-de-santo são entregues no altar para que ela fique curada. São pratos com oferendas a Oxalá pedindo

misericórdia, a Obaluaê suplicando cura e aos orixás responsáveis pela mãe-de-santo, Iansã e Ogum, para que eles lhe dêem proteção para enfrentar as dificuldades que ainda viriam.

Essas obrigações são deixadas aos pés de cada orixá, representados por estátuas de santos católicos. Oxalá recebe seu prato com algodão e canjica no ponto mais alto sob a figura de Jesus Cristo. À direita de Oxalá, Iansã, representada por Santa Bárbara, com uma espada entre as mãos. Ogum mora na Lua e vem montado no cavalo de São Jorge que aponta também uma espada contra o dragão. Obaluaê é orixá das doenças e dos doentes. O médico dos pobres está na base do altar como São Lázaro. Na sua frente, pipoca com azeite de dendê. Essa ordem no altar varia em cada terreiro dependendo da escala de santo da dona ou dono. Cada um tem maior influência de determinados orixás. Não importa qual o lugar dos santos no altar. Esses trabalhos, que iniciam com as oferendas feitas aos orixás dentro do terreiro, pedindo a cura de dona Hilca, parecem ter uma importância muito maior para os filhos-de-santo do que o próprio trabalho médico. Todos fazem uma verdadeira vigília pela mãe.

Oferendas e cristais

Os trabalhos espirituais não são feitos apenas à distância. Muitas vezes um grupo pequeno de médiuns do terreiro da própria Mãe Hilca faz alguma mandinga no quarto do hospital. Mesmo depois de transferida para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), os filhos-de-santo dão um jeito de entrar, até fora do horário de visitas, para levar um remédio espiritual. Em uma das vezes, os médiuns fazem um trabalho com uma cebola e a levam até a mãe-de-santo tarde da noite. Eles até acreditam que não vão poder

entrar para vê-la. Pedem à enfermeira de plantão para que ela apenas passe a cebola nos pés e na testa da sua paciente, isso já funcionaria. Talvez por medo do desconhecido, a enfermeira prefere deixar que o grupo inteiro entre fora do horário permitido a ela ter que fazer algo com aquele objeto vindo direto de um terreiro de Umbanda.

Os umbandistas não fogem a regra de boa parte dos brasileiros. Eles também acreditam e utilizam energias que nunca estiveram diretamente ligadas com a Umbanda. A energia dos cristais, por exemplo. Muitos médiuns dos terreiros costumam trabalhar com essas pedras relacionadas aos orixás da religião. Um dos usos mais comuns hoje é no jogo de búzios, uma outra prática que vem do Candomblé e cada vez mais está sendo difundida entre os umbandistas. As pedras são utilizadas durante o próprio jogo, dispostas dentro da peneira, uma espécie de prato de palha trançada onde os búzios são jogados. Os cristais também são usados sozinhos servindo de catalisador para que o médium envie energias para o restabelecimento de uma pessoa.

Kátia, uma das filhas-de-santo, leva até o quarto do hospital uma série de pedras para energizar Mãe Hilca. As pedras de todas as cores, tamanhos e funções são colocadas debaixo da cama em uma ordem que a médium estabelece. Nesta noite, dona Hilca está um pouco agitada e não consegue dormir. A cabeça ainda dói. Durante a tarde ela ficou sabendo, por acaso, através de um enfermeiro, que provavelmente faria uma cirurgia na cabeça para a retirada dos coágulos. São mais de dez da noite. O quarto está à meia-luz. Depois de “preparar” as pedras, a filha-de-santo pára aos pés da cama da mãe e começa uma energização com a ajuda dos cristais. Enquanto isso os outros médiuns continuam no terreiro, como se estivessem ocupando a casa na ausência da mãe, renovando as comidas-de-santo e entregando-as aos orixás no altar. As oferendas são entregues e as orações

são feitas. A energização chega ao fim. O resultado visível a nós que estamos no quarto é que, antes do fim do trabalho, dona Hilca já dorme tranquilamente na cama do hospital.

Não é possível comprovar cientificamente que a energização e as orações tenham sido responsáveis pelo relaxamento da mãe-de-santo, mas uma das filhas de sangue de Mãe Hilca, que passa a noite com ela, agradece a médium quando ela vai embora. As pedras devem permanecer espalhadas sob a cama do hospital por mais um dia até que a filha-de-santo volte para retirá-las. Se alguém vier limpar o lugar deve ser avisado disso.

Eu, a Kátia e o Chico - outro filho-de-santo de Mãe Hilca que também foi ao Caridade aquela noite - saímos tarde do hospital. Andamos pelo labirinto de corredores e passamos pelas imagens de santos que parecem indicar o caminho da saída. Entramos no carro e percebemos que o esforço daquele dia foi grande. O cansaço e a fome avisam que é melhor parar para comer em algum lugar. Dirijo até uma pizzaria no Balneário, bairro onde fica o terreiro de Mãe Hilca. Os assuntos da noite são a doença da mãe-de-santo, a rapidez com tudo aconteceu e o estado de saúde dela naquele momento. As opiniões oscilam entre a esperança de que Mãe Hilca sobreviva, o temor de um futuro com vida vegetativa e o medo da morte. Chico dispara uma frase que é quase profética: “a dama da Umbanda pode estar morrendo naquele hospital”.

O título que ele dá para sua mãe-de-santo leva a conversa para outro rumo. Começamos a falar sobre o *status* que ela atingiu em mais de 30 anos dentro da Umbanda. Nesse momento, dona Hilca é uma das mães-de-santo de maior prestígio na cidade. Além da seriedade com que ela trata a sua função no terreiro, a virtude mais reconhecida é a manutenção dos rituais tal como aprendeu com seu pai-de-santo, Pai Evaldo. É indicada como uma sacerdotisa que de fato segue o ritual de *Almas e Angola*, um tipo de

Umbanda cultuado pela maioria dos terreiros de Florianópolis. Apesar de uma das características da religião ser a autonomia dos terreiros, onde cada pai-de-santo estabelece a sua linha de condução do ritual, os umbandistas não deixam de criticar aqueles templos onde supostamente se estaria desviando de *Almas e Angola*. Chico diz com orgulho que quer fazer do seu terreiro a cópia reduzida do terreiro de Mãe Hilca.

No dia seguinte as pedras permanecem debaixo da cama. A servente faz a faxina sem maiores espantos. O único choque, que até vira piada contada pela própria Mãe Hilca, acontece no dia seguinte quando um padre visita os pacientes do hospital. Ele entra no quarto dela, se aproxima da cama para conversar e esbarra em uma das pedras, que rola e bate na parede. O padre troca algumas palavras e sai do quarto em poucos minutos. Logo em seguida eu entro junto com a médium da energização e encontro todos rindo sem parar. Mãe Hilca conta o episódio do padre e diz que ele veio dar a extrema-unção. Mas foi embora bem rápido.

Neste dia, uma sexta-feira, ela parece bem mais disposta. Faz as velhas piadas, pergunta por algumas pessoas. A impressão de quem vai visitar é unânime. “Hoje ela está com cara de Joãozinho”, define uma outra filha-de-santo que chegou comigo se referindo ao jeito de moleque que dona Hilca aparenta e que seria a mesma expressão que ela tem quando incorpora no terreiro o espírito de uma criança chamada Joãozinho. Um jeito travesso de quem espia com o canto do olho. Ela não nega o apelido e até se diverte com a comparação com a criança (*beijada* como chamam na Umbanda esses espíritos) com a qual *trabalha* há tantos anos. Essa impressão é passada de boca em boca, a cada telefonema, durante todo o dia. As pessoas sabem e lembram como é a tal cara de Joãozinho e ficam mais calmas e com esperanças renovadas. É hora de recolher as pedras que ainda estão debaixo da cama.

A grande família percorre diariamente os corredores do Hospital de Caridade. Todos com a atenção voltada totalmente para o estado de saúde da mãe. Mas são tantos que não se sabe quem centraliza as informações que vêm da equipe médica ou toma decisões importantes. Uns têm seus contatos com médicos conhecidos, muitos trabalham em outros hospitais da cidade. O responsável não está oficialmente nem entre os filhos de sangue, nem entre os filhos-de-santo. Existe até um conflito entre eles. Os filhos de sangue não aparecem muito tomando a frente da situação. Os filhos-de-santo se consideram filhos, mas não se sentem no direito de passar por cima da “família” e decidir o futuro de Mãe Hilca. Mas na maior parte do tempo são eles que estão acompanhando tudo diariamente. Há uma mediação entre as duas famílias feita por pessoas que fazem parte de ambas. Dona Hilca tem sobrinhos e sobrinhas que participam do seu terreiro e são seus filhos-de-santo. De qualquer forma existe uma certa descentralização de informações. A cada visita dos médicos há sempre um filho diferente - velho, jovem, negro, branco - para quem eles explicam como vai o quadro clínico de sua paciente.

A cirurgia havia sido marcada para essa sexta-feira do episódio do padre, mas os médicos avisam que será adiada. Não é a primeira vez. A cirurgia já é cogitada e ela nem sabe que tem coágulos no cérebro. Eles resolveram definitivamente esperar completar dez dias da primeira crise para que o cérebro desinche e a dor de cabeça diminua. Segundo os médicos do Hospital de Caridade, a cirurgia deveria ter sido feita assim que ela chegou ao primeiro hospital, mas houve demora em dar o diagnóstico. Agora se sabe que são dois coágulos em locais distantes no cérebro e de difícil acesso. Talvez não seja possível retirá-los na mesma cirurgia. Enquanto a operação não é remarcada, os médicos aplicam medicamentos para desinchar o cérebro. A cirurgia não sai e fico sabendo que no dia

seguinte Mãe Hilca está com o lado direito do rosto paralisado por causa de mais um derrame. Ela não perde a consciência e está muito assustada. Os médicos dizem que pode ser apenas efeito dos remédios. Na segunda-feira a mãe-de-santo vai para a Unidade de Terapia Intensiva.

O fim da vigília

A semana passa sob muita tensão. As preocupações com o estado de saúde de dona Hilca aumentam com a ida para a UTI. Os *trabalhos* no terreiro pedindo misericórdia e cura são feitos agora diariamente. Enquanto um grupo de médiuns vai vê-la, outro está orando aos orixás. As visitas na UTI são restritas. Devem entrar apenas duas pessoas durante uma hora por dia no meio da tarde. Mesmo assim a frequência não diminui. Chega gente de todo lado dizendo que é filho e precisa ver a mãe. Quase todos conseguem entrar. No fim da visita o médico sai da sala da UTI para dar o boletim médico. Mas só deveria falar aos parentes. Quando ele passa a porta da Unidade é abordado por Beth, uma negra alta, forte, cabelos curtos, filha de Xangô, que pede informações sobre a paciente dele. O doutor pergunta quem ela é. “Filha da dona Hilca”, responde Beth. O médico conta como anda a saúde de Mãe Hilca.

Beth e outras irmãs-de-santo saem do hospital e voltam ao terreiro. Uma delas é Fátima, que estava afastada de dona Hilca e da Umbanda há algum tempo. Ela desistiu dos orixás e entrou para a Igreja Universal do Reino de Deus, que os umbandistas chamam de forma zombeteira de *Leléia*. Desde que soube da doença da yalorixá, a quem ainda chama de Mãe Hilca, vai visitá-la sempre. Depois de quase dois anos sem entrar na Tenda Espírita Santa Rosa de Lima e com um pouco de receio, volta para ajudar nas orações. Dois meses após a morte de dona Hilca, uma outra mãe-de-

santo, Maria Alice, me conta que Fátima passou a fazer parte da *corrente* do seu terreiro. É médium da Umbanda novamente.

Na terça-feira dona Hilca entra em coma. A confiança diminui, mas a prece aumenta. As orações e os trabalhos no terreiro são reforçados. Cada um que entra para vê-la leva palavras de carinho e esperança, mesmo ela estando inconsciente. Muitos acreditam que dona Hilca ouve o que é dito durante o estado de coma. As possibilidades mais comentadas para que isso aconteça são duas. O corpo consegue escutar sem poder dar nenhum sinal ou o espírito da mãe-de-santo, ao lado do corpo e sem sentir dor, sabe tudo o que se passa em torno dela.

Consigo entrar alguns minutos para vê-la. Minha mãe, que é filha-de-santo de dona Hilca, me orienta para que eu converse e faça carinho porque dona Hilca pode me ouvir. Alguns minutos antes ela mesma havia entrado e saiu contando que lágrimas escorreram dos olhos de Mãe Hilca quando minha mãe falou do amor que todos os filhos sentiam e que estavam esperando por ela no terreiro. Visto o avental azul claro do hospital por cima da roupa e peço para o enfermeiro me levar até a cama da mãe-de-santo. São muitos leitos numa grande sala que tem apenas algumas divisórias de acrílico. Chego até ela. Ainda é a figura da Iansã guerreira que impunha a adaga contra os inimigos. Só que agora tem uma fragilidade poucas vezes demonstrada pelas filhas desse orixá. O rosto aparenta cansaço. O corpo está nu sob o lençol. Há muitos aparelhos em volta dela. Acaricio o cabelo curto pintado que esconde os vários fios brancos. Os mesmos cabelos que já vi infinitas vezes pressionados pelo cocar longo de penas coloridas do Seu Cajá, espírito de um velho índio, um caboclo que ela *recebe* há anos na Umbanda.

Uma das últimas vezes em que assisti a incorporação do Seu Cajá foi na areia da praia da Daniela em uma festa de Yemanjá. Era 30 de

dezembro. A noite mostrava a lua cheia e muitas estrelas. Batia um vento frio na beira do mar. O som dos atabaques podia ser ouvido há muitos metros e guiava até a festa os que não sabiam em que lado da praia estariam os médiuns da Tenda Espírita Santa Rosa de Lima. Um altar de areia foi improvisado para colocar a imagem de Yemanjá. Em frente à estátua cavaram o chão até formar uma estrela. Ali foram acendidas muitas velas. Em volta estavam os médiuns e, em torno destes, observavam também muitos curiosos. No centro do ritual Mãe Hilca começava a sacudir o corpo. O transe estava no início. Era hora de chegar o caboclo Cajá. As atenções se voltaram todas para ele. Até que o primeiro brado do índio avisou que ele já estava na Terra comandando os movimentos do corpo da mãe-de-santo.

Seu Cajá faz a sua saudação à Yemanjá com um dos joelhos na areia, o outro dobrado na frente do corpo e mais um brado. Depois recebe seu cocar que contorna o rosto de Mãe Hilca e desce até as pernas por cima da calça e da camisa brancas. Em trabalhos fora do terreiro as mulheres não vestem suas tradicionais saias rodadas. Geni é a *cambone* do terreiro - responsável por servir aos espíritos seus objetos cada vez que eles incorporam nos médiuns. Ela entrega também um charuto a Seu Cajá, que ele acende numa vela. Junto, um copo de vinho branco. Os objetos do chefe da Tenda são trazidos sempre em uma bandeja coberta com uma toalha de renda branca. Outros caboclos e caboclas vão incorporando nos demais médiuns do terreiro. Cada um tem suas características específicas, seus cocares de vários tamanhos e cores. Todos fazem reverência ao chefe dos trabalhos. Os atabaques param de bater para que Seu Cajá transmita a sua mensagem.

Ele começa fazendo saudações ou salvando como dizem os umbandistas. Depois de cada saudação, são dados alguns toques nos

tambores e os médiuns batem palmas para apoiar o que ele diz. Seu Cajá: “Saravá Zâmbi (Deus), saravá Pai Oxalá, saravá mãe Iansã, saravá papai Ogum, saravá mãe Yemanjá, saravá todo povo de Terra, saravá todo povo de Umbanda, saravá todo povo que tem fé, saravá todo povo que não tem fé, saravá mano meu (os outros caboclos), saravá caboclo Cajá na Terra”. Ele fala sobre respeitar a Umbanda e encarar os trabalhos com seriedade. O restante da mensagem é quase impossível de ser ouvida por quem está mais afastada como eu. O som da voz de dona Hilca aos 70 anos se perde na amplidão daquela praia. Em seguida Seu Cajá assume temporariamente uma das funções do ogã e começa a *puxar um ponto* que fala da sua vinda ao terreiro. Os ogãs acompanham com seus atabaques e os médiuns cantam junto com ele. O coral dessas vozes se sobrepõe à voz da mãe-de-santo entoada pelo índio.

*Eu tava longe
Foram me chamar, eu vim
Eu vim colher a rosa
Que a roseira deu*

*Ele tava longe
Foram lhe chamar, ele veio
Veio colher a rosa
Que a roseira deu*

Depois dos caboclos a festa chega a sua parte mais importante. Dona Hilca, já fora do transe, inicia a *gira* de Yemanjá. Ela toca uma sineta de mão e grita saudando a rainha do mar: “*Odoiá*, minha mãe Yemanjá!” Os atabaques respondem e os médiuns batem palmas. Os *pontos* que cantam a sereia começam a ser puxados. Enquanto todos cantam e os orixás

incorporam, o pequeno barco com oferendas a Yemanjá é colocado no mar. São entregues vidros de perfume, espelhos, colares e muitas flores. Os médiuns incorporados com Yemanjá vão girando até a água. Batem cabeça na beira, ou seja, ficam de joelhos e encostam a testa na areia em sinal de reverência. Muitas entram no mar e dão um banho no médium. O barquinho é empurrado para alto mar pelos médiuns homens não incorporados. Como a ressaca está forte naquela noite, eles tiveram que entrar bastante para o barco não voltar. Ele vai rompendo a maré e se afastando. Um ditado na Umbanda diz que se o barco com as oferendas volta para a praia é porque Yemanjá não aceitou o presente. Quando ela recebe as obrigações, o barquinho desaparece no mar.

*O mar
Misterioso mar
Que vem do horizonte
É o berço das sereias
Lendário e fascinante
Olha o canto da sereia
Ialaô odê Ialoá
Em noite de lua cheia
Eu ouço a sereia cantar
E o luar sorrindo
Então se encanta
Com a doce melodia
Os madrigais vão despertar
Ela mora no mar
Ela brinca na areia
No balanço das ondas
A paz ela semeia
Toda côrte engalanada
Transformando mar em flor*

*Vê seu filho enamorado
Chegar na morada do amor
Oguntê, Marabô, Kayala e Sobá
Oloxum, Inaê, Janaína, Yemanjá
São rainhas do mar*

Ainda cantando para Yemanjá, começam a chegar as beijadas. As crianças sempre incorporam no final das festas, seja na praia, no terreiro ou na cachoeira quando é festa de Oxum. Elas vêm fazendo os médiuns rolarem pelo chão. A maioria usa bico e adora doces. Quando não tem chupeta, chupam o dedo mesmo. A festa quase vira uma bagunça pela correria habitual de crianças. As beijadas são tratadas pelas pessoas que freqüentam a Umbanda, médiuns ou não, como qualquer criança que conhecemos. Paulinho é um dos mais travessos. Ele é incorporado por Luiz, um bibliotecário de mais de 30 anos e que já carrega uma considerável barriga. Isso não atrapalha em nada. A agilidade de Paulinho naquele corpo continua sendo a de uma criança de cinco anos.

A principal meta do moleque é jogar as pessoas na água. Quando ele encara alguém, o melhor é sair correndo ou então, banho na certa. Ele não me atira no mar, mas ganho um abraço forte e molhado. Um amigo meu que está junto comenta que sempre dizem que ele é protegido por Cosme e Damião (nome das beijadas no sincretismo). Não passa um minuto e lá está Paulinho agindo de novo. Ele pula no pescoço do rapaz pedindo cavalinho. O susto foi grande. Quanto a subir nas costas do meu amigo, Paulinho não tem a menor chance. O médium é muito mais pesado do que o protegido pelas crianças. A festa continua até que acabam as incorporações dos médiuns que estão com Yemanjá. As crianças também recebem ordens para ir embora, para subir. Os pontos de beijada levam os últimos espíritos de meninos e meninas.

*Andorinha que voa
Voa andorinha
Leva as crianças para o céu, andorinha
Voa, voa, voa
Andorinha
Leva as crianças para o céu, andorinha*

Essa festa de Yemanjá foi a última sessão do ano de 1996. Os trabalhos foram retomados em janeiro e pararam novamente no carnaval. Depois disso Mãe Hilca não voltou mais a comandar uma sessão de Umbanda. Agora na UTI do Hospital de Caridade, ela respira com dificuldade e com a ajuda de aparelhos. A minha visita dura poucos minutos. Não percebo nenhuma reação de dona Hilca. Logo deixo a UTI para que entre outra pessoa. É a última vez que a vejo com vida.

Uma premonição anuncia a morte da mãe-de-santo. Kátia, advogada, funcionária pública do estado e filha-de-santo de dona Hilca, diz ter visto uma cena de preparação para o desencarne da yalorixá, enquanto estava no ônibus indo para o trabalho. Assim que chega ao terminal urbano no Centro da cidade, ela me telefona chorando para contar a alguém o que havia visto. Apesar de estar acostumada a relatar experiências no plano espiritual com outros tipos de intuições, Kátia admite ter ficado assustada com a certeza que sentiu com relação a morte breve de dona Hilca. Peço para que descreva a visão. Ela estava em algum lugar junto com a Mãe Hilca e outros espíritos já desencarnados conversando sobre o processo de desencarne da mãe-de-santo. Na cena, dona Hilca parecia um pouco assustada com a idéia. Kátia tentava acalmá-la e pedia que confiasse em Deus e no que era preparado para ela. No lugar havia velas. Mãe Hilca indagava sobre as velas acesas. Kátia respondia que não se preocupasse com aquilo. As velas eram

só uma maneira das pessoas concentrarem energia e mandar para ela. A mãe-de-santo deveria usá-las até quando precisasse. E mais uma vez, o importante era ter calma e confiança. A visão acaba aí.

Conversamos um pouco sobre o que Kátia pressentiu. Ela já está mais calma. Chegamos a conclusão de que, se isso for um sinal real, pelo menos as pessoas começam a participar de um processo tão temido, sofrido e que chega sem avisar. A morte quase sempre é recebida com dor e revolta ou causa sentimentos de desesperança e fim. Mesmo para os umbandistas, que crêem em reencarnação e fazem da presença e da comunicação com os espíritos partes da sua crença e do seu cotidiano. A própria dona Hilca ameaçou até largar a Umbanda quando seu neto morreu há poucos anos, vítima de leucemia. A primeira reação dela foi acusar os espíritos de não terem salvo a vida do garoto de 11 anos. Apesar de acreditar que grande parte dos espíritos que trabalham na Umbanda também viveu na Terra e morreu. Muitos deles são inclusive espíritos de crianças.

A contradição talvez esteja na diferença entre a natureza dos relacionamentos com as *entidades* e com os encarnados. As pessoas conhecem os caboclos, os pretos-velhos, as beijadas sem um corpo, já como espíritos. Não deixam um rosto para lembrar. O território de convívio entre o médium e o espírito é o terreiro. O relacionamento acontece prioritariamente naquele espaço. Os umbandistas têm a certeza de que as entidades estarão sempre no terreiro quando quiserem encontrá-las. O mesmo não acontece com parentes ou amigos mortos: a Umbanda não oferece nenhum canal para a comunicação com eles. A Umbanda só trabalha com espíritos que viveram na Terra há dezenas ou centenas de anos.

Os pensamentos agora são de deixar que Deus decida o futuro de Mãe Hilca. Kátia diz que é melhor se preparar para a morte da mãe-de-

santo. Outros médiuns, mesmo sem saber da visão, mas diante do quadro que acompanham no hospital, começam se esforçar para aceitar a idéia de um possível desencarne. Dois filhos-de-santo da yalorixá, Luiz e minha mãe, decidem parar de entregar comidas-de-santo no altar do terreiro. Deixar de oferecer comidas-de-santo significa não interferir no desencarne com nenhuma energia ou vontade egoísta se ele tiver que acontecer. Os médiuns reconhecem a inexistência de um poder de decisão sobre a morte e deixam a escolha de viver ou morrer para os orixás e para Deus.

Depois do telefonema de Kátia contando sobre a visão, todos na minha casa ficamos preocupados com Mãe Hilca. Decido ir até o hospital com Kátia para saber notícias. Chego na UTI e encontro outros filhos-de-santo. Uma das filhas de sangue também vem visitá-la. O último boletim médico anuncia que o estado de saúde é inalterado e avisa que não adianta ter muitas esperanças. Todos aguardam um milagre ou a morte. Na volta para casa encontro uma prima minha que está grávida. De longe desponta o barrigão de oito meses. Nos falamos e ela me conta da espera e da ansiedade. O calor faz inchar os pés. Venho no ônibus pensando sobre o ciclo da vida. Os que chegam em uma terra estranha e os que partem para não sabemos onde.

Dona Hilca morre por volta de cinco da manhã do dia seguinte, sexta-feira, dia 21 de fevereiro, data em que ela havia marcado a reabertura do terreiro depois do recesso do carnaval. O telefone toca na minha casa às seis e meia da manhã. Salto da cama num pulo. Depois de apenas um toque atendo a ligação na extensão do meu quarto. Digo alô junto com minha mãe, que já está esperando no aparelho instalado na sala de casa. Do outro lado da linha, a voz trêmula de um homem diz: “a mãe morreu faz uma hora”. Desligo o aparelho e corro, ainda sonolenta, até a sala. Minha mãe continua falando ao telefone com seu irmão-de-santo, Luiz. Ele está no

Hospital de Caridade e foi um dos primeiros a ser avisado da morte de dona Hilca. Os dois choram e consolam um ao outro. Minha mãe desliga o telefone e senta-se no sofá com o rosto entre as mãos.

A mobilização dos mais de 50 filhos-de-santo de Mãe Hilca foi tão rápida como no tempo em que ela esteve internada no hospital. Depois de receber a notícia de sua morte, minha mãe, que é mãe-de-santo na Umbanda, feita por Mãe Hilca e integrante do terreiro dela desde o ano da inauguração, coloca uma roupa branca e vai para a Tenda Espírita Santa Rosa de Lima. As providências mais uma vez se misturam entre espirituais e materiais. Retirar as oferendas do altar e confirmar o local do velório. Ambas precisam ser imediatas e demonstram ter a mesma importância. As oferendas são retiradas do altar e despachadas. Antigamente tudo iria para o mar, mas há algum tempo o procedimento usado por esse terreiro é a cremação.

O velório é marcado para a capela do Hospital Florianópolis, no Estreito. Mãe Hilca sempre teve muito medo da morte e de receber visitas de amigos seus que já haviam morrido. Quando alguém queria assustá-la, bastava sair da casa dela de noite dizendo que a Tílinha iria visitá-la. Tílinha, que morreu há alguns anos, era uma das filhas-de-santo mais antigas do terreiro e melhor amiga de dona Hilca. Por conta desse medo, Mãe Hilca havia proibido que a velassem no seu terreiro, ou que a enterrassem de roupa-de-santo com todas as anáguas engomadas e saias rodadas que costumava usar. Ela não queria que ninguém tivesse medo dela depois de morta até para que o trabalho na Tenda continuasse sendo feito.

O corpo ainda está na capela do Hospital de Caridade. Primeiro chegam os filhos-de-santo e alguns parentes que também foram feitos por ela na Umbanda. Todos esperam o atestado de óbito. O corpo está sobre uma mesa de madeira grande e alta. Dona Hilca veste branco e ainda tem

um lençol por cima. Um galho de erva é colocado entre as mãos postas e uma faixa envolve o rosto que antes era coberto pelo penacho do caboclo. Atrás dela uma vela acesa ilumina uma imagem de Cristo na cruz. A sala é ampla, com três janelões abertos. O céu está cinza. Depois chegam os filhos de sangue e todos choram pela mesma mãe.

O símbolo mais forte dessa grande família que reúne filhos da Umbanda e filhos de sangue aparece no momento de enfeitar o caixão com flores e verde. O funcionário da funerária faz seu trabalho arrumando a urna onde o corpo já foi colocado. O tempo de serviço e a prática tornam o processo automático. Ele dispõe as folhas como se forrasse uma caixa, aperta o mato para que ele fique retinho. Na hora de arrumar as flores em volta do corpo, pergunta se alguém quer ajudar. Lilian, a filha de sangue, e Milka, a filha-de-santo, distribuem os cravos brancos e amarelos com cuidado e lágrimas nos olhos. Mais uma vez as diferenças de sangue perdem a importância. Não importa se uma foi gerada por Hilca e a outra, uma negra, escolheu a yalorixá como sua sacerdotisa. Independente da genética, todos são órfãos da mesma mãe.

Velório na capela

O corpo está na capela do Hospital Florianópolis. O velório acontece durante o dia e com grande emoção. É um momento de muitos reencontros. Os filhos vêm de todos os lados. Os de sangue, os que freqüentavam assiduamente o terreiro e os que não vêem Mãe Hilca há bastante tempo. Outras pessoas que formam a rede da Umbanda em Florianópolis e que não se falam durante anos também se encontram agora. Todos se conhecem. Um já encontrou o outro em algum momento da vida umbandista. É uma

multidão de branco que ocupa a frente da capela e lota a saleta onde está o caixão.

Mãe Ida, a yalorixá que trouxe o ritual de *Almas e Angola* para Santa Catarina e a última mãe-de-santo de dona Hilca, chega de branco apoiada em duas muletas. Ela tem 77 anos e sobe a rampa da capela com muita dificuldade. Esta mulher de olhar forte, filha de Xangô e Yemanjá, foi ao Rio de Janeiro aprender o novo ritual que espalharia pelos terreiros de Florianópolis. Pai Evaldo também vem para dar adeus à *Hilquinha*, como ele chamava dona Hilca. Ele foi o primeiro pai-de-santo dela em *Almas e Angola*, mas os dois estavam afastados por causa de uma das muitas fofocas e mal-entendidos que permeiam o convívio dos integrantes da Umbanda. Apesar disso eles continuavam se admirando mutuamente. Evaldo também é filho-de-santo de Mãe Ida. Os dois já tiveram brigas ou “quizilas” algumas vezes. Bernadete, a Detinha, é yalorixá e ex-mulher de Pai Evaldo. Os dois se separaram depois que ele assumiu seu romance com um homem. Ela está no velório junto de sua filha Rejane com quem eu costumava brincar quando éramos crianças. Isso faz muitos anos, na época em que minha mãe freqüentava o terreiro de Pai Evaldo, seu primeiro pai-de-santo.

Outra mãe-de-santo, que há anos já tem seu próprio terreiro, é Lurdinha. Mais uma filha de Pai Evaldo que conviveu no terreiro com a maioria das pessoas ali presentes no que elas chamam de bons tempos do Centro Espírita Jesus de Nazaré. Essa época faz algumas dessas pessoas se sentarem em volta de uma mesa na lanchonete do Hospital Florianópolis para lembrar fatos de 15 anos atrás. A lembrança mais forte e saudosista é a do terreiro cheio desses mesmos médiuns que agora formam tantos outros terreiros. Começam a lembrar de brincadeiras que faziam entre si, de como se tratavam, das noites em que saíam depois da sessão para comer no bar do

Tritão, em Barreiros. O tempo passa e eles olham agora as crianças daquela época. A exclamação mais comum é: “nossa, como cresceu!”

Os filhos dos médiuns participam da religião indo junto às sessões de sextas-feiras, dormindo ao som dos atabaques nos bancos onde sentam as pessoas que visitam os terreiro para consultar com os espíritos, recebendo o batismo na Umbanda, conversando com as entidades incorporadas nos pais. Eu mesma já passei por praticamente todas essas fases. Nos dias de festa de Cosme e Damião, em 27 de setembro, as crianças filhas dos médiuns e as desencarnadas - as beijadas - tomam conta do terreiro. Os pais vestem os filhos com cópias reduzidas de suas roupas-de-santo e vão todos cantar os pontos e participar do ritual como gente grande.

Não existe uma catequese umbandista para as crianças. Elas crescem vendo e assimilando espontaneamente a religião e suas crenças. Muitos pais sentem falta dessa catequese e querem que os filhos se integrem as normas sociais. Então, depois da sessão de Umbanda de sexta-feira, a criança vai para o curso de primeira comunhão no sábado em alguma igreja católica. Quando se tornam adultas, decidem qual o melhor caminho para cada uma delas. Fabiana - *Fafá* - a filha de Lurdinha, quando era criança entregou inclusive comida-de-santo no terreiro para pedir uma melhora de saúde. Fez quase um Obori - a primeira feitura que um médium faz para o orixá na hierarquia da Umbanda. Há 12 anos Lurdinha abriu seu terreiro, mas *Fafá* não é freqüentadora muito assídua. Apesar de Lurdinha revelar que quando ela tem algum problema pede a ajuda à cabocla da mãe.

Mas no imaginário das crianças fica a marca desse cotidiano permeado de orixás e entidades. A brincadeira favorita na minha época de criança em terreiro era imitar os adultos nas sessões. As crianças iam todas para um vestiário de madeira no lado de fora do terreiro do Pai Evaldo para fazer suas sessões fictícias. Havia um revezamento. Num dia um grupo fazia

de conta que incorporava uma entidade e o outro grupo ia se consultar com os “espíritos”. As que mais estão na minha memória são as imitações de pretos-velhos. Quem fingia incorporá-los saía caminhando com dificuldade, curvado, a mão no quadril e com os lábios tencionado para frente. Imitavam até o linguajar dos negros escravos que vêm na Terra benzer as pessoas. Havia também as imitações de ogãs feitas por Marcelo, filho mais novo do Pai Evaldo e irmão de Rejane. Mais tarde ele passou inclusive a bater atabaque dentro do terreiro do pai. Marcelo também imitava o pai recebendo o caboclo Peri. Quando voltei durante o meu trabalho de campo ao terreiro do Pai Evaldo para fazer algumas entrevistas encontrei Marina, uma antiga médium que voltou a participar da casa. Ela logo falou dessas sessões de faz de conta e disse que Marcelo conseguia a melhor imitação do Seu Peri que ela já viu.

Relembramos muitas dessas imagens em volta da mesa do bar durante o velório. As pessoas lembram de tudo, especialmente Rejane, que participava desse ritual infantil. Rosa, uma outra criança da época com quem falei há alguns dias, lembrou que os pirralhos só não imitavam por medo as incorporações de Obaluaê, de Exu e de Pomba-Gira. O orixá das doenças, como é chamado Obaluaê, vem com o corpo arcado e sempre recebe um lenço ou um filar (manto de palha ou tule) sobre o rosto. No sincretismo é São Lázaro que aparece com o corpo coberto de feridas. Exu e Pomba-Gira são temidos até por adultos, quanto mais pelas crianças. São espíritos que já viveram encarnados - boêmios, prostitutas, homens e mulheres de rua, transgressores de qualquer padrão moral. Quando incorporam nos médiuns vestem preto e vermelho, bebem e fumam sem parar, falam palavrão e dizem o que querem. São também chamados de mensageiros dos orixás - manipulam as energias mais “pesadas”, como se

ficassem com o trabalho sujo. Assim, para as crianças, era melhor evitar os pesadelos e brincar apenas com os orixás considerados mais leves.

Durante o velório outras voltas ao passado lembram da personalidade de dona Hilca. As opiniões unânimes são que ela tinha um coração enorme, que acolhia sempre os filhos quando precisavam dela. Rosana, professora e médium do terreiro da mãe-de-santo, comenta pensativa que “ela deixou uma Nação inteira órfã”. Luiz completa: “Sem dúvida ela era a primeira mãe-de-santo de Florianópolis. Era o terreiro mais importante da cidade”. O temperamento de dona Hilca é lembrado sem santificação. Brincam que, às vezes, ela era brigona, dava bronca de verdade, mas era carinhosa com todos. Tinha seus ataques de fúria, levantava uma das sobrelhas e soltava o verbo. Mas também dava colo para as dezenas de filhos.

Sua personalidade se aproxima muito das características atribuídas a Iansã, orixá-de-cabeça de dona Hilca. Para a Umbanda, uma pessoa - médium ou não - tem um orixá feminino ou um masculino, que é o orientador direto dela. Esse orixá é chamado o *pai* ou a *mãe* de alguém, e transfere, por afinidade, as características da sua personalidade para o *filho*. Se a mãe é o primeiro orixá, por exemplo, o pai passa a ser o segundo, agindo de forma mais sutil no temperamento da pessoa. Diferente dos santos católicos, os orixás na Umbanda têm qualidades e defeitos. Por isso, da mesma forma que Iansã - senhora dos ventos e das tempestades - Mãe Hilca é descrita como uma pessoa de temperamento forte - carinhosa e intempestiva.

De acordo com a época ou fase da vida, o filho assume mais as características do *pai* ou da *mãe*. Pai Evaldo é filho de Oxalá e Iansã. Ele garante que, às vezes, está mais parecido com um do que com outro. E conta que os filhos antigos dele sabiam distinguir isso assim que chegavam:

— Quando eles entravam já diziam “o Pai Evaldo hoje está com a dona Iansã!” Então, aí eu tô meio virado. Eu não tolero muitas coisas, entendesse? Quando estou numa *camarinha* (ritual de passagem para um grau mais elevado na hierarquia da Umbanda), eu viro a casa. Não gosto de ver ninguém parado, eu movimento todo mundo. Agora, quando eu estou no Oxalá é na paz. As pessoas até dizem “o Pai Evaldo mudou muito, não é mais aquele homem rígido dentro do santo”. É que naquela época era mais Iansã. Agora não, tem mais vibração de Oxalá. Mas de vez em quando Iansã ataca.

Pai Evaldo explica que também é possível identificar um filho de Oxalá pelos olhos. São pessoas calmas, fáceis de lidar, perdoam muito rápido e têm um olhar forte e chamativo. Diz que são conselheiras, gostam de doutrinar quando falam. O pai-de-santo, que tem o sotaque dos nascidos em Florianópolis, comenta as extravagâncias de sua própria mãe e dos regidos por ela com o desprendimento de uma Iansã:

— Com ela é muito fácil. Iansã é o tipo de gente que quando vai numa festa gosta de ser observada. Se ela chega num baile e não é vista, sai e volta novamente dizendo “cheguei!” pra dizer que foi ela quem chegou. O filho de Iansã tem muito carisma. É uma criatura alegre, está sempre disposta. Às vezes, está numa pior, mas ela resolve rodar a baiana e sair por cima. E sai mesmo. Bobo é aquele que é de Iansã e cochila. Porque se roda a baiana mesmo, se procura vibrar bem na dona Iansã, dá a volta por cima. Agora o temperamento é um horror. Ela pode estar muito bem contigo, maravilhosamente bem, mas não toca no dedinho dele ou dela. Não cutuca com vara curta porque não tem vez. Agora são muito altivas, muito valentes, mas também são melindrosas. De repente tu podes pegar um fraco dessa pessoa, a mínima coisa, tu murchas ela. Ela desmonta todinha. Todo

filho de Iansã tem um fraco, um segredinho, que quem é esperto pega e baixa a bola. Não é derrubar a pessoa, é moderar um pouco.

São cinco da tarde do dia 21 de fevereiro. Em três horas, dona Hilca havia planejado, estaria reabrindo o seu terreiro para a quaresma, logo depois do carnaval. O destino muda os planos. O carro da funerária chega ao cemitério de Coqueiros. Já estão quase todos esperando no portão. Carregam a urna os filhos de sangue, o sobrinho Toninho - ogã e filho-de-santo de Mãe Hilca - e meu pai, que era padrinho dela de camarinha. Pai Evaldo começa a puxar um ponto de Umbanda enquanto o cortejo segue até o local do enterro.

Adeus, adeus

Adeus, ela vai embora

Fiquem com Deus, meus filhos

Que ela vai com Nossa Senhora

As preces durante o sepultamento, e já antes no velório, seguem as crenças da Umbanda. Dizem que o corpo serviu de casa até agora, mas é hora de deixá-lo e ser feliz no além. Várias pessoas fazem orações em voz alta, como se orientassem o espírito na sua nova vida. Pedem para que Mãe Hilca confie em Deus e em seus *guias*. E que siga em paz. Os irmãos se abraçam e choram. Milka, uma yalorixá, é uma das que demonstram estar mais abaladas. Alguns irmãos-de-santo vão abraçá-la. Os mais velhos na Umbanda assumem a responsabilidade de cuidar dos mais novos, que se aproximam e pedem para que o terreiro não acabe.

Essa é a principal dúvida que permanece no ar depois do enterro. Os sentimentos e as opiniões variam. Ninguém sabe a posição da família de sangue - do viúvo e dos filhos. A primeira decisão deve ser deles. Foi Seu Fernando, marido de dona Hilca, quem construiu a Tenda Espírita Santa

Rosa de Lima, que fica no quintal de sua casa. Mas o terreno não é apenas dele. É um grande quintal onde moram os irmãos de dona Hilca e um dos filhos dela. Na verdade é a herança de uma família extensa, formada pelos pais de dona Hilca e depois pelos filhos deles que casaram e formaram suas famílias. Então, uma parte do quintal na beira da praia do Balneário - exatamente onde foi construído o terreiro - também é dos sobrinhos de dona Hilca, Toninho, Henrique e Geninho. Por enquanto, o terreno é o que menos importa. As maiores preocupações são duas: garantir uma casa a tantos filhos que não sabem o caminho de outro terreiro e continuar o projeto fundado por Mãe Hilca. No meio disso, fico sabendo das tentativas de alguns pais e mães-de-santo presentes no enterro de arrebanhar médiuns para as suas casas. A especulação é grande sobre o destino do terreiro e de seus integrantes.

Despacho na cachoeira

Depois do enterro, os filhos-de-santo de Mãe Hilca só foram se encontrar no terreiro para o despacho de seus objetos de santo. O ritual de *Almas e Angola* dá muita importância aos objetos. Os médiuns têm diversas roupas-de-santo de vários tecidos e cores, dependendo qual orixá eles querem homenagear. Os homens capricham nas camisas. Festa de Ogum pede camisa vermelha, *gira* de Oxóssi, verde. As mulheres se destacam no salão com suas saias rodadas. Toninho, ogã oficial do terreiro de Mãe Hilca, incrementa ainda mais o visual em dia de festa. Ele usa uma faixa vermelha amarrada na cintura e, às vezes, um paletó branco. Além disso, cada médium passa a possuir outros objetos pessoais e intransferíveis a cada nova etapa do ritual.

Dona Hilca já havia passado por todas elas. Acumulou muitas guias(colares) de vários tipos com miçangas de todas as cores. Quando foi batizada na Umbanda - recebeu uma guia de Oxalá, toda branca com um crucifixo na ponta. A cada sete anos fez uma *obrigação* de camarinha. As camarinhas são degraus dentro da hierarquia da Umbanda. O mais alto é atingir o posto de yalorixá - nesse nível ela se tornou mãe-de-santo. A cada camarinha, dona Hilca deixou guardados para o santo fragmentos do seu próprio corpo. Cabelo, pedacinhos de cada unha. Anos e anos acumulando objetos cheios de significados. Quando morre um membro da Umbanda todos os seus pertences devem ser *despachados*. São exclusivos de cada pessoa e não podem ser passados adiante. O despacho desses objetos encerra a participação do médium na religião.

Os pertences de Mãe Hilca são levados para o alto mar e para a cachoeira. A explicação que ouço sobre o porquê desses lugares é que as energias dos objetos são devolvidas aos orixás e entidades no reino deles, a natureza. Os filhos-de-santo, a maioria integrantes da Tenda há muitos anos, começam a chegar para separar tudo que era da yalorixá dentro do terreiro. Um grupo de pessoas leva os objetos que têm relação com os orixás, de lancha, para serem jogados no fundo mar. Dois carros vão para uma cachoeira na Palhoça com as coisa de Exu, Pomba-Gira e Almas (pretos-velhos). Eu vou junto dirigindo um deles. No carro onde estou vão os objetos de Pomba-Gira e Exu.

No banco do carona ao meu lado está Milka segurando no colo uma imagem da Tranca-Gira, pomba-gira da dona Hilca. A estátua mostra uma mulher jovem, bonita, vestindo uma saia curta e com os seios de fora. A pele é pintada de vermelho. Junto no carro vão as roupas que a mãe-de-santo usava durante a incorporação. Tranca-Gira vestia vermelho e preto, muitos colares e anéis. Fazia uma senhora de 70 anos fumar uma longa

piteira. Sempre demonstrou muita vaidade e dançava com erotismo com os Exus - incorporados em homens ou mulheres. É a figura de uma mulher que transgredir a moral e não aceita o rótulo de passividade imposto ao feminino. Sempre foi reverenciada e respeitada como a dona da casa e da gira. Por tudo isso e por ser mulher, Tranca e as demais pomba-giras são um perigo em potencial. O ponto cantado em uma sessão do terreiro de dona Hilca ilustra esta afirmação.

*De vermelho e negro
Vestindo a noite
O mistério traz
De colar de ouro
Brinco dourado
A promessa faz
Se é preciso ir
Você pode ir
Faça o que quiser
Mas cuidado amigo
Ela é bonita
Ela é mulher
E no canto da rua
Zombando, zombando
Zombando está
Ela é moça bonita
Girando, girando
Girando lá.*

Chegamos na cachoeira que fica ao lado da BR-101. Colocamos o pé para fora do carro e começa a chover. Pegamos todos os objetos e caminhamos por uma trilha até alguns metros antes do leito da cachoeira.

De um lado do caminho são empilhadas as coisas de Exu e Pomba-Gira. Do outro, objetos relacionados com os pretos-velhos. O despacho no meio da mata não usa a cremação. Tudo é partido para que não reste nada inteiro com possibilidade de uso. A estátua da Tranca-Gira fica no centro e quebra com a primeira marretada. O gesso branco aparece embaixo da tinta vermelha. Ficam intactos o rosto e a mão direita da cigana. Em seguida os filhos-de-santo arrebatam as guias. As miçangas pretas e vermelhas saltam no mato. As saias também são rasgadas e a taça de champanhe da pomba-gira é estourada.

Por cima de tudo, cachaça do Seu Brasa, exu de dona Hilca. Quando estava com ele, a mãe-de-santo usava calça preta, camisa vermelha e chapéu de feltro. Exu Brasa fumava charuto. Incorporada com o exu, dona Hilca não dançava mais para o deleite dos espíritos dos homens. Ela se tornava um deles e assediava com malícia e audácia as pomba-giras que também podiam estar incorporadas em mulheres ou homens. Seu Brasa comandava o terreiro ao lado de Tranca-Gira. Como os outros exus, seu domínio é a rua.

Ele é capitão na encruzilhada

Ele é

Ele é ordenança de Ogum

Sua divisa quem lhe deu

Foi Omulú

Sua coroa quem lhe deu

Foi Oxalá

Salve sol, estrela

Salve a lua

Saravá Exu Brasa

Que é dono da gira

No meio da rua

O despacho na cachoeira não acontece só com tristeza pelo corte dos últimos laços materiais de dona Hilca com a Umbanda. O convívio íntimo de longo tempo entre os médiuns faz de qualquer momento uma possibilidade de divertimento e auto irrisão. Passando pela trilha em direção ao carro, Rosana acha que vê uma cobra no mato. As dez pessoas param apavoradas e a fila não anda. Rosana se nega a continuar e pede *cavalinho* para Milka, uma negra de mais de cem quilos, muito forte, mas que também fica com medo da cobra. Um já começa a dar susto no outro mentindo que o bicho está por perto. Até que todos saem correndo em direção aos carros na beira da estrada. O resultado da piada é Milka esborrachada no meio da trilha. O tombo pára as pessoas que caem na gargalhada. Ninguém vai esquecer o despacho dos objetos de Mãe Hilca.

De volta ao terreiro, os médiuns que saíram rindo da cachoeira têm certeza que a tenda espírita Santa Rosa de Lima não será mais reaberta. A filha de sangue e também médium da Umbanda - que seria a herdeira do posto da mãe - não deixa a menor dúvida sobre o seu desejo de manter o terreiro fechado. Ela informa que a posição do pai é de que o *Centro* foi construído para a dona Hilca. Ela morrendo, tudo acaba. Ele só permitiria continuarem se a própria filha quisesse ser a nova chefe. Todos saem decepcionados. Até que aparece mais uma característica das grandes famílias - as grandes brigas. Os filhos-de-santo não se sentem no direito de intervir na decisão de fechar. Mas os médiuns do terreiro que também são parentes da dona Hilca (seus sobrinhos) se sentem no direito de protestar. À noite, estão todos no quintal, como chamam o grande terreno onde ficam as casas da família e o terreiro, promovendo uma forte discussão. Depois de muito bate-boca e contradições sobre a opinião do marido de dona Hilca, que não está presente, os sobrinhos dela avisam que vão reabrir o terreiro

mesmo com pessoas contra. Muita água ainda rola depois dessa briga. Do pátio, o terreiro guarda os sons dos cantos e dos atabaques de mais de 15 anos de ritual.

Entre a mesa e o terreiro

A última sessão da Tenda Espírita Santa Rosa de Lima havia acontecido em 21 de janeiro com gira de beijada. Dona Hilca comanda mais uma vez os trabalhos da noite. Depois desse dia o terreiro faz umas pequenas férias e só voltaria para a quaresma, tempo de recolhimento e reflexão sobre a vida onde ninguém trabalha com orixá. Habitualmente nessa sessão, a mãe-de-santo *fecha o corpo* dos filhos para que eles não dêem incorporação durante o carnaval e, com isso, evitem espíritos mal intencionados. Mas pela primeira vez, dona Hilca não dá muita bola à ressalva. Resolve confiar na firmeza espiritual de seus médiuns que garante o afastamento deles das más energias presentes em torno da folia de momo. Além disso, a Tenda recebeu um convite para uma festa em outro terreiro, e para os médiuns participarem, têm que estar com os corpos abertos a incorporar seus próprios espíritos protetores.

A gira já começa alegre com o clima e a descontração características das crianças. Toninho puxa um ponto para defumação do terreiro, o primeiro ritual da sessão. Ainda não há incorporação nesse momento. Um médium passa o turíbulo (incensário de alumínio usado em igrejas católicas para defumar) fazendo fumaça quando a brasa do carvão queima a erva de defumação. Um a um os médiuns vão sendo defumados, “limpos”, livres das impurezas espirituais. A *assistência* - os que vão para observar o ritual e consultar com os espíritos - também é envolvida pela fumaça. O aroma das

ervas já invade o ar e Toninho ainda canta junto com os médiuns que também batem palmas:

Cosme e Damião

A sua casa cheira

Cheira cravo

Cheira rosa

Cheira flor de laranjeira

O ogã lembra mais tarde, conversando comigo, que esta última sessão parecia muito com as primeiras giras da Santa Rosa de Lima. Na época, eram ele e sua tia Hilca comandando os trabalhos. O terreiro tinha poucos médiuns. Toninho ficava só à frente dos atabaques. Ela saía do seu lugar de costume perto do altar para tocar chocalho ao lado dele no fundo do salão. Nessa sessão de beijada os outros ogãs faltaram. Ele voltou a levar a gira toda sozinho, a puxar todos os pontos. Dona Hilca deixa o seu posto, pega o chocalho e acompanha o ritmo do sobrinho no tambor. Um canta olhando para o outro. A sessão não fica sem comando. Todos sabem onde está a chefe do terreiro. Várias vezes Mãe Hilca tem que parar o chocalho para aceitar a reverência dos orixás incorporados nos seus filhos-de-santo. “Terminou como começou”, reflete Toninho com orgulho de ter participado com ela do início ao fim do seu terreiro.

A Tenda Espírita Santa Rosa de Lima começou como a maioria dos terreiros. Dona Hilca era filha-de-santo de Pai Evaldo e freqüentava o Centro dele em Barreiros. Depois de receber todos os ensinamentos do ritual e chegar ao posto máximo na Umbanda - se tornou yalorixá, mãe-de-santo - saiu para ter sua própria casa de santo como uma filha que consegue a emancipação para formar uma nova família. Com a ajuda do marido,

construiu o terreiro no quintal da casa onde morava, no Estreito. Mais um templo de Umbanda na periferia da cidade. Grande parte deles está nos bairros, com exceção dos morros do Centro que também convivem com terreiros. Mas a religião não se instalou apenas entre as populações de classe baixa ou média suburbanas. Em pleno Santa Mônica, bairro de classe média alta de Florianópolis, funciona um terreiro de Umbanda.

Para conseguir médiuns Mãe Hilca não teve dificuldade. Ela já tinha muitos anos de Umbanda e vários admiradores inclusive no terreiro do Pai Evaldo. As pessoas que saíam de lá por algum motivo - muitas vezes por desentendimentos com o pai-de-santo - viam dona Hilca como uma importante referência. Além disso, alguns parentes como os filhos de sua irmã de sangue, iniciaram suas vidas na Umbanda participando do terreiro dela. A maioria dos médiuns permaneceu com a yalorixá durante os mais de 15 anos de funcionamento do terreiro.

Uns, como Chico, também completaram a sua formação e saíram para abrir seus próprios terreiros. Mas o desligamento nunca existe por completo. Apesar da autonomia de funcionamento e de idéias do novo terreiro, permanece sempre uma forte ligação com o terreiro de origem. Especialmente se o responsável por ele for uma mulher, uma mãe-de-santo. É como acontece entre mães e filhos de sangue. O filho diz, por exemplo, que no domingo vai almoçar em casa se referindo à casa de sua mãe. Os filhos-de-santo de dona Hilca que fundaram seus terreiros voltam periodicamente para participar de alguma sessão ou festa, ou para ajudar na camarinha de um irmão, trazendo inclusive os netos-de-santo para conviver com a avó.

A abertura de um novo terreiro também acontece por determinação das entidades do médium. Lurdinha, uma yalorixá de 46 anos, decidiu montar sua casa por causa de um pedido de seu preto-velho, Pai Romão.

Depois de deixar o terreiro do Pai Evaldo onde permaneceu por 12 anos, passou a dar consultas incorporada dos espíritos que trabalham com ela durante todo o seu tempo na Umbanda. As pessoas do bairro ou conhecidos começaram a procurá-la com frequência. O atendimento era feito numa cozinha atrás de sua casa. Um dia Pai Romão disse que caridade não era apenas benzer as pessoas. Lurdinha deveria cuidar do crescimento espiritual das pessoas também desenvolvendo o potencial de incorporação delas. Deveria transmitir às pessoas um conhecimento maior sobre o mundo dos espíritos, a espiritualidade, como resumem os umbandistas.

O desenvolvimento começou ali mesmo naquele quatinho. Em pouco tempo o lugar ficou pequeno demais para os médiuns receberem suas entidades e orixás, especialmente as santas mulheres que vêm girando. O grupo, que já era fixo, decidiu ampliar o quatinho. A cozinha passou por uma transformação. O espaço ganhou altar, imagens de santos, lugar reservado para a assistência. Os orixás foram *assentados*. Nesse ritual são enterrados objetos relacionados à escala de santo de Lurdinha debaixo do altar e nos quatro cantos do terreiro onde são pintadas cruzeiras brancas. O assentamento determina a criação do terreiro. Depois disso, estava fundado o Centro Espírita Cantinho de Oxalá e Oxum.

Alguns anos depois, o aumento do número de médiuns deixou o lugar pequeno novamente. Lurdinha conta que mais pessoas apareciam com problemas espirituais e precisando *desenvolver*. O terreiro passou para um espaço maior ainda atrás da casa da mãe-de-santo, só que agora num segundo pavimento. Lurdinha diz que não há mais para onde ir, a não ser para cima da casa, onde já havia pensado em construí-lo. O terreiro tem 13 anos. Desde a fundação, Lurdinha tem o apoio e a participação do marido, Demica, que é ogã dela. Até hoje, ele toca no mesmo atabaque do início do Centro, um tambor de fibra e plástico, diferente dos ogãs profissionais que

batem em atabaques de madeira e couro. Mas leva a gira inteira quase com uma batida própria.

Juntos, eles realizam as sessões do Cantinho de Oxalá e Oxum e reúnem muitos elementos de várias outras religiões, inclusive fazendo reuniões exclusivas para praticar o espiritismo kardecista. Nesse dia, os médiuns vêm vestidos como querem, sem a obrigatoriedade da roupa-de-santo, mas geralmente usam branco. É colocada uma mesa no meio do terreiro, com um jarro d'água e uma flor. Lurdinha explica que fazem a leitura do *Evangelho Segundo o Espiritismo* - um dos livros básicos da doutrina, escrito pelo francês Allan Kardec - e rezam pelo espírito dos amigos e parentes que já se foram.

Durante a reunião, se manifestam também entidades que não incorporam em sessões de *Almas e Angola*. São espíritos que dispensam os rituais da Umbanda. Já recebem até a denominação de espíritos kardecistas ou de Linha Branca. Eles estão fora do padrão que aceita apenas caboclos, pretos-velhos e crianças. A mãe-de-santo afirma que é possível esse convívio porque "o espírito não tem fronteiras. Para ele não tem portas fechadas. As pessoas é que impõem os limites". Muitos centros espíritas kardecistas também colocam restrições com relação a espíritos que trabalham prioritariamente na Umbanda. A Sociedade Espírita Recuperação, Trabalho, Educação (SERTE) determinava que os médiuns deveriam receber os espíritos sem fazer nenhum movimento com o corpo, não poderiam sequer abrir os olhos. Só era permitido falar, através do médium. Eles negam qualquer imposição dos hábitos do próprio espírito adquiridos na época em que vivia na Terra, ao contrário do que acontece na Umbanda. Pai Romão, por exemplo, quando incorpora em Lurdinha faz com que ela caminhe com o corpo curvado e fume cachimbo porque ele é um velho escravo que passou a vida morando numa senzala.

Mas em alguns terreiros de Umbanda ou centros espíritas, as religiões se tocam e ultrapassam fronteiras. Uma vai influenciando a outra. Por isso, não é possível falar de uma pureza em qualquer religião. Nem do Candomblé com relação as origens africanas, nem do espiritismo com relação ao seu início na França do século passado. São religiões que tiveram um desenvolvimento específico no Brasil e que continuam sofrendo diariamente um processo de modificação. Com a Umbanda, nascida no Brasil na década de 1930, é possível perceber isso no cotidiano. Os pais-de-santo não têm uma bíblia a ser seguida, nem a figura de um Papa que determine os dogmas da religião. A escrita umbandista são seus pontos cantados nas sessões, algumas publicações de babalorixás e yalorixás sobre o ritual e os “livros de camarinha” onde cada mãe ou pai-de-santo relata seu aprendizado pessoal. Os terreiros têm total autonomia para conduzir as suas práticas. Quando surge um ritual novo na religião, cada templo o absorve ou não. Assim como absorveram o uso da água benta em batizados, as imagens de santos católicos no altar e as músicas de sambistas que falam da vida dos orixás. Em qualquer gira de Iansã é possível ouvir um ogã puxar um ponto sobre o mito que trata do mais famoso triângulo amoroso entre orixás. Na lenda, Iansã é mulher de Ogum. Ela o abandona para viver com Xangô. A cantora Clara Nunes fez sucesso com essa canção há mais de dez anos. Desde aquela época a música virou ponto de Umbanda.

*Iansã cadê Ogum
Foi pro mar*

*Iansã penteia
Os seus cabelos macios
Quando a luz da lua cheia
Clareia as águas do rio*

*Ogum sonhava
Com a filha de Nanã
E pensava que as estrelas
Fossem os olhos de Iansã*

*Iansã cadê Ogum
Foi pro mar*

*Na terra dos orixás
O amor se dividia
Entre um deus que era de paz
Outro deus que combatia
Como a luta só termina
Quando existe um vencedor
Iansã virou rainha
Na coroa de Xangô*

Outros rituais não são tão facilmente absorvidos e são até questionados pelos integrantes da Umbanda. O exemplo mais recente é a polêmica em torno da “mão-de-vume” que surgiu depois da morte de dona Hilca. Esse ritual exige que os filhos-de-santo dela passem por um tipo de obrigação de santo para retirar a “mão” dela da cabeça deles, ou seja, anular o efeito da mãe-de-santo morta sobre os seus filhos. Sem isso, os médiuns não poderiam participar de nenhum outro ritual realizado no terreiro. Ninguém sabe dizer de onde veio essa exigência.. Pai Evaldo diz que lhe contaram que a “mão-de-vume” estaria em um livro, mas até hoje, a pessoa não voltou para comprovar a afirmação. A citação do ritual em um livro também não garante a sua execução. A primeira polêmica é se uma pessoa que foi mãe-de-santo deles durante anos e que os amava poderia atrapalhá-los espiritualmente depois de morrer. Quem se convence da necessidade do

ritual ainda tem outra dúvida. Qual o tipo de obrigação necessária para que a “mão” de dona Hilca perca o poder sobre o destino espiritual de seus filhos?

Geninho, o sobrinho e filho-de-santo que a acompanha desde o início, realizou uma obrigação equivalente a um *Obori* - a feitura mais simples e a primeira camarinha feita em *Almas e Angola*. No *Obori*, basicamente são entregues algumas oferendas para os orixás responsáveis pelo médium e para Oxalá. A pessoa fica recolhida no terreiro durante dois dias. Pai Evaldo põe em dúvida esta prática. Ele diz que uma obrigação de *Obori* não vai apagar tantas outras obrigações mais complexas realizadas por Mãe Hilca. Garante que para dar resultado seria preciso fazer o equivalente a uma camarinha de Babalaô - quando o médium se torna pai-de-santo. Comida-de-santo para todos os orixás, “matança”(sacrifício de aves) e o recolhimento de uma semana. Outra dúvida é que a própria dona Hilca nunca falou em “mão-de-vume”.

Ela já recebeu médiuns de um terreiro em que o pai-de-santo havia morrido. As pessoas passaram a fazer parte da sua Tenda sem fazer nenhuma obrigação desse tipo. A polêmica está lançada. Quem está com esse dilema agora é Maria Alice, a mãe-de-santo que acolheu uma parte dos médiuns do terreiro de dona Hilca. Ela não sabe se acata ou despreza esse ritual. A princípio, não vê necessidade alguma em substituir tão rapidamente uma mãe-de-santo por outra. Mas sente um pouco de receio quando ouve que “as coisa vão dar errado no seu terreiro” se ela não tirar “a mão de vume” dos médiuns da dona Hilca. Maria Alice até a entrevista que me concedeu em maio, não havia decidido o que fazer.

Diante dessas polêmicas e, mesmo com a possibilidade de cada terreiro poder seguir suas próprias normas, encontro muitos pais-de-santo manifestando a vontade de ter um manual de rituais para a Umbanda.

Lurdinha e Maria Alice defendem uma padronização de *Almas e Angola* para que todos façam da mesma forma. Isso evitaria dúvidas como a da “mão-de-vume” e impediria que muitos terreiros começassem a “inventar” outras versões do ritual. O discurso dos pais-de-santo em geral não é preocupado com uma autenticidade da religião na busca por uma origem que justifique as suas práticas, mas estabelece uma espécie de padrão para *Almas e Angola* que eles mesmos não conseguem determinar. Na década de 1940, o antropólogo francês Roger Bastide, estudando as religiões afro-brasileiras, já falava da impossibilidade de descrever uma única Umbanda. A motivo que ele apresentava é que a religião estava recém nascendo. Mas ainda hoje, é difícil definir uma forma única de condução do ritual. O que para uns é violação, para outros é uma possibilidade de enriquecimento da religião. Uma frase de Lurdinha durante nossa entrevista resume esse paradoxo: “o que a gente pode melhorar no nosso ritual, a gente melhora, mas o ritual de *Almas e Angola* deveria ser um só”.

A mãe-de-santo sugere reuniões periódicas a cada seis meses com todos os pais e mães-de-santo que têm terreiro em Florianópolis para discutir as idéias de cada um e determinar regras básicas de execução do ritual. Isso seria feito e oficializado com os associados ao Conselho Estadual Cristão Espírita de Umbanda e Culto Afro-Brasileiro de Santa Catarina (CEUCASC). O conselho funciona desde 1981 conduzido por duas mães-de-santo. Mas nunca desempenhou um papel de destaque junto aos terreiros. Lurdinha diz que as dirigentes fazem o máximo para organizar a religião, mas são muitos terreiros se multiplicando para apenas duas pessoas. Ela acredita que deveria haver um interesse coletivo.

Na história da Umbanda sempre que existiu esse empenho, não houve consenso. E começaram a surgir cada vez mais órgãos que queriam ser os responsáveis por uma unificação dos rituais. Nunca aconteceu a união

das associações, nem das práticas. A primeira federação foi criada, no Rio de Janeiro, por Zélio de Moraes, que é protagonista de uma das versões do nascimento da Umbanda. O caboclo, que ele incorporava pela primeira vez, teria dito, em um centro kardecista, que passaria a trabalhar junto com os médiuns ao invés de ser tratado como um espírito necessitado de luz. Daí teria começado o culto aos caboclos, pretos-velhos, crianças, exus e pombagiras. O que não resume a Umbanda praticada atualmente.

A União Espírita de Umbanda do Brasil, de Zélio, queria uma religião sem símbolos africanos, que valorizasse uma orientação doutrinária com base no Evangelho de Allan Kardec. Patrícia Birman, em *O que é Umbanda*, faz a ligação dessa proposta com o interesse da classe média pela religião. Ela diz que a federação surgiu dentro de um movimento que se atribuía como missão disciplinar e normalizar os cultos nos terreiros. Lembra que esses órgãos tiveram um papel político importante no combate a repressão do Estado contra os cultos denominados afro-brasileiros. A polícia carioca apreendia atabaques e invadia terreiros. Para abrir uma casa de santo nova era preciso registrá-la na delegacia. As federações passaram com isso, a se relacionar com os integrantes da religião de forma assistencialista. Elas serviam de mediadoras entre os terreiros e o Estado, e ganhavam adeptos em troca de proteção contra a repressão. Uma instituição tinha mais influência burocrática do que cada terreiro isoladamente. Na década de 1960, os terreiros começam a ter reconhecimento oficial com a indicação da religião na pesquisa do Censo Demográfico realizado pelo IBGE.

Invisibilidade do terreiro

Mas, nesse período, os resultados das pesquisas no Brasil e em Santa Catarina apresentavam as declarações dos adeptos da Umbanda com o termo geral de “espíritas”. O censo de 1970, para cruzar os dados de grupo de idade, gênero e local de domicílio (urbano ou rural) com os dados de religião, divide as declarações em espíritas, católicos romanos e evangélicos. E também dá a opção “outras” para as pessoas que dizem freqüentar uma religião diferente. A maioria esmagadora é católica. Os “espíritas” reúnem pouco mais de 11 mil adeptos em Santa Catarina diante dos 2,5 milhões de fiéis da igreja. A diferença é que entre os “espíritas”, as mulheres são maioria e, entre os católicos, os homens aparecem em maior número. Dez anos depois, a pesquisa oficial admite uma separação das religiões que têm em comum o culto aos espíritos. Espiritismo kardecista e afro-brasileiro passam a ser vistos como religiões distintas. Nessa época, o grupo denominado de espíritas sofre uma redução de 10%, percentual que vai aparecer no total de adeptos das religiões afro-brasileiras. A última pesquisa nacional divulgada é relativa a 1991. Nesta, aparece a categoria geral chamada de “mediúnica” que vem dividida ainda em espírita, Candomblé e Umbanda. Mas a maioria dos cruzamentos de dados volta a reunir numa só as duas últimas religiões. Essa generalização não é feita apenas pelo IBGE.

Existe uma diferença entre a prática e o que declaram os médiuns. Os próprios umbandistas muitas vezes não assumem a Umbanda como sua religião. Eles mesmos se denominam espíritas. Esse fator dificulta uma precisão dos dados sobre o total de integrantes dos terreiros, onde estão e quem são eles. Essa omissão por parte dos adeptos reforça o caráter subterrâneo da religião na cidade. Em Florianópolis, mesmo que a maioria não saiba, são brancos, negros, homens, mulheres, de classes baixa e média que freqüentam os terreiros. Mas a prática permanece invisível porque os

templos não estão nos prédios dos antigos cinemas, nem na praça da cidade. A pergunta mais comum que ouço dos leigos quando comento sobre a minha pesquisa é se “existe Umbanda em Florianópolis”.

Uma das causas aparentes dessa omissão dos umbandistas diante das pesquisas oficiais pode ser explicada pela diferença, já constatada por pesquisadores brasileiros, entre confissão e prática religiosa: enquanto que mais de 80% da população brasileira se declara católica, sabe-se que grande parte pratica e participa de outras religiões.

A invisibilidade dos terreiros de Umbanda também pode ser medida pela imprensa. Os jornais, as revistas e as emissoras de televisão passam o ano sem mencionar sequer um fato ocorrido na religião, nem mesmo a morte de uma das mães-de-santo mais importantes da cidade como dona Hilca. Ao passo que procissões e festas de santos católicos são manchete várias vezes no ano. Embora o catolicismo seja milenar, os adeptos da Umbanda não são poucos. Basta fazer algumas contas rápidas para chegar a um número alto de pessoas que convivem no meio umbandista. Em Florianópolis, são mais de 150 terreiros - a grande maioria de *Almas e Angola* - com uma média de 20 médiuns cada. Um médium leva para o convívio com a religião pelo menos dois membros de sua família. Só neste cálculo já são cerca de nove mil pessoas querendo ver o seu universo na tela da televisão.

As únicas exceções acontecem no fim do ano quando a mídia revela seu interesse pelas festas de Yemanjá na praia e pelas previsões dos búzios. Mas nesse contexto a religião é mostrada ao público de uma forma exótica e pouco aprofundada. Uma espécie de programa para turista. Mãe Hilca também já entrou ao vivo na televisão para prever os acontecimentos do ano seguinte consultando os orixás no jogo de búzios. Pai Evaldo já chegou a simular uma festa de Yemanjá, com direito até a incorporação,

especialmente para ser filmada pela RBS TV. A emissora comprou todo o material utilizado nas oferendas. Os médiuns não poderiam gastar em duas ocasiões: na festa simulada e na cerimônia tradicional do terreiro, que aconteceu no dia 31 de dezembro. Quem conhecia o Pai Evaldo e a Mãe Hilca parou para assisti-los na TV. Ambos, que já ocupam papéis importantes na religião, ganharam mais destaque entre os médiuns e a Umbanda virou notícia.

Por outro lado, a necessidade de fazer as informações circularem faz parte do cotidiano dos terreiros. A Tenda Espírita Santa Rosa de Lima passou por várias experiências de produzir informativos de circulação interna. Geralmente, eram projetos bastante amadores, mas que aguçavam a curiosidade dos médiuns e os faziam esperar pelos números seguintes. O último informativo do terreiro de Mãe Hilca tinha o nome de *Raio de Luz*. Divulgava os rituais que iriam acontecer, fazia reflexões a respeito da Umbanda e reproduzia textos sobre fé e espiritualidade. O jornal era feito em folha ofício, e copiado em máquina de xerox, por um dos médiuns do terreiro durante o seu trabalho num hospital da cidade. Os exemplares ficavam dentro de uma caixa de madeira pendurada na parede do terreiro.

As festas e os principais rituais também são sempre fotografados ou até filmados com câmeras caseiras. Os álbuns passam depois pelas mãos de todos que se admiram e fazem crítica ao ângulo em que a câmera os flagrou. A maioria das fotos que bati durante a pesquisa foram mostradas para os médiuns do terreiro de dona Hilca. E sempre que encontro com eles, me perguntam se já revelei mais alguma. Na hora de tirar as fotos é comum os médiuns caminharem com cuidado pelo salão para não cruzarem na frente do fotógrafo e acabar atrapalhando seu desempenho. Quando fiz as fotos do meu primeiro trabalho acadêmico sobre a Umbanda em 1996, um ensaio fotográfico para a disciplina de *Relações de Gênero e Comunicação*,

procurei usar o filme puxado. É um truque que engana a máquina e evita a utilização do flash em locais com pouca luz. Eu era constantemente abordada por médiuns preocupados com que eu houvesse esquecido de ligar o flash ou que estivesse com medo de atrapalhar a sessão. Dava uma explicação rápida e continuava fotografando. Até que decidi usar o flash porque seria menos percebida por eles, mesmo explodindo a luz o tempo todo nos seus rostos. Nos dias que seguiram a morte de Mãe Hilca, todo encontro ou conversa telefônica é ocasião para relembrar fatos marcantes na história de cada um dentro do terreiro. A lembrança desses momentos, no entanto, não apagam uma preocupação que ronda o grupo nesse momento: qual o futuro da Tenda Espírita Santa Rosa de Lima.

Imagens um

Não mexa em coisas sagradas
E não se intrometa no que não conhece
Entrando num templo de Umbanda
Com todo respeito
Faça a sua prece
Concentre o seu pensamento
Nas coisas sagradas em frente ao Gongá
Não mexa em coisas sagradas
Respeite a Umbanda de Pai Oxalá

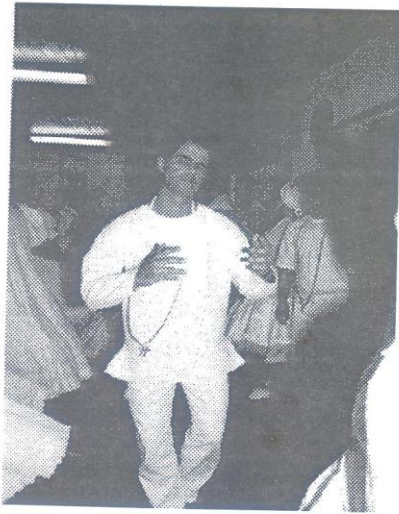
Quem quiser chegar a Zambi
Tem que ser da nossa Umbanda
Tratar sempre com respeito
Todo o povo de Aruanda
A mansão de Zambi é grande
Para todos tem lugar
Suas portas estão abertas
Para quem quiser entrar



Mãe Hilca comanda seu terreiro por mais de 15 anos.
Em todos os momentos a yalorixá guia seus filhos no ritual de *Almas e Angola*.



Os orixás sempre abrem as sessões



Oxum



Yemanjá



Xangô



OXUM

Mãe Oxum chegou
Na gira dos Orixás
Vem trazendo das águas do rio
Sua mensagem de paz

Mãe Oxum, valei-me
Mãe Oxum
Olhai por seus filhos na gira
Na fé de meu pai Oxalá

Gira, gira
Ô gira e torna a girar
Pra salvar filhos de pemba
Na gira dos Orixás





O pai-de-santo recebe a Rainha do Mar



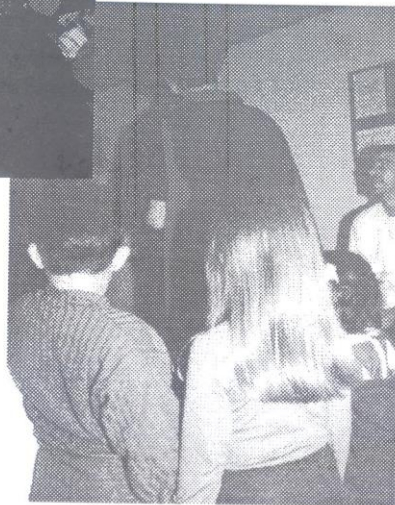
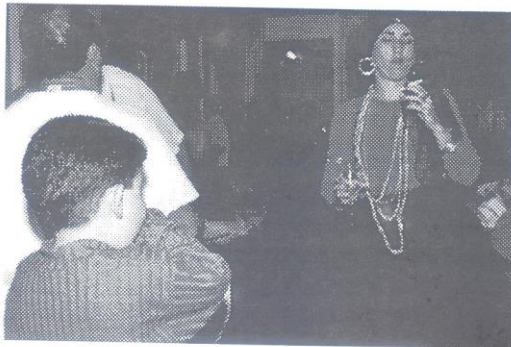
Ogum guerreiro no corpo da mãe-de-santo



A defumação inicia a sessão no Cantinho de Oxalá e Oxum



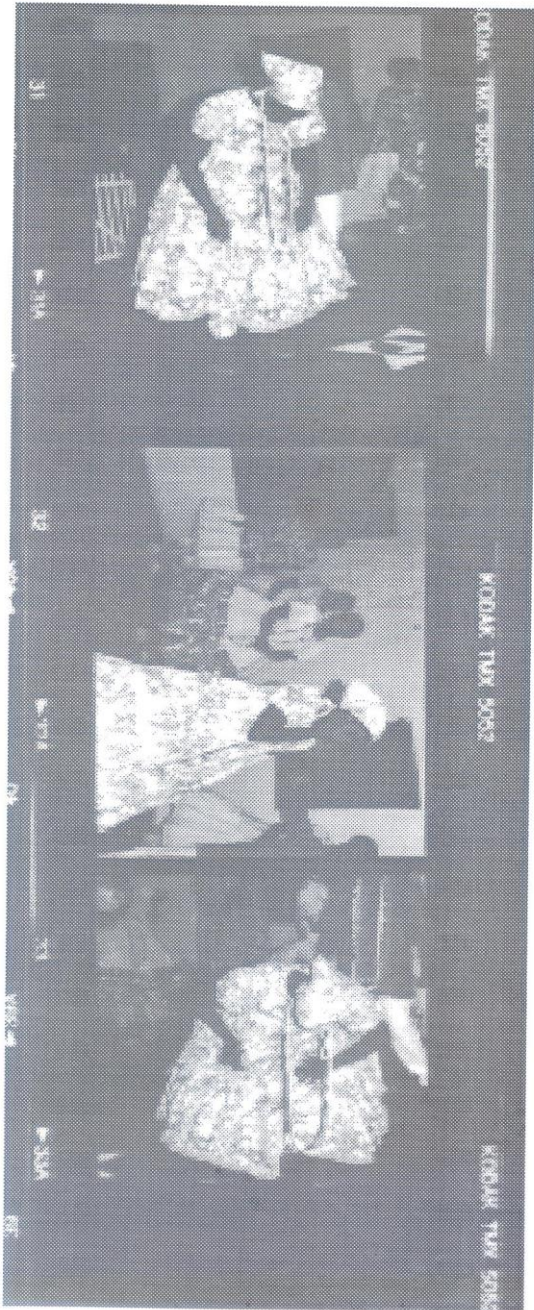
Lurdinha, a mãe-de-santo incorpora o orixá feminino da casa



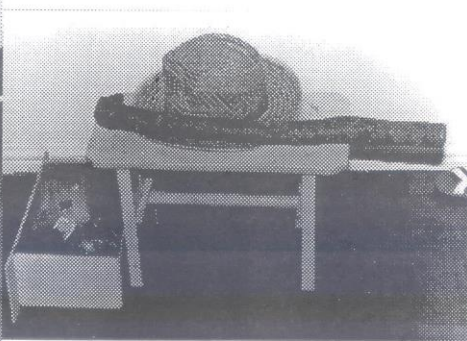
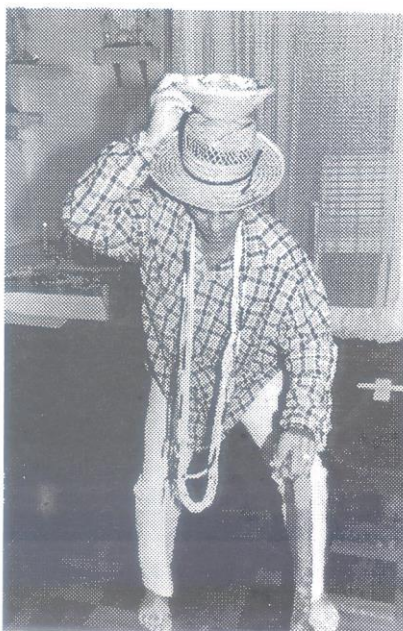
As crianças circulam livremente pelo terreiro conversando com orixás e entidades. Elas vão assimilando espontaneamente os símbolos e os rituais da religião.

O som dos atabaques conduz a sessão





Preto-velho
chegou
no terreiro.
Batuque
não pode
parar.
Ele traz
um colar
de
miçangas.
E a
guia
do
Pai Oxalá
Ô, ô, ô.
Batuque
não
pode parar.



O corpo já não abriga apenas
uma pessoa.
São um escravo que viveu e
morreu no Brasil da Abolição
da Escravatura e um cidadão
livre que nasceu no século
seguinte.

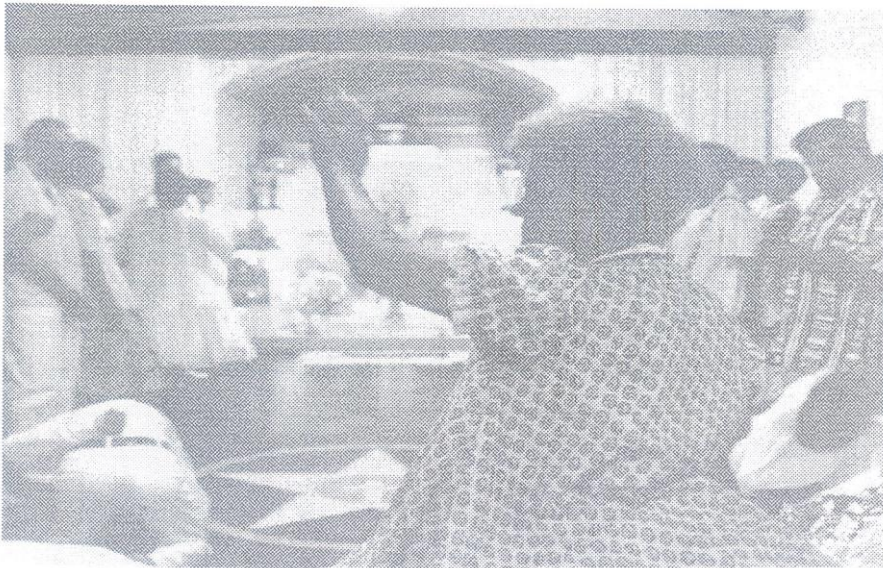


Uma esteira é esticada no meio do terreiro.
Em cima, a panela de feijão, alguidares de barro com laranja descascada,
farinha e maçãs vermelhas. Tudo isso regado a muito vinho.





Vó Rosa, a preta-velha de Mãe Hilca, dá consulta em frente ao altar



A dona do terreiro comanda o ponto

RITUAL: OS CAMINHOS NA CIDADE

Se hoje ainda é difícil dizer que existe uma única Umbanda, *Almas e Angola* é a linha umbandista que predomina em Florianópolis. Ela guarda características comuns à Umbanda em geral e a suas diferentes linhas, mas possui particularidades que a distinguem como prática ritual.

A Umbanda difere de outras religiões que trabalham com rituais africanos pela crença nas chamadas *entidades* ou *guias*. Além dos orixás, que eles consideram espíritos feitos só de energia, ligados aos domínios da natureza e que nunca tiveram seu próprio corpo de carne, os umbandistas cultuam espíritos que já viveram encarnados. São os caboclos (índios), os pretos-velhos (negros escravos), as beijadas (crianças), os exus e as pombagiras. Estes têm um contato maior com o público que assiste as sessões, conversam com as pessoas e dão conselhos. Outros espíritos, que não estão dentro desses tipos definidos ainda participam como enviados dos orixás. Pai Evaldo explica que os “verdadeiros” orixás, por terem muita luz, vêm à Terra poucas vezes por ano. Para suprir as sessões semanais, mandam representantes que atuam no lugar deles.

São os eguns (espíritos dos mortos), que podem aparecer em contextos diferentes, sendo considerados seres esclarecidos ou não. Quando uma pessoa está sendo influenciada de forma negativa pelo espírito de um morto (no espiritismo kardecista chamam de obsessão), é um egun que está atrapalhando a vida dela. Geralmente são espíritos de parentes, ou mesmo desconhecidos, que ainda querem participar das sensações terrenas. No cotidiano, esse espírito é denominado de “perturbado” ou “encosto”. Também são chamados de eguns, os espíritos escolhidos pelos orixás para representá-los. Só que, segundo Pai Evaldo, são “eguns evoluídos”. O grau de evolução desse enviado depende do nível do pensamento do médium.

Garante que quanto mais pensamento positivo o médium tiver, mais “evoluído” esse espírito será. Isso acontece com todos os orixás. O pai-de-santo alerta que ninguém recebe a sua Iansã, a sua Oxum, o seu Ogum em todas as sessões. Eles só vêm uma ou duas vezes por ano.

Pergunto se existe um período determinado para que o “verdadeiro” orixá incorpore. A resposta é que isso depende da percepção do médium. “Nunca tem tempo estipulado, entendesse? É um dia todo especial. A gente sabe consigo mesmo. A emoção é uma outra. A vibração é uma outra. Dentro do terreiro tudo é maravilhoso. Tudo é muito bonito. A pessoa não anda, ela flutua. Então, é o dia do orixá. É algo assim muito diferente de todos os trabalhos do ano. É uma coisa diferente, muito especial. A gente se emociona quando sai da incorporação. A gente chora”. Pai Evaldo fala como se lembrasse da sensação de receber as energias de seu “verdadeiro” orixá. O único orixá que não manda representantes é Oxalá. Por isso, ele incorpora no médium uma vez por ano. Pai Evaldo diz que já passou ano sem ter sequer uma incorporação de seu orixá-de-cabeça. Dessa forma acontece com todos os orixás no Candomblé. Eles não *batem para o santo* todas as semanas e a incorporação acontece em intervalos de tempo bem maiores.

Essa crença a respeito dos enviados dos orixás é, no entanto, de exclusivo domínio dos médiuns mais antigos na religião. Os integrantes novos e a assistência consideram as *giras* de orixá como a manifestação verdadeira de Iansã, Oxum, Yemanjá, Nanã, Xangô, Ogum, Obaluaê.

As entidades ou guias mais conhecidos e cultuados pela Umbanda são os pretos-velhos, os exus, as pomba-giras, os caboclos (incorporados durante a gira do orixá Oxóssi) e as crianças - que *baixam* quando tem sessão de beijada. O culto a esses espíritos determina a principal diferença entre Candomblé e Umbanda. São representações de negros escravos,

índios, pessoas que morreram criança, homens e mulheres da noite. Eles incorporam nos médiuns para fazer a caridade. Atendem pessoas que procuram o terreiro com supostos problemas espirituais. A assistência, como se costuma denominar as pessoas que vão para observar o ritual, é composta por uma variedade de tipos que chega ao terreiro querendo de cura para doenças à solução de problemas amorosos.

A linha de *Almas e Angola*, praticada na maior parte dos terreiros de Florianópolis, tem algumas características próprias. O culto a exus e pomba-giras como entidades é um exemplo. Terreiros de Umbanda de outras linhas ou não consideram o chamado “povo de esquerda” como espíritos capazes de auxiliar nos trabalhos, ou, ao contrário, os consideram como orixás, e eles se tornam pais-de-cabeça do médium. É quando se ouve dizer que uma pessoa é filha de Exu ou de Pomba-Gira. Em *Almas e Angola*, essas entidades são tratadas como espíritos em evolução que convivem no terreiro para lidar com os problemas espirituais das pessoas. A eles é legada a “carga pesada”. Os trabalhos mais difíceis, que mexem com energias telúricas, mais ligadas a vida na Terra, menos sutis.

Outro elemento típico de *Almas e Angola* é o uso da “matança” como uma de suas práticas. A matança é o sacrifício de aves como oferenda aos orixás e entidades. Em ocasiões especiais, eles recebem partes do corpo e o sangue(*menga*) das aves dispostos em pratos de barro de acordo com o ritual. As obrigações para os orixás são entregues no altar, os pretos-velhos recebem as oferendas na “casa das almas” (uma espécie de casinha que fica do lado fora do terreiro) e os exus e pomba-giras, na “cangira” - um espaço igual ao da casa das almas, destinado a eles. Em outros cultos de Umbanda, os integrantes trabalham apenas com ervas das quais cada orixá recebe a de sua preferência. O evento de maior importância onde existe a necessidade de matança é a camarinha, o mais valorizado ritual de passagem de *Almas e*

Angola. Cada camarinha é um degrau percorrido pelo filho-de-santo dentro da hierarquia da religião. São três etapas básicas: Obori, Pai-pequeno ou Mãe-pequena, e Babalorixá ou Yalorixá. É também quando o filho-de-santo define os seus orixás-de-cabeça. Dentro desse ritual, o médium precisa dar uma criação inteira para alimentar seus orixás e entidades. Cada um deles tem preferência por uma espécie de ave - espíritos masculinos recebem galos e espíritos femininos ganham galinhas. Para Iansã, galinha de penas amarelas. O galo de Oxalá é branco.

Existe ainda um outro fundamento que diferencia *Almas e Angola* de outros tipos de Umbanda. Eles utilizam partes do cadáver de um indigente no assentamento do terreiro. Esse cadáver recebe o nome de egun. Pai Evaldo defende que o egun é maltratado no cemitério, mas que no terreiro ganha valor e é “alimentado”. Ele também garante que os cadáveres não são roubados e que nenhum túmulo é violado. Os ossos - um crânio e dois membros, braços ou pernas - são retirados do cruzeiro pelo coveiro, que sabe da utilização deles. A função do egun é cuidar do terreiro para que nenhum outro espírito perturbe a paz espiritual do lugar.

Pai Evaldo conta uma história sobre a vez em que transferiu seu terreiro do Bairro Ipiranga para Barreiros, em São José. Segundo o ritual, o assentamento(egun) só pode ser levado de um lugar para outro se a distância for inferior a 50 metros. O egun deveria ter sido “devolvido para o lugar dele (cemitério)”. Depois do novo terreiro pronto, ele voltaria a ser enterrado sob a nova casa das almas. Essas regras rituais deveriam ter sido respeitadas. Na euforia de levar o terreiro para um bairro mais acessível a seus filhos-de-santo, Pai Evaldo transferiu os fundamentos direto do terreiro antigo para o novo. Além disso, ele deu comida-de-santo (oferenda feita de canjica e algodão) para seu orixá-de-cabeça, Oxalá, na própria casa onde

morava. A oferenda deve ser entregue no terreiro. O pai-de-santo diz que pecou não obedecendo as regras da religião. E pagou por isso:

- Dia 24 de dezembro é aniversário do meu Pai (orixá). Eu sou de Oxalá menino. Na semelhança do catolicismo quer dizer menino Jesus. Dia 24, na casa onde eu morava, eu dei comida para o meu pai. Ele mesmo me destruiu. Não me destruiu, só me deu um alerta. Eu estava naquela euforia, achava que o terreiro novo ia ser bom. E tinha que ser como eu queria, né. Nem consultei com o Seu Peri. O Seu Peri é o meu caboclo e mentor da casa. Ele é quem dava as coordenadas direitinho do que tinha que fazer. E eu nem consultei com ele. No dia 24, saí com a minha família pra jantar fora. Não levei 20 minutos fora de casa e foram me chamar que tinha um incêndio na minha casa. Queimou tudo! Só ficamos com a roupa do corpo e com o meu carro. Foi porque eu pequei horrores.

Depois do incêndio, Pai Evaldo procurou sua mãe-de-santo, Mãe Ida, que o orientou nos procedimentos de *Almas e Angola*. Mãe Ida foi a responsável pela difusão do ritual de *Almas e Angola* em Santa Catarina. Sentadas à mesa da cozinha de sua casa em Palhoça, ela me conta que não lembra mais nem em que ano começou a espalhar o ritual pelo estado. Só sabe que tinha por volta de 18 anos quando foi ao Rio de Janeiro aprender novas práticas que fariam parte mais tarde, dos fundamentos de 80% dos terreiros em Florianópolis. Ela é a raiz de quase todas as casas de santo de *Almas e Angola* da cidade. Algumas pessoas falam que houve médiuns que não quiseram aprender com ela e foram até o Rio para ter contato com o ritual. Hoje, Mãe Ida tem 77 anos. A filha de Xangô e Yemanjá não trabalha mais à frente de um terreiro por falta de condições físicas. Mas ainda vive rodeada de filhos-de-santo que a ajudam na sua velhice e recebem orientações sobre a prática do ritual. Mãe Ida e Pai Evaldo foram as primeiras pessoas consultadas depois da morte de Mãe Hilca para

discutir uma possível reabertura do terreiro dela e o destino dos filhos-de-santo.

Em outros tempos, a imponente filha de Yemanjá, com fortes olhos azuis, comandava um dos mais importantes terreiros da história de Florianópolis. Ele funcionava no Saco dos Limões, na Ilha. Ela conta que os carros faziam fila na porta do seu Centro para assistir as sessões e consultar com suas entidades. Entre os convidados, muitos políticos. Mãe Ida lembra com saudade e um sorriso de satisfação as feijoadas das festas de preto-velho, no dia 13 de maio, em comemoração à abolição da escravatura. O terreiro explodia de tanta gente e tanta comida. *A Almas e Angola* de Mãe Ida alterava a rotina dos moradores do bairro, em sua maioria católicos.

Zoê, funcionária pública, que morava com seus pais desde criança no Saco dos Limões, diz que podia ouvir o som dos atabaques de sua casa. Sempre teve curiosidade de ir até o terreiro para saber como era. Mas sua mãe não deixava. Às vezes, dava uma escapada e passava por perto para conhecer o lugar. Zoê e suas irmãs acompanhavam o terreiro de Mãe Ida através de um tio que, de vez em quando, ia assistir as sessões e chegava cantando os pontos dos orixás e contando o que havia visto. Zoê é mãe de uma amiga minha, Ana, que é também estudante de jornalismo. Eu não sabia de sua infância próxima à Umbanda até chegar em sua casa e começar a falar sobre a minha pesquisa. De repente, ela começa a cantar um ponto de Xangô há anos puxado nos terreiros.

*Pedra rolou, pai Xangô
Lá da pedreira
Segura pedra, meu pai
Na cachoeira
Tenho o meu corpo fechado
Xangô é meu protetor*

*Firma ponto, meu filho
Pai-de-cabeça chegou*

Eu pergunto como ela conhece aquela música e Zoê me responde: “conheço Umbanda há tempo, desde o Saco dos Limões, na época do terreiro da Mãe Ida”. Fico surpresa com a revelação. Ela conta que tinha muita curiosidade em saber o que acontecia no terreiro. Quem não gostava muito era o padre que se mudou para o bairro. Nos dias de festa de Nossa Senhora da Conceição, ou Oxum, a mãe de Zoê, dona Maria, distribuía as rosas do seu jardim entre a igreja e o terreiro de Mãe Ida. O primeiro padre aceitava o tratamento igualitário entre as duas religiões mais fortes no bairro. O padre que o substituiu, porém, não aprovou a idéia e foi falar com dona Maria. Ele queria proibir a dona das flores de doá-las ao terreiro. O sacerdote errou feio. Dona Maria ficou furiosa e deixou de doar as rosas para a própria igreja. Passou a entregar todas para as festas do terreiro de Mãe Ida. Zoê comemora a atitude da mãe e diz que o padre foi preconceituoso.

Ao som dos atabaques

Muito além da cidade, no bairro, oito da noite de qualquer sexta-feira: basta seguir essas indicações e prestar atenção nos próprios ouvidos para encontrar uma sessão de Umbanda. A batida dos atabaques leva os interessados em conhecer uma sessão de *Almas e Angola* até o terreiro. Desta vez, o caminho é a avenida principal de Barreiros, São José, na Grande Florianópolis. Entro numa das ruas secundárias à esquerda e avisto

a Escola Elisa Andreoli, um colégio de freiras onde estudei seis anos. O terreiro de Lurdinha está próximo. Fica na rua abaixo da escola.

É um beco sem saída. A rua de um bairro da periferia da cidade, sem calçamento, iluminada pela luz fraca de um poste. Alguns carros estão estacionados em frente à casa de Lurdinha que não tem nem placa indicando que há um terreiro no quintal. Sei que o endereço está correto porque conheço há anos a casa branca e verde de alvenaria, e até uma amiga que me acompanha, e que nunca entrou em uma sessão de Umbanda, sabe que é ali pelo som dos tambores e das vozes. Dois cachorros nos acompanham latindo até que passamos pelo portão da casa. A fraca luz do poste fica para trás. Entramos pela garagem da casa. O som vindo do terreiro fica mais forte. O “Cantinho de Oxalá e Oxum” foi construído na parte dos fundos, e é preciso subir uma escada para chegar até o salão do ritual.

Chegamos na gira de Obaluaê. A sessão havia começado há cerca de 40 minutos. Alguns orixás já estão incorporados. No exato momento em que chegamos no terreiro, a mãe-de-santo recebe o seu Obaluaê. O corpo rígido com mãos e pés curvados começa a se movimentar pelo salão. Imediatamente um lenço branco é colocado sobre a cabeça de Lurdinha para cobrir os olhos arregalados. Muitos pensam que o lenço cobre as chagas do corpo de Obaluaê, um leproso representado pela figura de São Lázaro. Mas os umbandistas como Pai Evaldo, acreditam que Obaluaê representa o sol, e tem tanta luz que, se uma pessoa com o dom da vidência dos espíritos visse esse orixá, ela ficaria cega. Por isso, o pano branco ou *filas* (uma espécie de manto feito de tule ou palha). Obaluaê é o pai dos doentes e das doenças. São endereçados a ele os pedidos de cura. Um ogã do terreiro puxa mais um ponto para o orixá:

*Oh! Como é belo esse jardim
Com lindas flores enfeitadas em buquê
São ofertadas de todo o coração
Ao mestre Obaluaê
São flores do meu velho
Atotô, meu pai
São lindas e cheirosas
Atotô, meu pai
São flores do meu velho
Atotô, meu pai
Também são milagrosas
Atotô, meu pai*

Os demais médiuns incorporados com Obaluaê continuam *salvando* ou *cruzando* o terreiro. Começam sempre pela estrela pintada no centro do salão. Uma cruz branca fica bem no meio, dentro de um pequeno círculo azul (esta cor representa o orixá feminino da dona do terreiro, Oxum). Em volta a estrela branca circundada por um grande círculo também azul. Obaluaê e Oxalá são os únicos orixás que não *batem cabeça* no chão para fazer sua saudação. Eles apenas se curvam sobre o lugar ou a pessoa que estão saudando. Todos seguem o mesmo caminho. Depois da estrela, eles salvam as quatro cruzeiras brancas pintadas nos cantos do salão. Debaixo de cada símbolo desses está enterrado uma parte do assentamento do terreiro. Cada cruz representa um orixá, disposto de acordo com a escala do santo da dona do terreiro. Sob a estrela são colocados oferendas para o orixá feminino que comanda o lugar, nesse caso, Oxum.

A gira de Obaluaê vai terminando a medida que os orixás *sobem*. A possessão deixa os médiuns prostrados, como se tivessem acabado de voltar de um desmaio. Muitos deles vão direto tomar um copo d'água para aliviar

o cansaço. Grande parte dos que recebem Obaluaê regularmente são filhos do orixá. Por isso, têm afinidades com as qualidades e defeitos da personalidade do seu pai-de-cabeça. Na mitologia dos orixás, Obaluaê foi rejeitado por sua mãe. Nanã o abandonou quando descobriu que ele tinha o corpo coberto por chagas. Yemanjá, a mãe de todos, adotou Obaluaê. Os filhos desse orixá, segundo Pai Evaldo, são pessoas melindrosas, que se sentem ofendidas com qualquer palavra a mais dita a elas. É preciso tratá-las com muito tato. Todos os médiuns terminam a incorporação. Antes do intervalo habitual, no fim da primeira parte da sessão, Lurdinha dá um recado. Cada um deve lembrar de costurar um filar para o seu Obaluaê. Assim como os médiuns possuem suas roupas-de-santo, devem ter o filar.

O intervalo de cerca de quinze minutos dá uma amostra do relacionamento entre os médiuns. Todos descem as escadas para conversar um pouco, tomar café preto e fumar um cigarrinho. Eles sentam em volta da mesa com Lurdinha, que continua com sua saia rodada por cima das anáguas duras de goma. Desço para observar o lugar que conheço desde criança. As pessoas mais antigas do terreiro perguntam por minha mãe. Ela e Lurdinha entraram juntas na Umbanda, ainda no terreiro do Pai Evaldo. O cigarro e a xícara de café terminam. É hora de subir as escadas para iniciar a segunda parte, quando há atendimento ao público. Acaba se tornando a parte mais importante do ritual e até dá nome as sessões. Não se diz que vai ter sessão de Iansã ou de Oxum. Quem dá o nome à sessão é a entidade que será incorporada e não os orixás: sessão de preto-velho, caboclo, exu, beijada. Nesta sexta, Lurdinha faz sessão de preto-velho, que traz sempre antes os orixás Xangô, Nanã e Obaluaê.

Há alguns anos, os umbandistas faziam sessões às segundas para preto-velho e às sextas para caboclo (uma vez por mês para beijada e exu). Com o tempo, as de segunda foram sendo extintas em todos os terreiros

porque terminavam muito tarde, depois da meia-noite, e as pessoas sempre tinham que trabalhar cedo no dia seguinte. A maioria dos terreiros agora só bate às sextas-feiras.

Quase todos estão nos seus lugares na corrente e a neta da Lurdinha de seis anos, que nasceu vendo a avó incorporar seus orixás, brinca de fazer ginástica no meio do terreiro. Todos aqueles atabaques, saias coloridas e estátuas de santos, já fazem parte do cotidiano de Jéssica. Quando percebe que a sessão vai recomeçar, senta num cantinho perto do altar e fica observando tudo. Lurdinha bate a sineta e grita: “adorei, minha santas almas!” Este é o sinal para iniciar a gira de preto-velho. Os ogãs puxam os pontos e os médiuns batem palmas. O primeiro ponto fala de Pai Romão, o preto-velho de Lurdinha. Jéssica acompanha batendo o pé no chão e cantando junto com o avô, ogã desde a abertura do terreiro.

*Pai Romão trabalha
Com São Cipriano e Jacó
Ele trabalha com a chuva e o vento
Ele trabalha com a lua e o sol*

Os médiuns saem da corrente para “dançar para o santo”. Junto com Lurdinha, eles dançam em círculo em torno da estrela de Oxum. Agachados com as mãos nos joelhos, eles se concentram e esperam a incorporação dos negros escravos. Os primeiros pretos-velhos vão assumindo o controle dos corpos dos médiuns. Um corpo que já não abriga apenas uma pessoa. São um escravo que viveu e morreu no Brasil antes da abolição da escravatura e um cidadão livre que nasceu no século seguinte. Uma pessoa que ao mesmo tempo é muitas outras. Nesse momento, um preto-velho, minutos antes um Obaluaê e, nas semanas que ainda vêm, Iansã, Xangô, Ogum.

Esse encontro de duas pessoas num só corpo cria também um novo território e uma nova temporalidade. Um exemplo disso, é imaginar aquela dança em volta da estrela como a festa de velhos escravos negros em frente a uma senzala qualquer do século passado. Depois tentar transportá-la para 1997, entre quatro paredes de alvenaria, onde os escravos a partilham com brasileiros, muitas vezes brancos, de uma outra época, e sem o tronco à sua espera. Duas épocas se unem em um mesmo lugar para reviver hábitos e criar uma nova situação. Eles agora se reúnem para “fazer a caridade” e atender uma fila de outras pessoas que espera por resolver algum problema de suas vidas.

Em outro terreiro, numa sessão que aconteceu meses antes dessa, outro preto-velho, Pai Cipriano, me disse que eles faziam suas festas na Umbanda para lembrar o período em que sofreram como escravos. Com isso, pretendiam valorizar o aprendizado de um tempo difícil e ensinar às pessoas a não repetir os feitos daquela época. Após incorporar nos médiuns e salvar o terreiro, cada preto-velho ou preta-velha vai sentar no seu banquinho de madeira branco, preparado pelo médium no intervalo da sessão. Lá estão também seu cachimbo, seu chapéu de palha ou lenço de pano, fumo e vinho tinto. Pai Romão senta-se ao lado do altar, de frente para os ogãs e para a assistência. Depois de mais alguns pontos, as pessoas que vêm acompanhar o ritual podem entrar para conversar com os pretos-velhos. Eu e minha amiga tiramos os sapatos e entramos no salão de tacos encerados para falar com Pai Romão.

Lurdinha está sentada no banquinho branco com calça e camiseta brancas. Quando a entidade é masculina, como preto-velho e exu, as mulheres trocam as anáguas pela calça comprida. Pai Romão usa chapéu de palha com uma fita preta na base. Duas guias adornam o pescoço, uma branca de Oxalá e outra azul de Oxum. O cachimbo que descansa no canto

da boca é constantemente reabastecido com fumo. Ele abre a caixa de fósforos - que muitos pretos-velhos chamam de *risca-risca* - atea fogo na erva e dá uma forte baforada. Os olhos estão semicerrados e os lábios parecem se modificar. Ficam alongados como lábios negros. Mas alguns detalhes ainda fazem lembrar da mulher do século XX. Os brincos de argola continuam nas orelhas e as unhas estão pintadas de rosa claro. Pai Romão nos oferece sua bebida. Penso que é vinho e dou uma golada. Mas é cachaça - *marafa*. A bebida passa ardendo na garganta.

Pai Romão começa a consulta perguntando como estamos. Digo que vai tudo bem e devolvo a pergunta para ele. A resposta é segura: “estou formoso”. Conto sobre a minha pesquisa, que gostaria de falar um pouco sobre o trabalho deles no terreiro. Ele quer saber porque escolhi estudar a Umbanda. Não entendo muito o interesse dele nisso e começo a contar que já conheço o ritual há bastante tempo por causa de minha mãe e me interessa escrever sobre o cotidiano de uma religião que tem tantos adeptos em Florianópolis. Quando ele lembra de minha mãe e da época em que eu era criança, diz que agora entende tudo e que eu tinha que ter um pé dentro do terreiro. Começa a reclamar com seu sotaque de muitos “erres”, que minha mãe frequenta pouco as sessões: “aquela sem vergonha(*srem vregonha*). Ela é muito boa pra trabalhar para o Centro e não no Centro. Ela nunca vai no terreiro trabalhar. Diz pra ela vir aqui ver o preto”.

Depois do recado, resolve me falar dos objetivos dos pretos-velhos na Terra. A principal função é fazer a caridade, trazer carinho, amor e paz: “os pretos-velhos ouvem as lamentações dos filhos da Terra. Ninguém melhor do que os pretos-velhos que já passaram pela Terra pra saber o que é viver aqui”. Além da entrevista, eu e minha amiga recebemos uma benzedura de Pai Romão. Ele diz que, com o “rezador”, eu vou escrever bem bonito sobre o preto. Faz o sinal da cruz, fala algumas orações e nos

benze com um galho de arruda. No fim da prece, avisa: “preto-velho é quem te benze, mas é Zambi quem te cura”. Agradecemos e saímos do salão.

Antes de os pretos-velhos começarem a ir embora, Pai Romão ainda surpreende. Luciana, a filha mais velha de Lurdinha teve filho há menos de um mês e leva o menino para o preto-velho benzer. O negro pega o bebê no colo, levanta arcado do banco e segue até o altar. Ergue o menino em direção à imagem de Oxalá e faz suas orações. Olho para o gesto com surpresa e um pouco de medo. Pai Romão segura a criança com enorme habilidade. Depois a devolve à mãe. Reconheço que suspiro aliviada. Mas sei que faz parte da iniciação de mais uma criança no cotidiano das entidades e orixás.

A sessão já vai chegando ao fim e o relógio marca mais de onze e meia da noite. Os pretos e pretas-velhas deixam seus banquinhos de madeira e voltam a dançar em volta da estrela. Só que agora num processo contrário ao início. Agora, os negros escravos vão embora para ficarem os médiuns. Pai Romão se prepara para subir. Ele caminha novamente até Oxalá, faz sua reverência, entrega o chapéu de palha e o cachimbo e vai salvar todo o terreiro. O preto-velho fica no centro da estrela e benze o próprio corpo de Lurdinha, um “aparelho” que lhe foi muito útil. A yalorixá começa a sacudir o corpo. É Pai Romão quem vai embora. O ogã canta a despedida do preto-velho responsável pela abertura do terreiro.

*Adeus, adeus, vovô
Até outro dia
Quando a Umbanda chamar*

As incorporações chegam ao fim. Os médiuns estão visivelmente cansados depois de quase quatro horas de dedicação ao ritual. A última prática da noite é o encerramento, feito de joelho pelos médiuns e de pé pela assistência. Lurdinha recruta um dos seus filhos-de-santo para comandar as preces finais. João é babalorixá há alguns anos. Ele se ajoelha em frente ao altar e ergue as mãos com as palmas voltadas para cima. Inicia um Pai Nosso e uma Ave Maria, que sofreram algumas modificações na Umbanda. Todos rezam em voz alta.

Pai Nosso

Que estais nos céus

Santificado seja o vosso nome

Venha a nós, o vosso reino

Seja feita a vossa vontade

Assim na Terra como nos céus

O pão nosso de cada dia, nos dai hoje

Perdoai senhor, as nossas dívidas

Assim como nós perdoamos aos nossos devedores

E não nos deixei cair em tentação

Livrai-nos de todo mal

Que assim seja

Ave Maria

Cheia de graças

O senhor está convosco

Bendita sois vós entre as mulheres

E bendito é o fruto de vosso ventre

Nasceu Jesus

Santa Maria, mãe de Jesus

Rogai por nós pecadores

Agora e na hora de nosso

Desencarne

Que assim seja

Depois da prece, os médiuns cantam dois pontos de Oxalá. A batida do atabaque é mais lenta, quase reflexiva. Todos cantam ainda de joelhos e voltados para o altar.

(...) eu vou pedir

Ao meu pai Oxalá

A luz e a proteção desse gongá

O ritual é encerrado, mas a administração do terreiro ainda precisa da atenção dos médiuns. Lurdinha pede ajuda para lixar e pintar novamente de branco as paredes do terreiro, que estão com caruncho. Todo o trabalho será feito no fim-de-semana em esquema de mutirão. A próxima sessão acontece em 23 de abril, dia de festa de Ogum.

Na véspera do dia de Ogum vou até o terreiro do Pai Evaldo fazer mais uma entrevista com ele. Conversamos por pouco tempo porque ele está enfeitando o lugar para a festa. Os médiuns vão chegando para ajudar. O pai-de-santo me fala um pouco da figura desse orixá tido como o guerreiro da Umbanda. No altar, a figura que representa Ogum é o cavaleiro São Jorge, que aparece matando o dragão com sua espada. A missão dele é guerrear, afastar os nossos inimigos. A força vital de Ogum está nas grandes retas, nas estradas. Pai Evaldo define os filhos de Ogum como pessoas extremamente belas, esbeltas. Uma beleza máscula, tanto em filhos homens

quanto em mulheres. O oposto de Oxalá, que ele considera o orixá masculino com maiores traços de beleza feminina. Filhos de Ogum são criaturas corretas, continua o pai-de-santo. Pessoas que não param no espaço - vão à luta pelo que querem. E são criaturas muito amigas, confiáveis, verdadeiros defensores.

Nos áureos tempo do terreiro de Pai Evaldo, quando chegou a ter cerca de cem médiuns, as festas começavam a ser preparadas meses antes. O pai-de-santo lembra de todas as pompas: “Já teve época em que eu dei festa de Ogum em que a gente contratava militares pra tocar a *Alvorada* porque representa um santo guerreiro. Então, no início tocava a *Alvorada*, no término tocava o *Silêncio*. Umas festas maravilhosas”. Depois de dois enfartes e com menos médiuns, ele faz festas mais simples. Mas sempre com a bandeira do Brasil junto com muitas outras vermelhas com branco nos caibros do telhado.

Mãe-de-santo no cotidiano

O cotidiano de um pai ou de uma mãe-de-santo não se limita ao ritual realizado todas às sextas-feiras. Como uma espécie de conselheiro espiritual do grupo, ele tem que estar sempre disponível para resolver os problemas dos filhos. Às vezes, os compromissos não são exatamente espirituais. Ou acontece tudo junto. Telefone para a casa de Maria Alice para marcar uma entrevista com ela, numa sexta à tarde. Maria Alice tem terreiro há poucos meses, desde janeiro de 1997, e também foi médium do Pai Evaldo. Ela me diz que está disponível naquele momento, enquanto passa cera no assoalho do terreiro. Resolvo ir fazer a entrevista. Quando chego no terreiro dela, no Bairro de Fátima, no Continente, ela já interrompeu a limpeza, não para nossa conversa, mas para atender uma

moça que está passando mal. O diagnóstico da família da moça e da mãe-de-santo não prevê problemas clínicos, mas espirituais. Ela tem mediunidade, potencial para incorporar seus orixás e entidades, mas não está muito disposta a isso. Maria Alice avisa que ela tem que assumir essa potencialidade e trabalhar com o santo. É dessa forma que a maioria das pessoas entra para a Umbanda. Elas começam a ter sintomas de algum tipo de doença, que os médicos muitas vezes não diagnosticam, e entendem que o problema é espiritual. Resolvem freqüentar a religião.

Mara parece que vai desmaiar a qualquer momento. Está com o corpo todo mole e quase não fica de pé. A primeira medida da mãe-de-santo é levá-la para tomar um banho de descarrego - banho frio no chuveiro e com ervas (*amací*). Antes de entrar no banheiro, que fica dentro do terreiro, chama uma de suas filhas de sangue e pede que alcance uma calça e uma blusa brancas. As três pessoas que vieram com a moça - um homem e duas mulheres - ficam sentadas nos bancos de madeiras na assistência esperando que a mãe-de-santo resolva o problema dela. De repente ouvimos Mara chorar copiosamente. Depois, a voz de Maria Alice lhe explicando que, se ela aceitasse “trabalhar”, não sofreria tanto assim. Ambas ficam em silêncio. As roupas brancas chegam.

Maria Alice volta a falar com Mara, mas já não consigo ouvi-las porque o burburinho na assistência é muito grande. Os parentes deixam tudo por conta da mãe-de-santo e começam a comentar sobre o episódio de Mara procurando a ajuda de um pastor. Uma das pessoas que está na assistência vai levar a roupa até o banheiro e não lembra o nome da mãe-de-santo. Vão falando nomes para ver se conseguem lembrar o certo. Até que uma delas pergunta: “Mãe Hilca?” A outra corrige rapidamente: “a Mãe Hilca já morreu!” Se dirigem a mim e digo o nome da mãe-de-santo. Mara e Maria Alice saem do banheiro.

A moça senta em um banquinho de madeira em frente ao altar. A yalorixá começa a rezá-la de camarinha. Este tipo de benzedura é uma das poucas vezes em que os médiuns interferem no bem-estar espiritual de alguém, sem precisar incorporar nenhum orixá ou entidade. Na reza de camarinha, eles trabalham com uma espécie de imposição das mãos e acreditam que a sua própria energia pode beneficiar as pessoas. Maria Alice continua sua reza até que Mara começa a torcer o corpo e a fazer ruídos com a garganta, que se aproximam de um urro. O burburinho na assistência continua até que a garota quase cai no chão e tem que ser segurada pela mãe-de-santo. Maria Alice conclui que ela está com um egun, um perturbado. Chama pelo orixá-de-cabeça de Mara, Obaluaê, para que ele faça a limpeza em sua filha. Obaluaê incorpora em seguida. Mas depois volta o egun.

Para quem está assistindo a tudo aquilo é difícil saber quando um chega e o outro sai. Exceto, é claro, pela agressividade do espírito chamado de perturbado. Mas é fácil confundí-los porque ambos vêm com o corpo curvado e as mãos torcidas. A mãe-de-santo fala firme com o espírito que, na Umbanda, chamam de perturbado. Fala numa linguagem usada prioritariamente em centros espíritas kardecistas, que trata com respeito até o pior obsessor. Mas não admite o mal que ele está fazendo com a moça. Diz que é um desrespeito ele interferir em pleno trabalho com orixá - ainda mais num dia como aquele (sexta-feira, dia dedicado a Oxalá, o orixá mais importante da Umbanda). Para terminar com aquela interferência do espírito que queria dominar os atos da jovem, Maria Alice recorre a quem, geralmente fica com o trabalho pesado, o “povo de esquerda”. Ela pede ao marido que acenda um vela na cangira para pomba-gira.

Depois a mãe-de-santo ordena que o espírito vá embora e deixe Mara em paz. A moça volta à consciência depois da ordem. O marido da mãe-de-santo traz um copo d'água para ela, que parece bastante cansada. E ainda faz piada da situação, como se avisasse que não adianta fugir da espiritualidade: "toma água Mara, toma água. Só não te ofereço cerveja porque não bebo". Maria Alice tem uma última conversa com a moça e sua família. Aconselha Mara a parar de pensar em jogar as roupas-de-santo fora e de dizer que vai para os "crentes". Diz que aquele terreiro é um lugar sério e ninguém vai rir dela durante o desenvolvimento (fato que ocorre, em alguns terreiros, por parte dos médiuns mais antigos que já incorporam seus orixás com mais facilidade, movimentando o corpo menos bruscamente). Mara vai embora prometendo voltar na semana seguinte para continuar o tratamento e iniciar como médium do terreiro. Finalmente Maria Alice vem para conversar comigo e confessa que não imaginava que abrir uma casa de santo fosse dar tanto trabalho.

Mas o dia-a-dia de uma mãe-de-santo não é feito apenas de problemas espirituais dos filhos. Eles também se encontram com ela fora da sessão para conversar e se divertir. Lurdinha me diz, durante nossa entrevista numa sexta à tarde, que em pouco mais de uma hora, os médiuns já começariam a chegar para bater papo. Eles fazem visitas diárias a Mãe Lurdinha. Vão tomar café com ela, aparecem aos sábados com carne e carvão para churrascos surpresa e organizam até torneios de cartas na casa dela. Com Mãe Hilca acontecia a mesma coisa. Sempre aparecia algum médium do seu terreiro para levá-la a passear. Ela já passou muitas festas de natal e ano novo com filhos-de-santo, ao invés de passá-los com a família de sangue - seja num restaurante de Florianópolis ou na areia da praia em festas de Yemanjá. De qualquer forma quando um desses filhos está

passando por dificuldades espirituais recorre imediatamente a sua mãe-de-santo.

Da cura à espiritualidade

Grande parte dos médiuns que freqüentam a Umbanda não indicam a religião para seus filhos. Apesar de ser unânime a afirmação de que é uma religião “maravilhosa, linda e emocionante”, eles dizem que o caminho do médium passa por muita dedicação e muitos sacrifícios. Uma das etapas mais difíceis é a iniciação. A maioria das pessoas entra para a Umbanda por chegar a conclusão de que têm problemas de saúde, impossíveis de serem resolvidos pela medicina. Lurdinha, que hoje é mãe-de-santo, ingressou na Umbanda aos 23 anos para curar problemas clínicos, diagnosticados como dificuldades espirituais. Mas conta que essas dificuldades vêm desde os seis anos de idade:

- Acho que eu tive todo o tipo de problemas que aflige um ser humano. Fui desenganada pelos médicos. Eles diziam que eu tinha o coração grande de mais para a minha idade, uma criança. Junto com a medicina, a minha mãe me levava a diversos benzedores. O tal de Manoel Manjuva, João Cavalheiro. A gente saía do antigo Departamento de Saúde Pública no Centro para ir me benzer na Agrônômica. Eles diziam que não era preciso se preocupar porque não era o que os médicos falavam, que os médicos também se enganavam. O meu problema era espiritual e ela deveria sempre me levar a benzer. Os médicos diziam que eu chegaria no máximo

aos 15 anos, o tempo que passasse depois seria lucro. O meu coração não iria bombear sangue direito e ia dar uma parada.

Os anos foram passando e Lurdinha esperava com aflição a puberdade. Esse período veio com muita ansiedade por parte de toda a família. A criança desenganada pelos médicos acabou não conseguindo ter uma vida normal. Ela não podia sair de casa sozinha porque a mãe tinha medo que ela tivesse as tais complicações cardíacas. Pelo isolamento, quase não tinha amigos. Os 15 anos chegaram e nada aconteceu, mas o medo da morte era ainda maior. Até esse período e depois, Lurdinha tinha estranhas sensações. “Eu estava sentada com a minha mãe jogando ‘burro’. De repente eu ficava mole e caía desmaiada. Era coisa de segundos. Ela sempre se preocupou com isso. Quando eu acordava, ela estava passando álcool em mim, nas minhas têmporas, no meu pulso. E eu perguntava porque estava passando aquilo em mim. Minha mãe dizia que não era nada, que era só pra melhorar”.

Lurdinha e dona Maria percorreram várias religiões. As duas foram à igreja quadrangular, à católica, a benzedadeiras. O tempo continuou passando. A previsão da medicina não se concretizava, mas tampouco os sintomas diminuíam. Aos 20 anos, quando Lurdinha já estava casada com Ademir, outros sintomas apareceram. “Eu chegava em casa e, de repente, parecia que as paredes estavam me apertando. Eu começava a tremer. E isso não me dava só em casa, acontecia até em supermercados. Aí o Ademir me levava para o hospital. Os médicos diziam que era um distúrbio do sistema nervoso”. Lurdinha contou seu caminho pelos médicos até que um deles sugeriu que ela procurasse um centro espírita kardecista. O diagnóstico era problema espiritual, nada que ele, como médico, pudesse resolver. Lurdinha passou a frequentar o Centro Espírita Seara do Amor, dirigido por um

senhor chamado Manoel Pedro. Lurdinha conta que os sintomas foram diminuindo gradativamente. Nunca mais teve seus habituais desmaios, nem teve a impressão de estar sendo esmagada pelas paredes da cozinha.

A Umbanda ainda não fazia parte da sua história. Exceto pelo passado de alguns membros de sua família que já haviam freqüentado os terreiros durante um tempo, mas resolveram nunca comentar este fato. A própria mãe, dona Maria, já havia participado como médium da Umbanda e preferiu tratar como uma fase que passou. Algum tempo no centro kardecista e Lurdinha começou a incorporar entidades que, até hoje, não são aceitas no espiritismo ortodoxo. A cabocla Juraci foi a primeira a se manifestar. Depois começou a incorporar sua pomba-gira. Já não era mais possível permanecer no ritual de Seu Manoel. Mas ela também não poderia deixar de desenvolver seu lado espiritual e sua potencialidade para incorporação porque tinha medo que ‘as doenças’ voltassem. Além disso, Lurdinha já creditava na necessidade de um caminho espiritual. Ela e Ademir, seu marido, conhecido por todos como Demica, passaram a procurar um terreiro de Umbanda. Chegaram até o terreiro de Pai Evaldo.

Entrar na Umbanda não foi simples. Lurdinha teve que vencer o medo. A primeira sessão que os dois assistiram foi de Exu e Pomba-Gira. Pai Evaldo não aconselha que a primeira incursão de alguém na Umbanda seja observando essas entidades. Normalmente as pessoas ficam muito impressionadas com as roupas pretas e vermelhas, os chapéus de feltro, as gargalhadas e o assédio. “Eu não fiquei nem assustada, fiquei apavorada. Eu não gostei nada, nada. Achei muita festa. Já o Ademir adorou. Dizia que era uma festa boa. Davam champanhe, whisky”, lembra Lurdinha. Por essa impressão inicial, ela demorou para decidir entrar para a Umbanda. Voltava ao terreiro para assistir as sessões. De vez em quando levava uma bengalada de Pai Adão, preto-velho do Pai Evaldo que dizia: “vai botar roupa”. Essa

expressão é utilizada para perguntar se a pessoa vai botar roupa-de-santo, se vai participar da sessão como médium. Lurdinha finalmente decidiu se tornar uma integrante de *Almas e Angola*, onde está até hoje. Mas sem abandonar os ensinamentos e as práticas do terreiro kardecista. O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, escrito por Allan Kardec, é lido junto com os médiuns do terreiro que ela dirige.

Como toda regra, a maneira de um médium ingressar na Umbanda também tem exceções. Pai Evaldo é um exemplo de alguém que entrou para a religião sem uma doença como causa principal. Ele tinha 15 anos, quando foi com dois amigos conhecer uma sessão no terreiro de Mãe Ida, no Saco dos Limões. Faltou a aula para conhecer a Umbanda. Mas a intenção dos três garotos era rir de uma religião exótica. Chegando lá, Evaldo se encantou com o ritual. “Os meus amigos ficaram horrorizados. E eu acho que já tinha tendência para o lado espiritual porque tudo pra mim foi maravilhoso. Eu fui pra fazer galhofa porque os meus amigos diziam que era macumba, um lugar onde ficava um monte de gente de cú pra cima, dançando, bebendo. Eu fui e achei tudo divino. Um terreiro simples, humilde, mas muito caprichado. Um altar muito bonito. Mais bonito até do que o altar de muita igreja que eu já vi por aí. O atabaque batendo, parecia que eu estava nascendo de novo. Mas eu não imaginava que iria ser um médium”.

Depois desse dia, Evaldo passou a voltar sempre ao terreiro de Mãe Ida para assistir as sessões. Ele morava no bairro da Prainha, no Centro. Às vezes, ia caminhando até o Saco dos Limões porque não tinha dinheiro para a passagem do ônibus. Aos 16 anos, conta que sentia “vibrações” do santo mesmo sentado na assistência. A mediunidade de Evaldo começava a se manifestar. Resolveu consultar com vovó Irikirita, preta-velha de Mãe Ida, para saber o que estava acontecendo. Ela disse que ele tinha uma herança da

avó de sangue, católica a vida inteira, que deveria ter desenvolvido sua mediunidade e nunca o fez. E avisou que Evaldo seria um grande médium, e de comando. Nunca mandariam nele. Hoje, aos 57 anos diz que a pretavelha tinha razão. A única pessoa a quem ele obedeceu dentro na Umbanda foi Mãe Ida. Passou a vida inteira criando muitos filhos-de-santo. Talvez tenha sido o pai-de-santo com maior número de filhos em Florianópolis. Quase todas as pessoas que têm terreiro de *Almas e Angola* na cidade passaram pela mão dele. Nos anos seguintes, Evaldo continuava visitando o terreiro e começou a namorar a filha da mãe-de-santo. Até que entrou para o terreiro, levado pela própria Mãe Ida. Ele lembra com perfeição a primeira sessão, que aconteceu há 40 anos. “Foi dia 23 de abril, dia de festa de Ogum. Eu fui assistir a sessão e me chamaram na casa de Mãe Ida. Na cama estava uma calça e uma camisa de santo pra eu botar. Foi surpresa”.

Nas trilhas da cidade

O caminho percorrido pelos médiuns na Umbanda tem muitos pontos em comum a começar pela maneira como a maioria entra para a religião até o momento em que os filhos-de-santo atingem o grau máximo na hierarquia de *Almas e Angola* tornando-se pais ou mães-de-santo. Todos passam pelos mesmos rituais, subindo cada degrau. Primeiro são médiuns inexperientes que ficam meio assustados com as incorporações e com o próprio transe que começa a acontecer. Alvir é um desses médiuns que fazem parte da corrente há poucos meses. Ele recém começa a receber suas entidades e a definir quem são seus orixás-de-cabeça. Os espíritos ainda não permanecem

incorporados durante o tempo necessário para salvar todo o terreiro - ainda “não estão firmes”, como eles dizem. Isso determina o grau de desenvolvimento do médium.

Depois desse período de adaptação, os médiuns já ganham um *status* mais elevado dentro da religião. Nesse momento, aparece a necessidade do primeiro ritual de passagem, a camarinha de Obori. Andréa é oborizada. Médium do terreiro de dona Hilca, ela ainda tem dúvidas de que incorpora a mesma cigana (pomba-gira) de uma yalorixá antiga. O espírito da cigana Alexandra confirma sempre que trabalha com ela também. As duas médiuns nunca deram incorporação no mesmo momento. Um ponto em favor da cigana. Mas Andréa ainda fica um pouco insegura. Depois do Obori, o filho-de-santo, já com alguns anos de Umbanda, assume uma posição mais cômoda e menos abalável. É dever dele agora auxiliar os mais jovens.

Mesmo com um caminho já determinado pelo ritual, cada médium tem uma história para contar sobre os anos de trajetória pela Umbanda. Pai Evaldo diz que a profecia de vovó Irikirita aconteceu. Por todos os terreiros onde passava, acabava sempre como dirigente do lugar ou o braço direito do pai-de-santo. Ele chama isso de “manobrar o terreiro”, mas com a intenção de organizar e “pôr a casa de pé”, sobretudo naqueles lugares que praticavam *Almas e Angola* de maneira errada. Esse poder de persuasão é demonstrado numa história em que ele conta como entrou para o terreiro que, mais tarde, deu origem ao seu. Depois de dez anos de *Almas e Angola*, Pai Evaldo foi convidado por um amigo a visitar os trabalhos de alguns médiuns no Bairro Ipiranga. Eram sessões que chamam de “trançadas” - uma união delimitada entre kardecismo e Umbanda. Os dois rituais não acontecem ao mesmo tempo, se é que eles podem ser tão exatamente divididos sem que um influencie na prática do outro. Primeiro os médiuns utilizam os procedimentos do espiritismo, com os espíritos aceitos nessa

religião. Depois, “vira para Umbanda”. Eles trabalham então, com pretos-velhos e caboclos.

Eram reuniões pequenas, feitas dentro da casa de Seu Carlos. Pai Evaldo foi avisado por seu amigo que não incorporasse o preto-velho porque em *Almas e Angola* os médiuns sacudiam muito o corpo, ao contrário do que eles praticavam no lugar - já influenciados pelos princípios kardecistas. Chegando lá, Seu Carlos ignorou o aviso e disse que Evaldo deveria trabalhar com seu preto-velho se quisesse. Pai Adão, o preto-velho, incorporou e conquistou a todos. Depois dessa sessão, Pai Evaldo começou a participar dos trabalhos e se tornou o guru de todos os médiuns. Um dia Pai Adão avisou que era preciso construir um quartinho fora da casa para evitar a influência de energias negativas sobre a família. A presença do pai-de-santo e os conselhos de Pai Adão passaram a ter tanto destaque que foi construído um terreiro de *Almas e Angola* no lugar do quartinho.

O espírito responsável pelos primeiros trabalhos, caboclo Jurubatão, que incorporava em Seu Carlos, avisou que deixaria de incorporar ali porque estavam começando a praticar um ritual diferente, e escolheria outro médium para comandar o terreiro. Na época, todos imaginavam que o escolhido seria Fernando, o amigo que levou Pai Evaldo para visitar aquela sessão. Mas, para surpresa dos médiuns, o escolhido foi o próprio Pai Evaldo. Ele conta que, no dia da inauguração, o caboclo o chamou na frente de todos e disse: “esta é a pessoa indicada para cuidar desse rebanho. E eu tenho certeza absoluta que esta casa vai ter uma continuação. Ela não vai parar nunca. Se botar na mão de outras pessoas, talvez esta casa não saia daqui. Ela vai ser dada para esta criatura porque a tendência desta casa é crescer”. Pai Evaldo acredita que mais uma vez as palavras de uma entidade se tornam reais. “Olha aqui, o que é que aconteceu até hoje, né? Graças a Deus a tendência foi sempre progredir, nunca regredir”, constata apontando

para seu terreiro, há muitos anos já no bairro da Bela Vista, em São José, município da Grande Florianópolis.

Lurdinha passou por outras experiências. Ela iniciou em um centro kardecista que não aceitava trabalhar com entidades como caboclos e pretos-velhos. Mesmo assim, dá muito valor ao lugar e diz que foi onde adquiriu sua base de conhecimentos sobre a espiritualidade. Na Umbanda, teve toda a sua formação no terreiro do Pai Evaldo, já em Barreiros, de onde saiu apenas para abrir sua própria casa de santo. Quando ainda era médium de Pai Evaldo, o dirigente de seu antigo centro espírita a procurou para convidá-la a voltar para o kardecismo. Conta que Seu Manoel Pedro falou contente e carinhosamente: “vem pra cá Goulart (sobrenome de Lurdinha), agora nós também trabalhamos com os índios e com os negros escravos”.

A trajetória dos médiuns na Umbanda nem sempre termina na abertura de um novo terreiro. Minha mãe, Nilva, por exemplo, chegou a mãe-de-santo há 14 anos e nunca decidiu abrir sua própria casa. Ela é uma das médiuns mais antigas do terreiro de dona Hilca e já tem uma filha-de-santo que participa lá mesmo. Ela começou como médium do terreiro do Pai Evaldo na mesma época que Lurdinha e depois passou a ser filha-de-santo de Mãe Hilca. Todas viveram o ritual de passagem mais importante de *Almas e Angola*, a camarinha. Rosana, filha-de-santo de minha mãe também passou pela iniciação e pelos demais rituais para se tornar também yalorixá, mãe-de-santo. Ela é filha de Obaluaê e Oxum, seus orixás-de-cabeça.

A camarinha de Rosana começou um pouco conturbada. O orixá já havia avisado que deveria ser breve. Mas a demora para a realização da camarinha foi maior do que ele esperava. Então, o orixá resolveu não esperar mais. Ela “*bolou* para o santo”: Obaluaê incorporou nela num domingo à noite, dentro do carro, e não subiu até que Rosana *deitasse* imediatamente para fazer sua camarinha de yalorixá. Toninho, marido de

Rosana e ogã do terreiro de dona Hilca, estava dirigindo o fusca deles na hora da incorporação e a levou rapidamente para o terreiro. Depois foi até minha casa à procura de minha mãe, que é a mãe-de-santo de Rosana. O transtorno maior é que uma camarinha deve ser preparada com tempo, não de uma hora para outra. A pessoa fica recolhida num quartinho ao lado do altar, também chamado de camarinha, durante uma semana. Precisa de quase uma mala inteira de roupas brancas, a maioria sem ter sido usada antes ou “roupas virgens” como dizem. Além disso, para uma camarinha de yalorixá (ou Babá) também são exigidas aves, ingredientes para comida-de-santo e alimentos para a pessoa que está “deitada para o santo” e para os médiuns que vão ajudar durante a semana. Tudo isso foi arranjado às pressas com a ajuda de todos os médiuns.

Depois do susto, a camarinha transcorreu normalmente. Rosana fica deitada na camarinha, sobre uma esteira de palha e um lençol branco. A semana passa com aquela espécie de sacrifício sendo oferecido aos orixás. Sacrifício também é deixar a rotina familiar por sete dias. Rosana tem duas filhas, uma delas com cerca de dois anos na época. Mas durante aquela semana se forma uma outra família. Alguns médiuns dormem no terreiro durante esse período para ajudar nas tarefas. Até na hora do banho, que é frio, Rosana tem que ser acompanhada por um médium. E existe também um ritual para isso. Ela sai da camarinha envolta numa grande toalha branca que deve cobrir principalmente a cabeça, a principal área de atuação da camarinha. É bem no alto da cabeça que é feita a coroa, um símbolo que marca o novo grau da hierarquia. Rosana sai da camarinha e anda de costas até a porta do terreiro para sempre ficar virada em direção ao altar. Depois vai para o seu banho frio, no banheiro feito fora do terreiro.

A semana vai passando com diversos rituais. O primeiro dia, segunda-feira, é destinado à matança para exu e almas, que começa perto de

oito da noite, no lado de fora do terreiro, na casa das almas e na cangira. Exus e pomba-giras sempre são “alimentados” antes para fazerem a segurança dos trabalhos. Eles são considerados entidades que servem a todos os orixás. A pomba-gira é “empregada” dos orixás femininos e o exu dos orixás masculinos. No segundo dia da camarinha, o médium faz seu preceito, ou seja, oferece para o santo fragmentos do próprio corpo. Rosana, por exemplo, raspou todo o cabelo, cortou as unhas dos pés e das mãos. Esses elementos são guardados e oferecidos ao orixá. Existem outros procedimentos mantidos como secretos pelos médiuns. Às vezes é difícil relatar o ritual porque, como observadora, não tenho contato e nem a descrição mais detalhada, mesmo tendo trânsito livre e convivendo com camarinhas há anos. Existe um limite imposto pelos médiuns. Alguns segredos são comentados apenas entre eles, e escondidos também dos médiuns mais jovens. No meu caso, muitas práticas me são contadas pelo convívio que tenho com a Umbanda, mas há uma restrição por parte deles a que essas informações sejam registradas em minha reportagem.

Durante a pesquisa, quando pergunto sobre alguns procedimentos que são feitos no interior do culto, sou questionada sobre a necessidade de citar determinadas práticas. Mas esses limites não são exatamente definidos. Depende do pai ou mãe-de-santo. Alguns deles não quiseram me falar sobre o egun (cadáver) que vai no assentamento do terreiro. Já o Pai Evaldo me explicou tudo com naturalidade. Fazia parte de uma história que estava narrando e ele decidiu abrir o jogo. Maria Alice me falou de alguns procedimentos da camarinha, que minha mãe, como mãe-de-santo, disse que tinha dúvidas se eu deveria expor. Ela e muitos outros médiuns têm receio que as pessoas encarem a religião com preconceito. A polêmica é com relação a feitura da coroa do médium realizada na quarta e na sexta-feira, durante a camarinha.

A coroa é o principal símbolo desse ritual de passagem. Tanto que um médium coroadado não deixa qualquer pessoa tocar a mão sobre o centro de sua cabeça. Isso é feito apenas por sua mãe-de-santo ou pelas pessoas de sua inteira confiança, como se ali estivesse o seu centro de força. A minha intenção em falar um pouco sobre a coroação é mostrar a importância dela para a hierarquia e para o desenvolvimento do médium na Umbanda. Depois de raspada a cabeça (procedimento exigido para a camarinha dos filhos da maior parte dos orixás), a mãe-de-santo risca, bem no centro, o ponto do orixá principal da pessoa. O ponto do orixá é o símbolo dele, um desenho que marca a sua presença e a sua influência sobre o médium. Com um suave corte, um punhal desenha para sempre o símbolo, o ponto do orixá, sobre a cabeça do médium. Para selar o ritual, um pouco do sangue(*menga*) da ave relacionada ao orixá é depositado na coroa. No caso de Obaluaê é usada a galinha d'angola ou angolista. A menga da ave entra em contato com o sangue do corte da cabeça do médium. Está selada definitivamente a sua ligação com seu pai ou mãe de cabeça.

Na sexta, é feita a coroação de Oxalá, o orixá mais importante da Umbanda. Desta vez é usado um pombo branco. Nada disso é feito ou encarado pelos integrantes como barbárie. Eles acreditam plenamente na energia que é liberada desses elementos e das pessoas que participam do ritual. Neste momento, o médium está em transe, sob a influência e manifestação de seu orixá. Há muitos anos, a coroação era feita no meio do terreiro e podia-se tirar até fotos. Depois o procedimento passou a ser secreto, feito dentro da camarinha, na presença de quatro ou cinco médiuns mais antigos. Eles queriam evitar o choque dos médiuns com pouca experiência e da assistência, que em dias de camarinha é composta por amigos e pela família de quem está deitado.

Toda a camarinha acontece com uma forte ligação e energia entre as pessoas. Elas trabalham a semana inteira para servir aos orixás. Isso não quer dizer apenas trabalhos do ritual. As pessoas cozinham, lavam louça, fazem faxina no terreiro, limpam as galinhas da matança. As aves mortas no ritual não vão inteiras para as oferendas. Só algumas partes, como as asas, são colocadas no altar. A carne é ensopada e vira canja para alimentar os médiuns que saem cansados e famintos depois de horas de desgaste no ritual. É uma dedicação de sete dias inteiros. O clima também é de muita descontração. À noite, as pessoas que ficam para dormir no terreiro esticam colchões no meio do salão onde todas as semanas acontecem as sessões. As conversas e as piadas vão madrugada a dentro. Eles não podem dormir cedo mesmo porque têm que cuidar das velas que ficam acesas no altar junto da comida-de-santo, para evitar qualquer acidente com fogo. Dona Hilca, mesmo com quase 70 anos, participava ativamente de todos os momentos da camarinha, inclusive das brincadeiras e das noites dormindo em colchões esticados no chão.

O dia de maior atividade é sexta-feira. Desde o início da manhã, os médiuns começam a preparar as comidas-de-santo secas - aquelas que levam verduras, grãos, frutas, peixe. Cada orixá tem sua comida e bebida específicas. Uma mesa é improvisada no meio do terreiro para que as oferendas sejam arrumadas em cima. São colocados dois longos bancos de madeira, um paralelo ao outro, com uma toalha branca e um plástico transparente. As comidas-de-santo vão ficando prontas e a mesa vai ficando cheia. Na frente, próximo ao altar, é o lugar reservado sempre à oferenda de Oxalá. Em uma louça branca, a comida leva feijão fradinho, canjica, mel e água de coco. Tudo coberto com algodão branco, que muitas vezes, recebe a forma de uma pombinha. Acompanha a oferenda uma champanhe e uma vela de cera grande.

Como os orixás de Rosana são Obaluaê e Oxum, as oferendas deles vêm logo em seguida acompanhadas também de velas, e suco de laranja para o pai e água mineral para a mãe. Dessa forma a mesa de santo vai sendo formada. Ogum ganha um bagre ou uma costela, Iansã come acarajé, Oxóssi recebe frutas junto com sua oferenda. À noite, no horário de uma sessão normal, as comidas são entregues no altar. Cada grupo de três médiuns leva a comida, a bebida e a vela, da mesa até as imagens dos orixás, passando pelos quatro cantos do terreiro e pela camarinha. Cada oferenda caminha ao som dos atabaques e dos cânticos dos relativos orixás. Muitos médiuns acham que a sexta-feira é o dia mais bonito da camarinha. E dizem que o ritual principal acaba aí com as comidas-de-santo. O sábado aparece como o momento de apresentar o médium para o público no seu novo grau na hierarquia.

Na saída de camarinha, no sábado à noite, o médium é levado pelo terreiro sob uma espécie de toldo de pano branco(alá) até a incorporação do seu orixá-de-cabeça. Rosana vestia uma roupa-de-santo nova com as cores de Obaluaê. Ela usava um corpete de elástico sem alças e uma saia rodada branca e preta por cima das anáguas engomadas. Com os ombros à mostra, os braços ficavam alongados segurando uma espécie de bastão de madeira, palha e búzios. A cabeça estava raspada e sem o habitual lenço branco. Filhos de Obaluaê mostram a careca, exceto no espaço da coroa, que recebe uma pequena ornamentação com penas de angolista.

Por mais que digam que o ato é apenas pompa, a saída de uma camarinha de Obaluaê emociona sempre a assistência e os médiuns. Muita gente chora quando o orixá incorpora e enquanto ele passa cruzando. Toninho comanda os ogãs na saída de camarinha de sua mulher. Ele puxa um ponto conhecido e sempre cantado com vontade por todos.

Obaluaê
Babalorixá ilê
Obaluaê
Babalorixá ilê
Meu padrinho, seu Obaluaê
Orixá ilê

Ilê, ilê, ilê
Ilê, ilê, ilê
Baba Omulú, Gegê Yalorixá
Baba Omulú, Gegê Yalorixá
Ilê, ilê, ilê, ilê

O orixá caminha devagar por todo o terreiro. Com a incorporação, ele recebe um filar. O corpo da médium fica inteiro coberto pela palha. Enquanto passa salvando o terreiro, os médiuns vão jogando pipocas estouradas, uma das comidas de Obaluaê, sobre o orixá. Com o corpo curvado saúda cada uma das pessoas que fazem parte do terreiro. Os amigos e parentes que assistem de fora entram no salão para receber a energia do orixá. Enquanto isso, o atabaque continua suas batidas fortes com ritmo e cadência. A sessão continua com a gira de alguns outros orixás. Depois do intervalo é hora de apresentar a mãe-de-cabeça de Rosana, Oxum. Na Umbanda, a mãe do ouro tem o azul como sua cor. Rosana veste saia e bata azuis por cima das mesmas anáguas brancas engomadas. Mamãe Oxum incorpora e sai girando pelo terreiro. Seu ritmo é acompanhado pelas palmas e pelos pontos cantados pelos médiuns. As atenções são voltadas para a nova mãe-de-santo. A festa comemora o sacrifício da semana e o grau máximo atingido por Rosana.

O objeto que passa a representar este novo *status* é a guia de Babá, espécie de colar de miçangas. As contas coloridas do colar são dispostas de acordo com a escala do santo de Rosana. As miçangas brancas de Oxalá ficam bem no centro e iniciam a guia, que vai seguindo as cores dos orixás que mais têm influência sobre a médium. Depois as contas pretas e brancas de Obaluaê. Em seguida o azul de Oxum, até que todos os orixás são representados no colar. A guia de Babá acompanha a médium em todas as sessões e mostra também a sua patente quando está visitando um outro terreiro. Junto com a guia colorida de mãe-de-santo, vai no pescoço a guia de Oxalá - de contas brancas - que acompanha todos os médiuns desde o batismo.

Junto com todos os símbolos e com o novo grau na hierarquia, tornar-se filha-de-santo de alguém acaba significando a formação de uma nova família nos padrões das famílias de sangue dos médiuns. A mãe-de-santo é considerada como a segunda mãe, e os filhos de sangue dessas mães-de-santo são chamados de irmãos pelos filhos-de-santo. Rosana, que é filha-de-santo de minha mãe, me chama de “mana” na maioria das vezes. Essa referência aparece especialmente nas brincadeiras. Quando ela fez a primeira camarinha com minha mãe, há quase dez anos, havia até uma piada sobre um possível sentimento de ciúmes de minha parte, já que eu deixaria de ser filha única e passaria a ter uma irmã. Mais recentemente, já durante os meses da minha pesquisa, outras brincadeiras voltaram a aparecer. Um outro médium quer que minha mãe seja mãe-de-santo dele. Zenildo sempre vem me perguntar se aceito um irmão. Eu e Rosana dizemos que ainda não decidimos se vamos deixar que ele entre para a família. Mas essa relação acontece apenas entre a mãe-de-santo e seus filhos-de-santo e de sangue. O restante da família não aparece na grande maioria das conversas e brincadeiras.

Conflito

Como um espaço de convívio pelo menos semanal entre muitas pessoas, o terreiro também é uma área de muitos conflitos. A disputa dos filhos-de-santo pela preferência do pai ou da mãe pode gerar inimizades e, algumas vezes, integrantes chegam a se afastar do terreiro. Pai Evaldo conta que esteve “fechado entre copas”, ficou sem falar com Mãe Ida em um período de sua vida porque ela não gostou que ele saísse do terreiro dela para frequentar outros. Ele não fez nem mais sua camarinha com Mãe Ida, e ela deixou de ser sua mãe-de-santo durante um tempo por causa dessa desavença.

Muitas vezes, brigas particulares acabam influenciando na vida dentro do terreiro. Pai Evaldo comandava o Centro Espírita Jesus de Nazaré com sua mulher, Detinha. Ele como pai-de-santo e ela como a principal figura depois dele. Detinha ficava junto dos ogãs para puxar os pontos. Todos conheciam a voz forte dela, que tinha a admiração de muita gente que passou pelo terreiro. A maioria das pessoas batizadas na Umbanda a convidavam para madrinha, o título pelo qual é conhecida até hoje no meio. A separação deles quase fechou o terreiro, especialmente por ter sido de uma maneira não amigável.

Pai Evaldo começou a ter um relacionamento amoroso com um homem. Depois de algum tempo, o pai-de-santo acabou se separando da mulher. Não sei muito a respeito dessa história porque os fatos não são contados com clareza. O discurso tem muitos códigos e as pessoas até falam como se todos soubessem e não houvesse mais nada para se contar. Pai Evaldo passou alguns meses morando em sua casa de praia, enquanto ela

permanecia vivendo na casa deles, no mesmo quintal onde foi construído o terreiro. Ele vinha todas as sextas-feiras para realizar a sessão. Para agravar o conflito, Pai Evaldo teve dois enfartes nesse período e precisou de maiores cuidados. Passou dois meses na casa dela. Detinha o acusa de ter ido embora sem ao menos se despedir. No momento, ele mora em uma casa menor ao lado do terreiro, no mesmo terreno onde ainda mora sua ex-esposa. Ela conta que os dois não conversam. No máximo se cumprimentam quando saem ao mesmo tempo no quintal. E ela não admite nenhum namorado em casa.

A participação de homossexuais, especialmente homens, na Umbanda nunca foi um fator de discriminação entre as pessoas. Os pais-de-santo homossexuais não têm um *status* mais elevado, como no Candomblé, mas são aceitos pacificamente como qualquer outro integrante da religião. No entanto, o episódio do Pai Evaldo mostra que essa aceitação não é tão tranqüila. Ele perdeu muitos filhos-de-santo depois que se soube do seu caso com um homem e de sua separação. Apesar disso, muitas pessoas continuam a considerá-lo como um dos babalorixás mais competentes de Florianópolis. Detinha faz muitas críticas a ele. Ela inclusive aponta que a origem de sua homossexualidade seria uma obrigação que ele teria feito, há mais de seis anos, misturando os rituais da Umbanda e do Candomblé. Ela diz que, depois disso, a vida dele começou a piorar, os enfartes vieram e o terreiro quase fechou.

Gênero, pudores e incesto

A prática da Umbanda coloca em questão alguns padrões de divisão de papéis entre os gêneros e restabelece outros. Diferente da igreja católica, a Umbanda permite que homens e mulheres cheguem ao sacerdócio ocupando as mesmas funções e tendo os mesmos poderes. Sem fazer nenhum tipo de restrição às sacerdotisas mulheres na realização dos rituais. O mais importante é o estágio da hierarquia em que a pessoa se encontra dentro da religião - se ela é yalorixá ou apenas possui a guia de batismo. A igualdade na realização das funções se mantém na divisão das tarefas domésticas. Na escala de limpeza do terreiro, por exemplo, todos os médiuns entram no rodízio. Nesse momento nem o alto posto da hierarquia se salva. Médiun novo e pai-de-santo pegam na vassoura, passam cera e lustram o chão.

Por outro lado, alguns padrões de exclusão das mulheres em certas funções e a manutenção delas em um espaço determinado também fazem parte do cotidiano da Umbanda. A função de ogã, por exemplo, é exclusividade dos homens. Não que haja uma proibição explícita no ritual, mas a idéia de uma mulher ogã está sempre ligada à homossexualidade feminina. Esse olhar não é só dos homens, mas também das mulheres. O que afasta muitas delas da função de ogã por não quererem o rótulo. Exclui principalmente as casadas, como se o fato de estarem com seus maridos as protegesse da homossexualidade e, conseqüentemente, as afastasse do posto de ogã. Existe ainda uma confusão entre identidade sexual e objeto do desejo. Às vezes, as mulheres que batem atabaque não são apenas vistas como pessoas que têm desejos sexuais pelo mesmo sexo, mas quase como alguém que ultrapassou as fronteiras do gênero e se tornou quase um

homem. Já ouvi depoimentos de homens que diziam que tratavam Zélia, uma antiga ogã, como um homem, perguntavam como estava o relacionamento com a companheira, que também é da Umbanda, falavam de como esta era brigona.

Um proibição que cria polêmica entre os médiuns é a velha pergunta: as mulheres podem ou não participar das sessões quando estão menstruadas? A restrição existe e se estende à incorporação, manipulação com comida-de-santo, matança ou qualquer outra prática que faça parte do ritual. Quem acredita nisso explica que é assim que o ensinamento lhe foi passado. A mãe ou o pai-de-santo haviam ensinado que a mulher menstruada tem o corpo sujo. Coloquei essa polêmica numa discussão com duas mães e um pai-de-santo. Geninho, o jovem pai-de-santo, diz que a única restrição que faz é com relação ao desconforto para a própria mulher e com o perigo de algum vazamento na roupa branca. Ele garante que não faz qualquer restrição e que nunca teve conhecimento desse ensinamento. Márcia, mulher de Geninho e uma das mães-de-santo, fala o contrário e diz que se lembra muito bem dessa proibição sendo passada por Mãe Hilca no terreiro dela.

Como muitos outros ensinamentos da Umbanda, a questão da menstruação não tem uma regra geral a ser seguida por todos. Cada terreiro decide o que exigir de seus médiuns. Mas a diferença dos direitos e obrigações entre homens e mulheres continua sendo mencionada na conversa. Falamos da obrigatoriedade do uso do lenço branco amarrado na cabeça para a mulher. Ele seria quase tão essencial quanto a saia rodada, as anáguas ou o calção que vai até os joelhos. Já ouvi várias mulheres concordarem com ele. A única coisa que todas reclamam é do estado do cabelo depois que tiram o lenço. Fica completamente arrepiado. Normalmente isso acontece em plena sessão. Quando o espírito incorpora

em uma médium, os outros logo lhe tiram o lenço para que o orixá tenha mais liberdade nos movimentos. Quando o orixá sobe é aquela correria. A saída é ajeitar os cabelos amassados ou arrepiados com as mãos e continuar a sessão.

Aos homens não é exigido cobrir a cabeça. É aí que as opiniões realmente se dividem. Muitas mulheres como Kátia, a outra mãe-de-santo que faz parte da conversa, querem direitos iguais. Ou melhor, exigem deveres iguais. Se as mulheres têm que cobrir a cabeça, que os homens também o façam. Geninho, o pai-de-santo que é contra proibir a participação de mulheres menstruadas, acha que, com lenço, elas ficam mais alinhadas e elegantes. O pai-de-santo se contradiz, voltando ao motivo da menstruação para explicar o uso do lenço. Na opinião dele, as mulheres usam lenço para cobrir a coroa caso fiquem menstruadas durante a sessão. Desta forma a menstruação volta ser uma impureza do corpo da mulher. No caso da obrigatoriedade do lenço também não há uma regra definitiva. Kátia diz que no terreiro da mãe dela o tratamento já mudou. Quando as mulheres têm que usar lenço na cabeça durante as sessões, os homens também são obrigados a colocar bonés brancos. Direitos e deveres iguais.

O incesto é outro tema que existe no fundamento do ritual, só que as pessoas não se dão conta. Marido e mulher, por exemplo, não podem ter o mesmo pai ou mãe-de-santo porque com isso, eles se tornam irmãos. A princípio, irmãos não transam, nem se casam. O marido também não pode ser pai-de-santo da mulher, ou vice-versa, para que pai e filha ou mãe e filho também não estejam tendo relações sexuais. Por isso, Rosana, de quem eu descrevi a camarinha parágrafos antes, escolheu a minha mãe como mãe-de-santo dela. A lógica seria que dona Hilca, dona do terreiro ao qual ela pertencia, fizesse a camarinha de Rosana. Mas Toninho, marido dela, já era filho-de-santo de Mãe Hilca. Rosana não poderia ser também.

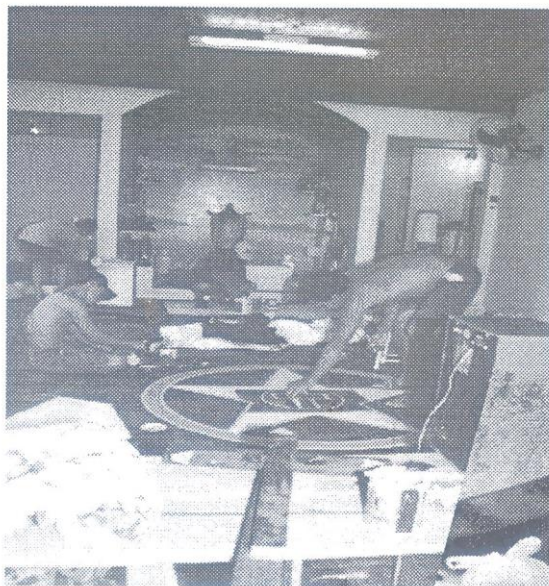
Da mesma forma, Zenildo precisa encontrar um médium diferente do pai-de-santo de sua mulher, Beta. Esta também funciona, em alguns casos, como uma maneira de possibilitar a multiplicação dos terreiros porque alguns pais e mães-de-santo já fazem seus filhos antes mesmo de sair do terreiro de origem e abrirem sua própria casa.



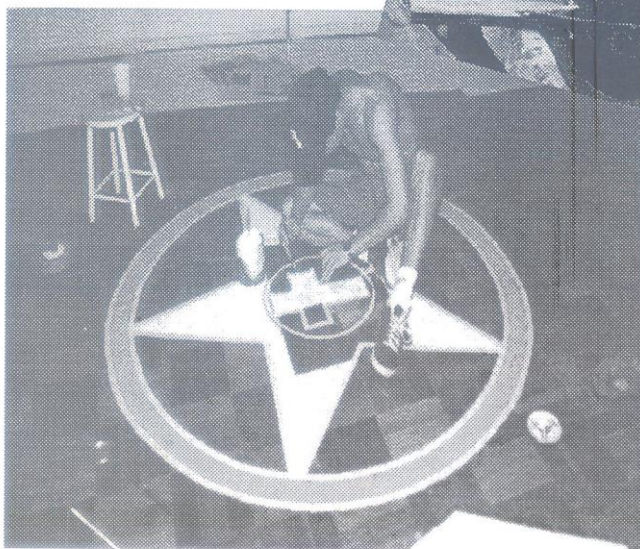
Imagens dois

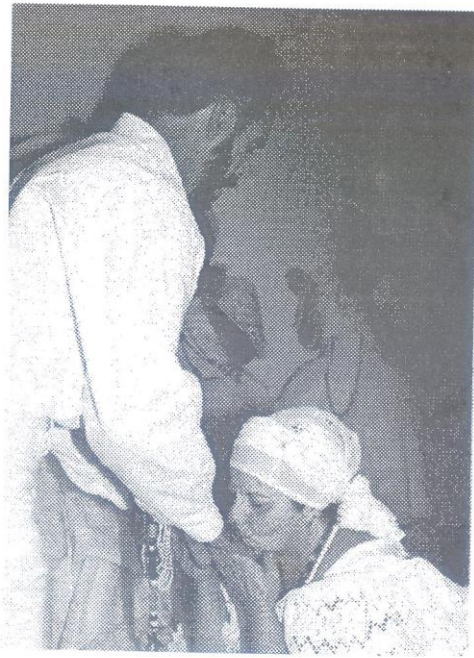
Eu vou pro terreiro
Vou saravar
Vou bater minha cabeça
Aos pés de Oxalá

Eu vou saravar Ogum
Vou benzer meu patuá
Vou pedir a proteção
Ao mestre Pai Oxalá
Levarei doces pra beijada
Pra minha mãe, uma flor
Vinho para os pretos-velhos
Cerveja pro meu Pai Xangô



Os médiuns da Tenda Espírita Santa Rosa de Lima trabalham como uma equipe para reabrir o terreiro de Mãe Hilca. No detalhe, as imagens de exu e pomba-gira antes de voltar para seus lugares





Uma festa celebra a reabertura do novo terreiro. O jovem pai-de-santo comanda a Tenda a partir desse dia





Yemanjá toma
o lugar de Iansã
e passa
a ser
a nova
dona do terreiro

X





X

Ogum Estrela, orixá de Geninho,
é o mesmo ogum de Mãe Hilca.
Ele permanece como guia
responsável pela casa.



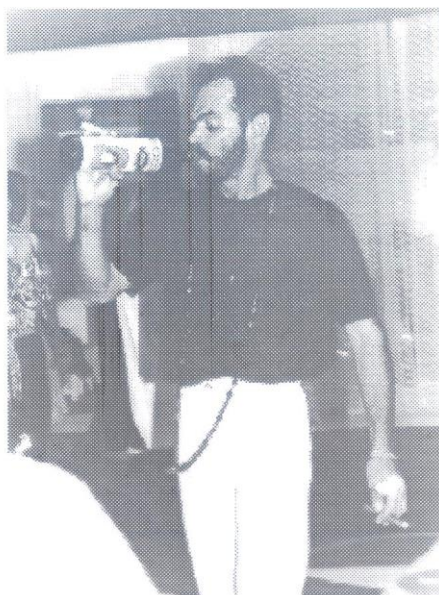


Caboclo Mar e Mato dança na batida do atabaque



Ele leva o filho do Babalorixá, Geninho, até o altar para pedir proteção a Oxalá

Quem anda
na
encruza
de exu
Tem medo
de ouvir
uma
gargalhada
Ele é o
exu Encruza
Encruza
da
encruza
da madrugada





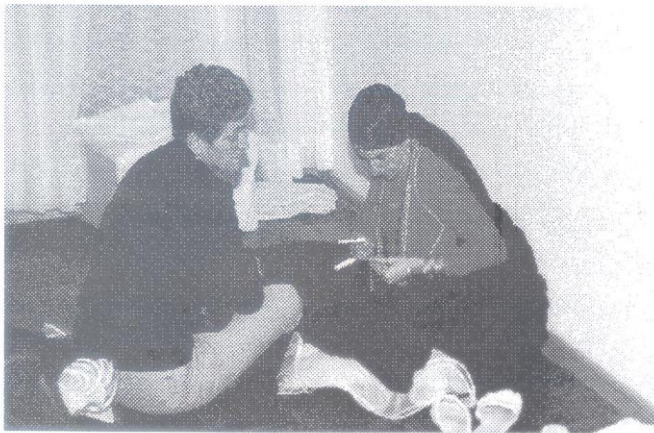
Pomba-gira Menina se enfeita para a sessão



Yalorixá coloca o lenço da sua pomba-gira, Alexandra, que também incorpora na jovem médium.
E a gira da cigana



Exu e pomba-gira dão
consulta para os médiuns
e para a assistência



YEMANJÁ: A NOVA DONA DO TERREIRO

Enquanto as sessões continuam nos terreiros de *Almas e Angola* de Florianópolis, e eu faço meu trabalho de campo e tiro minhas fotos, os médiuns do terreiro de Mãe Hilca discutem a possibilidade de reabrir a Tenda Espírita Santa Rosa de Lima. A polêmica vem desde o enterro da mãe-de-santo. Muitos naquele momento já eram contra a reabertura do terreiro. Uma das filhas de sangue de dona Hilca - filha-de-santo de Pai Evaldo - achava desde o início que a casa de Umbanda deveria acabar junto com a morte da mãe. O destino do terreiro é incerto. A única opinião de consenso entre os médiuns é que a decisão deve partir da família de sangue - dos filhos, do marido e dos sobrinhos que eram médiuns do terreiro.

Durante os cerca de dois meses, até a decisão final, muitos médiuns procuram outros terreiros. Uns ainda dizem que não irão para outro lugar, simplesmente vão parar de freqüentar as sessões e cuidarão dos seus orixás em casa, ou trabalharão de vez em quando no terreiro de algum amigo. O clima nesse período está muito tenso. Todos se telefonam várias vezes por dia para contar das últimas discussões e encaminhamentos da família. Até que uma briga entre parentes detona o processo de reabertura do terreiro. Um grupo, formado pelos três sobrinhos e um dos filhos de sangue, assume a frente das negociações. Depois de uma discussão acirrada com a filha de sangue, eles resolvem reabrir a Tenda. Aqueles que não tomam partido claro na polêmica acabam dando carta branca para que o terreiro seja reaberto. Laerte, outro filho de sangue, mora no mesmo quintal do terreiro e diz que o Centro nunca lhe incomodou, além disso, o terreiro tinha sido a vida de sua mãe. Se os médiuns quisessem, poderiam continuar. Os médiuns

que também fazem parte da família de sangue decidem que é isso o que vão fazer.

Só que ninguém sabe quem será o novo chefe. Sem candidatos dispostos a isso, o primeiro nome escolhido é o de Rosana, mulher de Toninho - ogã e sobrinho de dona Hilca. Ela chega a consultar Mãe Ida sobre os procedimentos necessários para a reabertura. Tudo teria que ser modificado. Os orixás responsáveis pela casa passariam a ser outros. Iansã deixaria de ser a dona para assumir Obaluaê, orixá-de-cabeça de Rosana. Mas a decisão definitiva é tirada em uma reunião que acontece no terreiro com a família de santo e a de sangue. Eles fazem uma lista de nomes, segundo o grau de cada um na hierarquia da Umbanda. Os mais velhos no ritual e com mais anos de camarinha de babalorixá ou yalorixá são os mais cotados para assumir o comando. Apenas um outro fator está acima da hierarquia do santo: os médiuns que são pais ou mães-de-santo e fazem parte da família de sangue de Mãe Hilca têm prioridade.

A primeira a ser cogitada é a filha, Luci. Mas ela não quer o cargo, não está participando da reunião e nem acha que o terreiro deva ser reaberto. Como mais nenhum dos filhos de sangue é integrante da Umbanda, o segundo nome é o da sobrinha, Nete, filha de uma irmã de dona Hilca. Ela possui obrigação de reforço de sete anos. É uma camarinha feita depois da de yalorixá, para continuar alimentando os orixás e recebendo energia deles. A médium continua sendo mãe-de-santo, mas se aperfeiçoa naquele grau. Depois disso ainda vêm os reforços de catorze e de vinte e um anos. Nete não quer ser dona do terreiro. O próximo da lista é o sobrinho, Geninho, filho de uma outra irmã de Mãe Hilca. Ele decide assumir o lugar da tia com o apoio de seus irmãos, Toninho e Henrique - ogãs do terreiro - e de Rosana. Os demais médiuns e a família de sangue aceitam a escolha e decidem reabrir a casa sob o comando de Geninho.

Alguns deles, mesmo concordando, decidem continuar em outros terreiros. A Tenda Espírita Santa Rosa de Lima, que não muda de nome, passa a ser chefiada por Oxalá (*Xapanã*) e Yemanjá. Geninho está no terreiro de dona Hilca desde a fundação, quando tinha 15 anos de idade. Fez todas as obrigações de santo com ela e os dois trabalhavam com o mesmo Ogum, Ogum Estrela. Mesmo sendo do mesmo sangue, os assentamentos do terreiro têm que ser refeitos. O procedimentos são iguais aos da abertura de um terreiro novo.

Mudanças

O primeiro passo para a retomada do terreiro de Mãe Hilca, quase como uma ironia, é a escolha de uma nova mãe-de-santo para Geninho. Ele decide absorver o ritual de retirada da “mão-de-vume” e, para isso, precisa de uma yalorixá que dirija os trabalhos. Essa pessoa provavelmente continuará fazendo todas as próximas obrigações que ele precisar realizar. A sua camarinha seguinte é o reforço de sete anos. Geninho escolhe dona Dilma, atual filha-de-santo de Mãe Ida. Dilma era filha-de-santo de Mãe Hilca, mas as duas passaram um tempo afastadas por causa de uma desavença que envolvia também Pai Evaldo. Não sei quase nada sobre essa briga. Só sei que isso fez com que os três permanecessem afastados por algum tempo. Chegou ao ponto de dona Dilma trocar de mãe-de-santo - uma prática que acontece sempre que uma pessoa escolhe mudar de terreiro ou quando acontece uma desarmonia entre mães e filhos. O afastamento durou até quando Kátia, filha de sangue de dona Dilma e filha-de-santo de Mãe Hilca, precisou fazer sua camarinha de reforço. Kátia procurou Mãe

Hilca para realizar o ritual e acabou aproximando suas duas mãos novamente. Agora, Geninho convida dona Dilma para ser sua mãe-de-santo. Para tirar a mão-de-vume, ele deita no terreiro de dona Dilma, na Tapera.

Depois de preparar o novo pai-de-santo para assumir o comando da Tenda, é preciso arrumar o terreiro para a reabertura. Para isso, todos os médiuns que escolhem permanecer na casa trabalham juntos. Eles fazem reuniões periódicas para decidir e executar tarefas. Acompanho uma delas, que acontece na casa de Geninho. A reunião não pôde ser feita no terreiro porque está tudo muito desarrumado, sujo, com as paredes cheias de bolor por permanecer tanto tempo fechado. Como não poderia deixar de ser, a pauta vai de assuntos materiais e econômicos até espirituais. São pouco mais de 20 pessoas que já se conhecem há muitos anos, acostumadas a ter a orientação precisa de dona Hilca, e que têm que decidir sozinhas as necessidades do terreiro. A solução é mesmo o trabalho em equipe.

Eles resolvem que os médiuns têm que voltar a pagar uma mensalidade de dez reais para arcar com a manutenção da Tenda. É preciso comprar velas, pagar contas de água e luz. Fica marcada também uma grande faxina no terreiro. Cada um vai levar os produtos de limpeza que tiver em casa para limpar o lugar. O Centro de dona Hilca tem que ser reaberto com o chão e as paredes brilhando. Os médiuns dividem uma lista de compras para o assentamento porque Geninho não pode pagar tudo sozinho. Uma pessoa se encarrega do galo de exu, outra compra os pratos de louça branca. O mais difícil de encontrar é a angolista branca de Xapanã, orixá-de-cabeça de Geninho. Como Xapanã é um Oxalá que vibra quase como Obaluaê, ele recebe uma ave que mistura as obrigações normalmente oferecidas aos dois orixás. A ave de Oxalá é o galo branco e a de Obaluaê é a galinha d'angola. Xapanã pede uma angolista branca.

Ninguém tem muita idéia de onde encontrá-la. Todos se encarregam de procurar a ave e quem achar compra. Logo as piadas sobre as estratégias para comprar a galinha começam a aparecer. Alguém brinca que basta passar cal numa angolista cinza comum. Iara do Figueira - como é conhecida por ser torcedora fanática do Figueirense, o clube de futebol do continente - diz que vai anunciar na rádio. Garante que logo vão surgir várias galinhas d'angola brancas. Ela conta que um tio dela já precisou de banha de leão para um remédio e rapidamente conseguiu o produto falando na rádio. Independente das soluções alternativas, cada um vai até o criador de galinhas mais próximo para procurar o bicho. Tudo acertado, basta esperar os dois dias de assentamento e reabrir o novo terreiro.

Tentei observar a cerimônia da colocação dos assentamentos, mas fui impedida pela nova mãe-de-santo de Geninho. A princípio, havia pensado em comparecer ao terreiro nos dias escolhidos para a realização do ritual. E lá, saberia o que me seria permitido acompanhar. Horas antes, resolvo partir para uma maratona de telefonemas em busca da permissão antecipada. Começo ligando para Rosana, que está se configurando o braço direito do novo pai-de-santo. Ela me passa o número do celular de Geninho para que eu peça a ele, mas me aconselha a saber a opinião de dona Dilma. Ela é quem vai comandar a cerimônia e passar os "segredos" para o novo chefe da casa. Rosana arrisca o palpite de que será difícil que a mãe-de-santo concorde em me deixar observar o ritual. Nem mesmo ela sabe exatamente o que vai acontecer nesses dois dias. Mas acredita que talvez na quarta-feira, durante o assentamento dos orixás, que acontece dentro do terreiro, eu receba autorização. Hoje, seria quase impossível porque é matança de exu, na cangira, um "trabalho mais pesado".

Acabo telefonando direto para dona Dilma. Pergunto se lembra da minha pesquisa e me diz que sim. Tento explicar que seria importante

assistir a algum desses rituais que determinam a abertura de um novo terreiro. Mas não tenho a mínima chance. Ela me diz que é um ritual muito íntimo para que alguém de fora tenha contato. Nem mesmo os médiuns do terreiro vão poder ver de perto o novo assentamento. A maioria ficará do lado de fora cantando e mandando energias para o trabalho. Apenas uns dois ou três babalorixás e yalorixás e o ogã da casa vão participar diretamente da cerimônia. Minha maratona de telefonemas termina na segunda ligação.

Consigo saber pouco sobre o que vai acontecer nessas duas noites, segunda e quarta. Sei que naquele dia, segunda-feira, eles fariam o assentamento de exu e almas. Muda tudo o que está enterrado sob a casa das almas (de preto-velho) e a cangira (de exu e pomba-gira). O antigo egun (cadáver humano) volta para o cruzeiro de onde foi retirado e outro assume o lugar. As demais oferendas, como a matança das aves para essas entidades, também devem ser refeitas. O assentamento envolve outros rituais e ensinamentos que, segundo dona Dilma, são passados apenas de um pai-de-santo para outro.

A quarta-feira fica reservada para os assentamento dos orixás. No altar, debaixo da estrela pintada no meio do salão e das quatro cruzes nos cantos do terreiro são depositados os novos fundamentos. Com isso, muda a escala de santo da Tenda. Cada ponto desses representa um orixá. Quando dona Hilca era a chefe, todos batiam cabeça para Iansã na estrela porque ali estavam os assentamentos daquele orixá que era o responsável pelo terreiro. Sob as duas cruzes da frente, próximas ao altar, Oxóssi à esquerda e Yemanjá à direita. Nos fundos, Ogum e Nanã. O novo pai-de-santo tem algumas qualidades comuns com dona Hilca, por isso, a configuração muda pouco. Iansã sai do centro das atenções e troca de lugar com Yemanjá.

O terreiro deixa de ser comandado por dois orixás guerreiros, Iansã e Ogum. Cada um deles impunha um instrumento de luta. Ogum corta os males com sua espada e Iansã usa uma adaga para dominar até os eguns (mortos). Agora existe uma mistura entre o Oxalá, líder de olhos fortes e Yemanjá, que segundo Pai Evaldo é eficiente na execução de qualquer trabalho, mas não ocupa cargos de comando. Essa descrição fecha com a principal característica do novo terreiro, o trabalho de equipe. Até alguns espíritos incorporados em médiuns do terreiro, com os quais converso sobre o andamento do lugar, me dizem que antes, todos esperavam pelo comando de Mãe Hilca, agora têm que fazer por eles mesmos e estão se unindo para isso.

No altar também são feitos três buracos para colocar as novas obrigações. No fundo, o galo branco de Oxalá. Na frente oferendas para beijada e Obaluaê. Quando o terreiro voltar a funcionar, as marcas dessa mudança vão estar na disposição das imagens dos santos. Oxalá permanece acima de todos os outros, mas à direita dele, agora está a figura da mulher de vestido azul que sai do fundo do mar. Iansã deixa esse trono e passa para o outro lado do altar, um degrau abaixo. Fico sabendo desses procedimentos em outras entrevistas, comprovando, mais uma vez, que não há uma regra sobre o que pode ser dito. É uma decisão pessoal.

Na terça-feira, ouço algumas impressões sobre o assentamento de exu. Um médium que tem apenas batismo na Umbanda me conta o pouco que pôde acompanhar do ritual. Diz que apenas Geninho, dona Dilma e Toninho tiveram acesso à cangira. Na casa das almas nem o ogã teve permissão para entrar. Os demais médiuns permaneceram no quintal, mas do lado de fora dos locais das obrigações. O exu do Geninho, Seu Encruza, incorporou e foi dizer aos médiuns que, por ele, todos poderiam entrar, mas que ordens superiores o impediam de fazer isso. Cada um aprenderia as

coisas no seu tempo. Além do clima de segredo no ar, algumas recomendações não menos misteriosas são passadas aos presentes. Durante os trabalhos, ninguém podia pronunciar o nome das pessoas. Se alguém queria pedir algo como “me traga um pano, por favor”, tinha que se dirigir à pessoa pelo posto que ela ocupa na hierarquia. Diziam: “mãe-pequena, me traga um pano, por favor”. Usavam qualquer outra expressão para chamar alguém, mas jamais pronunciavam seus nomes. O jovem médium não sabe me explicar o porquê da proibição. Fico sabendo mais tarde que isso acontece porque o egun recebe um nome, que deve ser o de uma pessoa, mas diferente do de qualquer conhecido do pai-de-santo. Se alguém pronunciasse qualquer nome naquele momento, seria o nome recebido pelo egun. Isso poderia prejudicar a pessoa. Como se esse morto ficasse ligado a ela.

Notícias de Mãe Hilca

Durante as semanas em que os médiuns fazem toda a preparação para a reabertura da Tenda, continuo meu trabalho de campo em outros terreiros. Mas como o ritual de *Almas e Angola* forma uma rede, onde todos se conhecessem, acabo falando muitas vezes sobre dona Hilca e conversando com ex-médiuns do terreiro dela. Nesses encontros, especialmente durante as sessões, tenho contato maior ainda com os espíritos que estão incorporados nessas pessoas. Acabamos conversando sobre a adaptação e o convívio de dona Hilca em uma nova vida, partindo do pressuposto de que exista um plano espiritual onde os mortos continuam tendo uma existência.

Recebo a primeira notícia de Mãe Hilca através de uma beijada. A criança me diz que ela ainda passa quase todo o tempo dormindo em uma cama, se recuperando do trauma da passagem para o outro plano. Ao lado dela, estão sempre todas as beijadas que incorporam nos médiuns do terreiro. “A gente brinca de roda, a gente canta roda cutia, de noite, de dia. Mas quando chega no galo cantou e casa caía, a mãezinha(dona Hilca) já tá dormindo”, conta a beijada Terezinha com entusiasmo, mas ainda não completamente satisfeita, porque dona Hilca dorme antes que eles acabem de apresentar toda a música. A beijada diz também que a mãe-de-santo fica com medo de abrir os olhos para vê-los porque ainda não aceita com consciência que morreu. Quando as beijadas mexem com ela, dona Hilca põe as mãos sobre os olhos. Terezinha descreve uma senhora que estaria ao lado de dona Hilca e que sempre faz carinho quando ela tem medo. Doum, uma das crianças mais espoletas, está sempre querendo acordar dona Hilca. Mas Terezinha conta que o menino levou uma bronca das outras criança e agora não quer mais chegar perto da mãezinha.

Poucas semanas depois vou a uma sessão de preto-velho no terreiro de Maria Alice, para onde foram alguns médiuns do terreiro de Mãe Hilca. Pai Cipriano - preto-velho que incorpora em Luiz, um dos filhos da mãe-de-santo que morreu - me diz que ela está sendo muito bem orientada por amigos do plano espiritual. Mas não me dá muitos detalhes. No lugar da descrição, me fala da importância desse momento para a evolução espiritual de dona Hilca. Pai Cipriano diz que as entidades dela estão todas ajudando muito. Sobre o novo terreiro, afirma que vai dar certo. Basta ter carinho, dedicação e força de vontade. E avisa que vai aparecer lá com seu aparelho (Luiz) qualquer dia desses. Os últimos relatos que recebo sobre dona Hilca vêm de Doum. O menino me diz que ela está muito bem e que até já ajuda outras pessoas.

Trabalho de equipe

Aos poucos a Tenda Espírita Santa Rosa de Lima vai sendo organizada para começar uma nova fase. O preparativo final antes da festa de reabertura é uma grande faxina no terreiro. No dia 18 de maio, um domingo, os médiuns já vão chegando de manhã para pôr a casa em ordem. Só saem da Tenda quando acabar toda a sujeira. As paredes recebem tinta branca e o chão é escovado. O único cuidado é com os lugares onde foram enterrados os assentamentos porque o taco foi colocado em cima há poucos dias e o cimento ainda pode estar meio mole. Depois de quase quatro meses sem uso, a cozinha de santo - uma cozinha exclusiva para o terreiro - recebe até fogão lavado de mangueira. Muita gente aposta que o fogão nunca mais vai funcionar. O clima do dia da faxina é de muita descontração.

Chego para almoçar com eles no terreiro, por volta de 1h da tarde. As panelas e os alguidares de barro com comida já estão em cima de dois bancos no meio do terreiro. Todos estão comendo. Faço o meu prato com macarrão e galinha ensopada e sento no chão ao lado da Dina Portuguesa, uma senhora que nasceu em Portugal, mudou-se criança para o Brasil e hoje é médium de um terreiro de Umbanda. Minha mãe senta ao meu lado e fica me explicando mais algumas coisas sobre as novas disposições dos orixás no altar e no assentamento. Todos só falam da reabertura.

O nome do terreiro certamente permanece o mesmo. À primeira vista, tudo parece igual. A fila de carros estacionados na rua e o muro branco alto da entrada com o portão de alumínio grande no canto esquerdo lembram o tempo de Mãe Hilca. Geninho compara o clima da hora em que chegou no terreiro nesse dia com os domingos em que se reuniam, às sete

da manhã, para ir à cachoeira fazer a festa de Oxum. Todos os médiuns vinham de branco com suas oferendas, cocares, velas, frutas e lanches para o almoço. Esperavam o ônibus cedido pela Emflotur para passar o dia numa das obrigações mais bonitas de *Almas e Angola*. A cachoeira acontece uma vez no ano para comemorar o dia de Oxum, em 8 de dezembro - dia de Nossa Senhora da Conceição para os católicos. Mãe Hilca estava sempre junto dos filhos no ônibus. Na saída, mão direita no peito para cantar o hino da Umbanda. Mesmo com o ônibus cheio e balançando, os ogãs acompanhavam o canto com seus atabaques.

*Refletiu a luz divina
Com todo o seu esplendor
Vem do Reino de Oxalá
Aonde há paz e amor
Luz que refletiu na Terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar*

*A Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de luz
É forma que nos dá vida
E à grandeza nos conduz
Avante, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levamos ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá*

Os dias de cachoeiras são um dos mais ilustrativos da convivência e das lembranças dos médiuns. O novo terreiro ainda vai ter que construir suas memórias. Depois de entrar pelo portão de alumínio é evidente a sensação de que mudanças estão ocorrendo e o terreiro não é mais o mesmo. A cangira e a casa das almas estão vazias. Resta apenas um vaso de flores ao lado da imagem de uma preta-velha. Duas estátuas de exu e pomba-gira esperam em cima do banco da rua que sua casa seja limpa. Cada canto vai ficando pronto para começar novamente.

O ritual de limpeza simboliza a preparação para algo novo e bem sucedido. A limpeza espiritual de uma pessoa garante que ela estará preparada para uma vida mais leve e positiva. A faxina do terreiro prepara a casa de santo para uma nova fase, que todos esperam seja próspera. O momento que sela a mudança de comando de Iansã para Yemanjá é a pintura da estrela no centro do terreiro. A tinta prateada da sereia vai cobrindo a tinta amarela de Iansã até sobrepor-se totalmente a ela. Mesmo assim, não é um terreiro que menospreza sua história. Pelo contrário, os médiuns querem seguir o que aprenderam com sua mãe. A tinta amarela permanece na base da estrela.

Festa da reabertura

Geninho está muito nervoso dentro da camarinha. O combinado é que ele não saia de onde está até que sua nova mãe-de-santo venha buscá-lo dentro de um ritual. O pai-de-santo não deve iniciar a sessão. Ele precisa ser anunciado ao público e depois tomar posse de sua nova função. Mesmo com tudo correndo bem, Geninho fica ansioso e não pára de andar de um lado para o outro naqueles dois metros quadrados. O terreiro já começa a encher

de médiuns. Todos chegam com suas roupas de festa. A maioria usa branco. Zenildo, Beta e Márcia vestem camisa e batas com a cor de seus pais, o vermelho de Ogum. O altar tem muitas flores e um bolo com cobertura branca e uma cruz lilás, a cor de Xapanã, com raios amarelos de Iansã. Essa imagem mostra a passagem do terreiro de Mãe Hilca para Geninho. No outro lado do terreiro, atrás da assistência, estão uma grande foto da mãe-de-santo e uma placa em homenagem a ela ainda cobertos com um pedaço de linho branco. O defumador é aceso e a festa já pode começar.

Durante toda a sessão, eu fico dentro do terreiro, onde estão os médiuns, para que possa fazer as fotos da festa. Além disso, Rosana me convidou para escrever um texto e ler em um momento da sessão. O convite veio por vários fatores. Primeiro, porque acompanho a Umbanda e o terreiro de dona Hilca há muitos anos, desde que minha mãe começou a freqüentá-lo como médium. Ao mesmo tempo, não sou um deles e, segundo Rosana, posso usar meu conhecimento sobre o lugar e o meu distanciamento para falar da Tenda. Somado a isso, ainda existe o fato de fazer jornalismo, o que para eles, me dá uma legitimidade de lidar com a informação. O texto conta um pouco dos 15 anos do terreiro de Mãe Hilca e a passagem do comando para as mãos de Geninho.

Minha mãe comanda os trabalhos dessa noite até Geninho assumir o seu lugar. Ela é uma das yalorixás mais antigas do terreiro. A única que tem uma filha-de-santo feita na casa e ambas permaneceram como médiuns. A babá inicia com as palavras de sempre: “saravá Umbanda”. Palmas e o toque do atabaque. Depois de defumar todo o terreiro, mais uma vez executando um ritual de limpeza, os médiuns salvam almas e exu. A prece faz os atabaques pararem por um instante. Todos de joelho, visivelmente emocionados, rezam o Pai Nosso e a Ave Maria. Ainda durante o baixo volume das vozes na prece, Geninho não agüenta de nervoso, espia pela

cortina e me pergunta se a dona Dilma já chegou. Ela também só deve entrar no terreiro durante o ritual. Mando que se acalme e pare de falar antes que ele atrapalhe a oração do médiuns. Minutos depois, Rosana sai do salão e me pede para alcançar o telefone celular de Geninho que está com ele na camarinha. Ela liga para dona Dilma, que mora na quadra ao lado, avisando que já pode vir.

Finalmente chega a hora do ritual que marca a transferência pública da Tenda Espírita Santa Rosa de Lima para o novo pai-de-santo. Quatro yalorixás conduzem o *alá* até o portão onde dona Dilma já espera de roupa de santo branca e turbante prateado, da cor de sua mãe Yemanjá. Ela traz um buquê de flores nas mãos. A mãe-de-santo entra no terreiro e cruza todo o salão debaixo do *alá*. Depois disso é surpreendida com o pedido de que fale algumas palavras sobre a casa que reabre. Mas dona Dilma sabe lidar com o imprevisto muito bem e faz um pequeno discurso. Enquanto isso, Geninho continua nervoso na camarinha. Logo em seguida, ele sai todo de branco para debaixo do *alá* e vai salvar o terreiro. Todos ficam emocionados. Muitos olhos estão cheios d'água. Os dois irmãos batem atabaques para que o terceiro deles receba o comando do terreiro da tia.

Carlos Eugênio Arruda, o Geninho, é o novo pai-de-santo responsável pela Tenda espírita Santa Rosa de Lima. Um a um, os médiuns batem cabeça para o babalorixá em sinal de reverência e respeito, reconhecendo-o como o novo líder espiritual daquele grupo. Babás antigas, médiuns inexperientes, a própria mulher de Geninho, que é yalorixá e integrante do terreiro, todos se deitam aos pés do pai-de-santo. Ele faz o sinal da cruz nas costas de cada um, que em seguida se levantam e lhe beijam a mão pedindo a benção. O pai-de-santo também sempre faz uma reverência à pessoa que está lhe batendo cabeça. Os dois dizem juntos olhando nos olhos um do outro: “salve nossos anjos da guarda”.

Depois do ritual que transfere o poder para o novo pai-de-santo, sou chamada a ler meu texto. Todos em silêncio prestam atenção em cada palavra e alguns até consentem no que digo balançando a cabeça. Falo da fundação do terreiro, da união que eles têm e lembro a figura da Iansã de fala mansa, Mãe Hilca. Depois ainda leio um pequeno texto escrito por Toninho, que é o presidente do terreiro. Ele agradece o esforço de todos os que ajudaram a reabrir a Tenda e sutilmente critica os que tentaram impedir que isso acontecesse. Os médiuns também querem que seja lida uma carta enviada por Chico, filho-de-santo de dona Hilca, que escreve em nome do seu próprio terreiro. Chico envia palavras de incentivo e carinho aos seus irmãos. Por último, anuncio a homenagem que os médiuns fazem a Mãe Hilca, a placa e a foto dela na parede. Quem vem para descerrar a placa é Alécio, o filho de sangue da mãe-de-santo, que esteve junto dos primos para que o terreiro fosse reaberto, embora não faça parte da Umbanda. Ele entra no terreiro chorando muito. Diz que não esperava essa homenagem, nem ser chamado para participar dela. Alécio demora a conseguir falar essas e mais algumas palavras por causa do choro. Agradece o carinho que sempre tiveram com a mãe dele e caminha até o final do terreiro para tirar o linho branco de cima da foto da mãe. Dona Hilca aparece de roupa-de-santo, com um turbante na cabeça, em frente ao altar que tem um desenho com o sol, mar e nuvens. Ela está com olhos e sorriso marotos. Uma salva de palmas encerra essa parte do ritual.

O terreiro está reaberto. É hora de continuar a sessão e deixar os espíritos incorporarem. A nova chefe da casa, Yemanjá, é a primeira a chegar. Geninho gira com ela por todo o terreiro. Salva cada canto, cada médium. Ela tem um gingado que acompanha a batida do tambor. Na seqüência, giras de Iansã e Oxum. Ogum também é evocado na festa de reabertura da Tenda. Oxóssi fecha a cerimônia. O caboclo Mar e Mato é

também o novo dono da casa. Mas não esquece de homenagear e prestar reverência à cabocla Jurema, de dona Dilma, e ao caboclo Cajá, que incorporava em dona Hilca e foi o responsável pelo terreiro durante todo esse tempo. Com um longo cocar de penas brancas, verdes e azuis, ele puxa um ponto que fala dos três índios. Na hora, a maioria das pessoas aprende boa parte da música e canta com ele. Mas depois, não adianta perguntar para ninguém porque nem o ogã, Toninho, consegue lembrar de mais de uma frase completa. Após a sessão, todos ficam juntos no terreiro comendo bolo e conversando sobre o futuro. Uma das frases mais importantes é que o terreiro não está sendo reinaugurado, ele está reabrindo suas portas para os trabalhos.

Café doce e feijoada

A primeira sessão ordinária depois da reabertura acontece na semana seguinte, ainda no mês de maio. Os médiuns resolvem fazer uma sessão de preto-velho para lembrar a libertação dos escravos comemorada no dia 13. A sessão começa ao som da sineta nas mãos de Geninho. O ogã, Toninho, puxa o primeiro ponto com uma marca sutil da família Arruda, sobrenome dos três irmãos. O ponto de defumação abre a gira.

A Umbanda cheirou arruda
A Umbanda cheirou a guiné
A Umbanda cheirou alfazema
Com as ervas da Jurema
A Umbanda cheirou
A Umbanda cheirou
A Umbanda cheirou
A defumador

Fora do terreiro, os parceiros de Geninho na polícia também o chamam de Arruda. O pai-de-santo da Umbanda é policial da equipe anti-tóxico da Polícia Civil de Florianópolis. Vive dando batida nos morros e nas rodovias atrás de traficantes de drogas. Muitos médiuns dizem que ele realmente deve ser protegido pelos orixás porque já passou por muitas situações perigosas no trabalho. Agora, divide o tempo entre o trabalho na polícia e os trabalhos no terreiro. Mas pelo menos já conseguiu dispensa da polícia às sextas-feiras à tarde. Ele precisa agüentar cerca de quatro horas de pé, incorporando seus orixás e as entidades, como acontece nessa sessão de preto-velho.

O primeiro orixá a ser evocado é Xangô. Na mitologia dos orixás, Xangô é o pai da justiça, autoritário e poderoso. Tem sua origem no trovão e nas tempestades. Ele conquistou Iansã e a tirou de Ogum. As lendas sempre falam em muitos casos e casamentos, filhos abandonados e adotados. Oxum também foi mulher de Xangô e é filha adotiva de Oxalá, de quem se tornou a preferida. Além disso, ela seduziu Iansã, mas depois a abandonou. Todos os orixás têm algum tipo de ligação uns com os outros. Xangô também demonstra semelhanças com certas características da personalidade de seus filhos. Filhos de Xangô são conservadores, disciplinados e, às vezes intratáveis. Também conseguem colocar em prática todos os projetos fantásticos que esboçaram para si. A morada de Xangô é a pedreira.

Xangô

O rei de lá das pedreiras

Mamãe Oxum

Rainha da cachoeira

Xangô é rei

Xangô é rei-orixá
Escreve lei
Para os filhos de Oxalá

Depois das giras de Xangô, Nanã e Obaluaê, os médiuns fazem um intervalo para arrumar o terreiro para os pretos-velhos. Antes de todos saírem do salão, é lido um convite enviado por um outro terreiro para os integrantes da Tenda. Eles chamam para participar de uma festa junina e avisam que vai ter até concurso de quadrilha. Os médiuns podem formar um grupo e se inscrever. Sai todo mundo rindo e comentando como ficariam todos vestidos jeca. Durante o intervalo, cada médium arruma o banquinho e os objetos de seus pretos ou pretas-velhas.

A sessão recomeça com o ogã cantando para Pai Antônio, preto-velho de Geninho. Enquanto o ponto é cantado, um grupo de médiuns - quatro mulheres e um homem - sai para buscar as oferendas da festa. As mulheres usam lenço na cabeça e roupa de santo, é claro. O único homem, Geraldo, também cobre a cabeça com uma toca de padeiro para carregar as obrigações. O grupo entra dançando ao som dos atabaques. Geraldo traz na cabeça um prato de barro com couve à mineira. Rosana vem logo atrás com outro prato de barro apoiado no lenço. Uma mão segura a oferenda e a outra segura a ponta da saia para dançar para o santo. Assim vão dançando pelo terreiro um a um, com a vela acesa, o vinho, o cachimbo e o fumo. Depois de salvar o terreiro, eles deixam as comidas-de-santo no altar e continuam dançando até que o ponto acabe. Mãos apoiadas nos joelhos, eles se assemelham aos negros escravos velhos e curvados.

Pai Antônio é o primeiro a incorporar. O novo preto-velho chefe do terreiro é um velho gozador que adora fazer piadas e cutucar com a bengala preta e branca nas pernas de quem passa. Ele incorpora em Geninho e já sai

dançando pelo salão. Bate cabeça no altar e recebe sua bengala, seu cachimbo e seu chapéu de palha. Uma baforada para limpar o chapéu e ele pode continuar salvando o terreiro. Pai Antônio faz o corpo de Geninho dançar com muito ritmo. Um corpo magro, alto, de pele branca e barba na cara. O médium não retira suas pulseiras e um anel de ouro no dedo mínimo. O preto-velho senta no banquinho de madeira próximo ao altar.

O atabaque pára e ele começa a falar: “nessa Terra tudo é um ciclo. Pai Antônio tá muito contente porque agora eu vi quem tem fé, quem tem fé e respeito. Se o ciclo da Terra é desencarnar, por quê parar? Se na terra tudo parasse quando morresse, então o que seria daqui? Eu tô muito contente. E não só eu, mas todas as entidades dessa casa. Saravá todo filho de Umbanda!” Pai Antônio puxa o ponto seguinte. Depois pede para o ogã cantar um ponto para Vó Rosa, preta-velha de Mãe Hilca. Em seguida, todos os médiuns começam a dançar para o santo, esperando a vinda de suas entidades. Hoje é dia de feijoada e caridade.

*Lá vem vovó descendo a serra com sua sacola
Com seu rosário, seu patuá
Ela vem de Angola
Eu quero ver vovó
Eu quero ver vovó
Eu quero ver se filho de pemba tem querer*

Homens e mulheres dançam, se concentram e esperam a incorporação dos negros escravos. Quando começa a sessão sabemos identificar muito bem homens e mulheres. Mas é só as entidades começarem a chegar para que a nossa percepção pareça não ter mais tanta

certeza de estar identificando o gênero certo. A Umbanda (e, nesse caso, o Candomblé) subverte as fronteiras de gênero desde a concepção de Oxumaré, um orixá que é seis meses homem, seis meses mulher. O símbolo é o arco-íris. Os orixás masculinos e femininos incorporam em homens e mulheres. No caso das beijadas e dos pretos-velhos, apenas os espíritos masculinos trabalham com homens e mulheres. As pretas-velhas não incorporam em homens. Minutos depois que a dança começa, os pretos-velhos mais uma vez tomam conta da sessão. Nesse momento do ritual, estou sentada na assistência do terreiro fazendo minhas anotações sobre as dificuldades dos negros na época da escravidão - onde a liberdade era cultivada nas danças e nos deuses. Instantes depois, um ogã negro, Paulinho, puxa o seguinte ponto.

*O negro está molhado de suor
Feliz, feliz porque se libertou
Sinhá, sinhá
Segura o chicote
Não deixa bater
Reza uma prece
Pra negro morrer
Negro não quer mais sofrer*

O ogã silencia o atabaque e Pai Antônio manda servir a feijoada. Uma esteira de palha é esticada no meio do terreiro. Em cima, vão a panela com feijão e os alguidares de barro com laranja descascada, farinha e maçãs vermelhas. A feijoada começa a ser servida em pratinhos de barro. Para os “civilizados” da Terra, garfo de plástico. Os pretos-velhos dispensam o talher, seguram o prato com uma das mãos e um pedaço de carne seca com

a outra. Molham a carne na farinha e fazem “paco-paco”, como definem o verbo comer.

A portuguesa, Dina, trabalha há pouco tempo com uma preta-velha. O marido se espanta quando Paulinho vem lhe dizer que a preta-velha pediu café bem doce e cigarro de palha para a próxima sessão. Para essa sexta-feira, a cambone pegou emprestado de outro. Paulinho aconselha o marido da médium a preparar o café em casa e trazê-lo numa garrafa térmica. Ele ainda está meio descrente e diz que a esposa não gosta de café, nem de cigarro. “Mas a vovó gosta”, responde o ogã, que acompanha o senhor até a preta-velha. Na volta pergunto se a preta-velha queria tudo aquilo mesmo. Ele me fala rindo que sim. Paro minhas anotações para comer feijoada.

As sessões realizadas no terreiro reaberto após a morte de sua mãe-de-santo revelam um espírito de equipe mais forte que antes. Sem a presença da figura forte da mãe, o grupo sente necessidade de permanecer unido e atuar de forma coletiva, dividindo as tarefas e as decisões. Esse sentimento se reforçará nas sessões seguintes.

Gira de exu

Seu Sete Encruzilhadas veste roupas pretas, uma capa comprida preta com forro vermelho e um chapéu de feltro. Usa uma guia com miçangas pretas e vermelhas no pescoço. Na mão, uma garrafa de cachaça. Os atabaques param para Seu Encruza falar. “Vou falar pouco porque quem fala muito, fala merda. A casa está aberta de novo. Mas quem olhar bem vai notar uma diferença. Antes quem mandava era uma mulher (Tranca-Gira). Agora quem manda é um macho. Agradeço quem lutou por essa casa. Quem

gastou brungo (dinheiro), que ganhe em dobro. Agora, os exus e pomba-giras vão chegar pra trabalhar e pra fazer um beberico. Mas a hora que eu mandar embora é pra ir. Senão, quem não deixa voltar sou eu. Agora chega de falar porque quem fala muito, fala merda”. Seu Encruza termina seu primeiro discurso como o novo exu responsável pelo terreiro de Geninho. Depois manda puxar um ponto para a mulher dele e para Tranca-Gira.

Nessa noite também estou fotografando a sessão. Os médiuns vestem roupas pretas e vermelhas, algumas mulheres usam saias floridas e lenços brilhosos no cabelo. Mas antes da incorporação dos exus e das pomba-giras, as fotos parecem que vão sair sem cor. Aquelas roupas e adereços só ganham significado com seus donos e as donas usando e as exibindo com sensualidade. Os espíritos começam a incorporar. As blusas coladas começam a realmente parecer vermelhas e os babados ficam coloridos. As capas e chapéus ganham brilho. Em poucos minutos a sessão se transforma, as pomba-giras e os exus saem rodando pelo salão.

Uma das pomba-giras se aproxima e começa a observar o que eu faço. Ela usa uma saia com estampa de flores coloridas com uma blusa vermelha de babado. Nossos olhares se encontram. Eu sorrio para ela. A cigana joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada. Parece que a pomba-gira está posando para a câmera. Aproveito o interesse dela e tiro algumas fotos. Depois ela sai e vai girar no salão.

Vejo crianças assistindo a sessão. A presença delas em giras de exu não é muito comum. É um universo sem pudores. Exus e pomba-giras dançam juntos em coreografias sensuais e até eróticas. A bebida e o cigarro são liberados. Às vezes, os próprios adultos têm medo do visual orgiástico. Mais que isso, muitos temem que seus segredos sejam revelados pelas línguas ferinas dessas entidades. Todos desconfiam da ética dos exus e das pomba-giras. Muitas vezes, eles pregam peças mesmo. Chegam no ouvido

de alguém e largam um informação que mais ninguém, além daquela pessoa, sabe. O medo é que a informação vaze.

Enquanto fotografo, vem sempre uma pomba-gira ou um exu e me oferece um gole de bebida, como uma espécie de saudação. Dou um gole pequeno. Mas são tantas ofertas que já provei de tudo, de champanhe a whisky sem gelo. Um dos exus reclama que lhe deram a bebida errada. Avisa que hoje, não está muito bom. Uma yalorixá pergunta a outro exu se pode colocar gelo na bebida porque o médium tem problemas no estômago. O exu agradece e responde que a bebida quente pode fazer mal para o “aparelho”, mas que “essa pedra branca” faz mal para ele. Dá uma gargalhada e oferece um gole do seu whisky. Cumprimenta a Babá tirando o chapéu, arruma a capa preta de veludo e vai falar com outras pessoas.

A cigana Estrela chega perto de mim, me dá uma abraço (saudação usual de exus e pomba-giras) e oferece um pouco de champanhe. Depois de devolver a taça, comento que soube que ela vê a sorte nas cartas. Márcia, a médium que trabalha com ela, me contou que não sabe onde guardou o baralho da cigana. Como ela não acredita em cartas, nunca levou o baralho para a sessão. Agora a cigana exigiu, e Márcia não consegue encontrar. A pomba-gira me fala a mesma história, só que avisa que a médium não vai achar as cartas. Ela vai ter que comprar um jogo novo. Quando ela fizer isso, vai encontrar o baralho antigo. Só para aprender a trazer as coisas dela.

A pomba-gira de minha mãe, a cigana Alexandra, faz passagem para outra médium mais nova no terreiro. Quando duas pessoas que trabalham com uma só entidade estão na mesma sessão, o espírito não chega a subir de uma para depois chegar na outra. Ele faz passagem direto. Alexandra que está incorporada em minha mãe se aproxima de Andréa, a outra médium, e lhe segura as mãos. Ambas começam a sacudir o corpo. Em segundos a cigana deixa de comandar o corpo da primeira médium para trabalhar no

corpo de Andréa. A yalorixá que incorporou Alexandra no início da sessão trata a médium jovem que está com sua cigana com todo cuidado. Pega o lenço prateado que usava com a pomba-gira e recoloca nela, agora em outro corpo. A jovem médium ainda se adapta com a entidade (está desenvolvendo, como eles dizem). A cigana diz que precisa da ajuda e da confiança de Andréa para trabalhar com firmeza.

A sessão dura até às 2h da madrugada. Só estão incorporados ainda o Seu Encruza (de Geninho), a pomba-gira Menina (de Rosana) e Maria Padilha. Padilha incorpora em Chico, um ex-médium da Tenda que apareceu no final da sessão para fazer uma visita. O exu Encruza dá uma outra explicação para a visita do médium. Maria Padilha é mulher de Encruza e ele tinha que trazê-la para perto nessa sessão. Diz que custou, mas conseguiu. Os dois dançam juntos. Ele incorporado em Geninho. Ela no corpo do visitante. Ficam até o final e sobem juntos. Seu Encruza diz que a única corajosa que ficou com eles foi a Menina. Depois de beber duas garrafas de whisky, o exu já fala atrapalhado como um bêbado. Os olhos quase fecham e o corpo do médium cambaleia ao caminhar pelo salão. Antes de ir embora, as três entidades dançam alguns pontos. Encruza se aproxima de onde estou sentada e fica me olhando fixo. Um olhar forte que não precisa de palavras. A primeira reação normalmente é desviar o olhar. Mas resolvo testá-lo como imagino que faz comigo. O tambor continua tocando a música e os médiuns batem palmas e cantam. Passa cerca de um minuto e nenhum de nós desvia o olhar. Começo a sorrir e ele solta uma gargalhada. Se afasta e vai dançar com Menina e sua mulher. Antes de subir, Encruza ainda beija as médiuns no rosto e causa ciúmes debochados em Maria Padilha. Um bate cabeça para o outro e vão embora.

A sessão termina com uma oração. As cortinas do altar são abertas - sempre fecham em gira de exu porque é o povo da rua. Os médiuns ficam

de joelhos e rezam o Pai Nosso e a Ave Maria. As mulheres que estão de saias pretas levantam uma das anáguas brancas que vestem por baixo para cobrir o preto em frente ao altar. Um dos homens que está todo de preto também fica atrás da anágua da irmã-de-santo. Após o encerramento da sessão, algumas pessoas ainda ficam conversando. Entre ela, Geninho e Chico. Eles ignoram o que fizeram juntos Encruza e Padilha. Também não há sinal algum das duas garrafas de whisky que Seu Encruza bebeu incorporado em Geninho. O pai-de-santo está completamente sóbrio. Saem todos conversando e a luz do terreiro é apagada. Na semana seguinte tem mais sessão de *Almas e Angola* na Tenda Espírita Santa Rosa de Lima.

GLOSSÁRIO

Assistência - as pessoas que vão ao *terreiro* para observar o ritual e consultar com os espíritos; local do terreiro onde essas pessoas são acomodadas em banco de madeira, de frente para o ritual. Normalmente há um pequeno muro para separar a *assistência* do salão onde acontece a *sessão*.

Babalorixá - denominação do homem que equivalente a *yalorixá*.

Bater cabeça - ato de reverência. A pessoa (ou o *orixá*) encosta a testa no chão diante de quem está reverenciando. As situações em que se *bate cabeça* aparecem em vários momentos. Um *orixá bate cabeça* para o outro, para um *pai* ou *mãe-de-santo* e diante do altar. Um *médium* também *bate cabeça* para o *orixá*, aos pés do altar e para outro médium de grau mais elevado na hierarquia.

Bater para o santo - realizar a *sessão*.

Camarinha - ritual de passagem que caracteriza a aquisição de mais um posto dentro da hierarquia da Umbanda.

Cambone - pessoa responsável por servir aos *orixás* e *entidades* incorporados os seus objetos de uso pessoal como charutos, bebida, etc. O posto pode ser ocupado por homens ou mulheres, sem dar incorporação. Quando isso ocorre a pessoa deixa de ser *cambone* para se tornar médium do terreiro.

Casa-de-santo - o mesmo que *terreiro*.

Centro - outro nome dado ao *terreiro*.

Corrente - é o conjunto dos *médiuns* dentro do *terreiro*. Eles ficam posicionados em duas filas (correntes) - uma composta pelas mulheres e outras pelos homens. Também pode designar a ligação das energias de todos os *médiuns* presentes à *sessão*. Podem ser ouvidas algumas expressões do tipo "*a corrente hoje estava forte*", "*fulano quebrou a corrente*".

Dar incorporação - o mesmo que incorporar.

X

Despacho - oferenda feita aos exús e pomba-giras; eliminação de qualquer objeto ou *trabalho* do ritual. No caso do *despacho* de objetos, o método mais utilizado no cotidiano é a cremação. O *despacho* também pode ser feito no mar, na cachoeira.

Entidade - termo que designa os espíritos que já tiveram um corpo na Terra e agora participam da Umbanda como espírito. Às vezes, aparece como designação também dos orixás, não fazendo distinção entre os orixás e esses espíritos.

Feitura - o mesmo que *camarinha*. Ser “feito no santo” significa ter passado por este ritual.

Filho-de-santo - todo integrante da Umbanda escolhe uma *yalorixá* ou um *babalorixá* para ser seu sacerdote e, com isso, torna-se filho ou filha-de-santo desta pessoa.

Gira - o mesmo que *sessão*. Também pode ser usado para designar partes de uma *sessão*. Como não se fala *sessão* de *orixá*, diz-se gira de Obaluaê, por exemplo, que acontece no dia da *sessão* de preto-velho.

Guia - mesmo que entidade; colar feito de miçangas.

Incorporação - estado de posseção pelo espírito (“está incorporado”, “pegou o santo”, “recebeu o santo”)

Mãe-de-santo - denomina a mulher que atingiu o grau máximo na hierarquia da Umbanda. A *médium* passou por todas as *obrigações* de *camarinha* do ritual. Também pode ser aquela que tem *filhos-de-santo* e é dona de *terreiro*.

Médium - pessoa que possui a potencialidade de incorporar os espíritos.

Obrigação - qualquer tipo de oferenda aos espíritos. O termo pode ser utilizado para falar de uma *camarinha* (fazer obrigação de *camarinha*), de *comida-de-santo* (dar obrigação para o santo).

Ogã - integrante do *terreiro* responsável por tocar o atabaque durante as *sessões*. Pode ou não ser *médium*. Quando não é *médium*, faz *camarinha* exclusiva para *ogã* - torna-se *ogã* coroadado.

Orixá - deuses da Umbanda. Esses espíritos nunca viveram na Terra - são apenas energias da natureza - se manifestam nos médiuns durante as *sessões*.

Pai-de-santo - denomina o homem que tem as mesmas atribuições da *mãe-de-santo*.

Ponto - cântico entoado ao *orixá* e à *entidade*. Os temas são relacionados às características de sua personalidade e às lendas que envolvem cada um deles.

Puxar o ponto - iniciar o canto. Uma pessoa, geralmente o *ogã*, começa a cantar sozinha o *ponto* e, em seguida, é acompanhada pelos demais *médiuns*. Receber o santo (ou entidade, orixá) - incorporar determinado espírito.

Sessão - ritual realizado no *terreiro* uma vez por semana destinado a *incorporação* dos *orixás* e *entidades*. Os *médiuns* dizem, por exemplo, que na sexta-feira tem sessão de caboclos.

Subir - determina o final do transe, quando a *entidade* ou o *orixá* se desliga do corpo.

Terreiro - casa de culto. Local onde é realizado a maior parte dos rituais, o templo. Pode ser chamado de Centro, Tenda ou Casa.

Trabalhar - atuação dos médiuns no terreiro. Pode aparecer designando a participação do *médium* na *sessão*.

Trabalho - qualquer feitiçaria feita no ritual quando o *médium* está incorporado ou não.

Yalorixá - grau máximo na hierarquia da Umbanda para a mulher. O mesmo que *mãe-de-santo*, só que não necessariamente tem *filhos-de-santo* ou *terreiro*. Também chamada de Babá.

O QUE LER PARA CONHECER MAIS

BIRMAN, Patrícia. "O que é Umbanda". Coleção primeiros passos. Ed. Brasiliense, SP.

"Fazer Estilo criando gêneros". Possessão e diferenças de gênero em terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro.

ORTIZ, Renato. "A morte branca do feiticeiro negro". Umbanda e Sociedade Brasileira. Ed. Brasiliense.

VELHO, Yvonne M. Alves. "Guerra de Orixá". Um estudo de ritual e conflito. Ed. Zahar.